Agricultura: 22ª Feira levou 800 mil a Santarém

Ramalho Eanes e Freitas do Amaral encontraram-se ontem durante a visita de ambos à Feira Nacional de Agricultura e há quem pense que isso não aconteceu por acaso. Acidentalmente ou não, o aperto de mão do actual Presidente da República a um dos potenciais candidatos a Belém foi momento significativo da XXII FNA que ontem terminou na capital do Ribatejo e que durante os seus onze dias terá sido vista por por cerca de 800 mil pessoas — recorde da Feira Nacional de Agricultura.

Pág. 7

Manuela Eanes, Alberto Amaral, Hermínio Martinho e Henrique de Barros

Novo partido pronto a concorrer a todas as eleições

PRD não põe em dúvida futuro apoio de Eanes

Para além de ter encerrado o ciclo da sua gestação, como referiu Hermínio Martinho no discurso de encerramento, a Convenção Nacional do PRD fechou também o ciclo das dúvidas sobre o apoio de Eanes a este partido. A oresença da dr.ª Manuela Eanes, dos principais colabordaores do Presidente, incluindo as suas seccretárias de Belém, serviu para desfazer todas essas dúvidas. Henrique de Barros revelaria por outro lado, no seu discurso com largas citações de Raul Proença, que fora a dr.ª Manuela Eanes quem mais ajudara a convencê-lo a aceitar o cargo em que acabava de ser investido.

Pág. 5

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 784 Segunda-feira, 17 de Junho de 1985 Preço 40$00

Para dar conta da sua decisão face à crise política

Presidente vai falar ao País

Ramalho Eanes preside à reunião do Conselho de Estado

O Presidente da República deverá fazer uma comunicação ao País ainda duranta esta semana, anunciou hoje de manhã uma fonte de Belém. Ramalho Eanes irá provavelmente dar conta da análise que faz da situação política e dos meios de a desbloquear. Hoje mesmo devem ser dados alguns passos nesse sentido. O Presidente encontra-se reunido em Belém desde as dez da manhã com o Conselho de Estado, convocado para se pronunciar nos termos constitucionais. Imediatamente antes da reunião, foram empossados dois novos conselheiros — o novo provedor da Justiça, Ângelo Almeida Ribeiro e Leonardo Ribeiro de Almeida que ocupa o lugar deixado vago por Mota Pinto. A reunião começou sem a presença do presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral que chegou mais tarde à residência do Presidente, de táxi. Curiosamente, o motor e principal responsável da crise governamental e da queda do Governo não participa na reunião. Apesar de ser líder do PSD, Cavaco Silva não tem assento no Conselho de Estado.

Pág. 4

Um dos piratas chiitas dispara para o ar para afastar «curiosos»

Odisseia do avião da TWA

Vidas de 40 reféns nas mãos do Amal

O movimento chiita libanês, Amal, encontra-se em estado de «alerta máximo» no aeroporto de Beirute, e o seu líder, Nahib Barri, é o **pivot** das dûras negociações que, por telefone, e com diversos governo (sobretudo o dos EUA) prosseguem a fim de pôr termo ao drama do aviãoi da TWA, desviado na sexta-feira, em Atenas, e a bordo do qual se encontram ainda entre 30 a 40 pessoas. O envio de um grupo de operações antiterrorista e a presença ao largo do Líbano de navios de guerra dos EUA fizeram supor que Reagan iria ordenar uma «operação de resgate». Isso foi entretanto desmentido, dizendo-se que operação planeada foi posta de parte por «inviábel».

Pág. 13

DESCUBRA PORTUGAL começa daqui a dias

O grande concurso DL/85

64 grandes prémios

Um automóvel Peugeot 104 ZL — Conjuntos vídeo Philips — televisores a cores Philips — gravadores vídeo Philips — Compacto HI-FI Philips — Computadores pessoais Philips — Frigoríficos e congeladores Philips — Rádios, máquinas de barbear e de café e muitos outros electrodomésticos Philips.

Dentro de dias vai começar, nas páginas deste jornal, um grande concurso comemorativo dos 64 anos de vida do «Diário de Lisboa». Jornal independente, vivendo desde sempre exclusivamente dos seus leitores e dos seus anunciantes, o «Diário de Lisboa» vai dar prémios àqueles que realmente o apoiam, e são a defesa da sua vida, os dinamizadores da sua expansão, os garantes da sua continuidade.

É FÁCIL CONCORRER
Compre o "Diário de Lisboa" e concorra!

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
☎ 88 27 86
89 98 26

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA ● SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B ● R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

Contra a dependência externa em alimentos

Vem aí o triticale

Fernando Oliveira NP DL

Forte, feio mas generoso, um novo cereal inventado pelo homem poderá ser para Portugal uma importante ajuda na luta contra a dependência externa em alimentos.

Portugal nunca será auto-suficiente em cereais mas a sua dependência externa nesse sector poderá ser substancialmente reduzida, através do melhor aproveitamento dos solos, por um lado, e da introdução em larga escala de uma nova cultura: o triticale.

Aquilo que os investigadores e técnicos já consideram desde há uma dezena de anos como «o cereal do futuro» é um cruzamento provocado pelo homem entre o trigo e o centeio, aliando níveis de produção e qualidade que se aproximam do primeiro e resistência que ultrapassa as do segundo.

Com solos na sua generalidade pobres, Portugal importou nos últimos dez anos uma média de 75 por cento do que come, e a componente cereais é de longe a que mais contribui para esse défice alimentar.

«O País nunca poderá ser auto-suficiente em cereais, mas isso não quer dizer que não possa reduzir substancialmente a sua dependência externa, quer através da redução de áreas de cultura para zonas verdadeiramente apropriadas (caso do trigo e do milho), quer através da substituição gradual mas generalizada da cultura do centeio e da aveia pela do triticale» — disse à NP Francisco Bagulho, engenheiro-agrónomo da Estação Nacional de Melhoramento de Plantas, em Elvas.

Um «histórico» da introdução do triticale no País, Francisco Bagulho já dedicou mais de 20 anos da sua vida à investigação e à aplicação prática deste cereal artificial na realidade portuguesa.

Não resolve tudo

«Não podemos embarcar, à boa maneira portuguesa, na esperança de que o triticale seja a solução para todos os nossos problemas cerealíferos, mas não arriscaria muito em dizer que esta planta tem as condições ideais para os solos portugueses» — disse.

Na verdade, o triticale dá-se melhor do que todos os outros cereais em solos ricos em ácidos e pobres em fósforo, exactamente aquilo que se passa com a maioria dos terrenos de sequeiro em Portugal.

«A tendência será para diminuir cada vez mais as áreas de cultivo dos cereais, atingir nas que são realmente boas para isso os níveis de produção da Europa Ocidental e, aliando a isso uma introdução generalizada do triticale, conseguir reduzir drasticamente a nossa dependência» — sublinhou o técnico.

As zonas de Trás-os-Montes, Beira Interior e raia do Baixo Alentejo, com solos pobres, poderão ser as áreas ideais para o cultivo do triticale.

Aliás, os dois sítios onde hoje existe investigação sobre o novo cereal e campos experimentais com resultados já comprovados são o Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto-Douro (IUTAD), em Vila Real, e a Estação de Melhoramento de Plantas, em Elvas.

Não há propriamente estatística agrícola em Portugal, mas, pela quantidade de sementes vendidas pela EPAC aos agricultores calcula-se que a área de cultivo do triticale já seja neste momento em Portugal da ordem dos 5 mil hectares, o que os técnicos consideram infinitamente pouco.

Cerca de 800 mil hectares são actualmente dedicados no país à cultura de cereais. Para Francisco Bagulho essa área terá de ser drasticamente reduzida, para a ordem dos 300 mil hectares, mas nessa nova área com produções que ultrapassem as actuais.

História de 50 anos

«Isso é perfeitamente possível, com investigação e esclarecimento, pois basta dizer que só cerca de 8 por cento dos cerealicultores portugueses sabem o que é uma monda química...» — disse ele.

Enquanto o trigo ou o milho são cereais conhecidos desde há mais de 12 mil anos, sofrendo ao longo desse período enormes melhoramentos genéticos, através de selecções sucessivas de sementes, o triticale tem uma história curta de 50 anos.

A importância potencial do triticale, o primeiro sintetizado pelo homem, tem levado a que muitos países lhe dediquem planos de investigação e melhoramento.

De entre muitos outros, citam-se pelo volume e importância do trabalho realizado, a Suécia, os Estados Unidos, o México, o Canadá, a França, a Hungria, a URSS e a Espanha.

Um programa de âmbito internacional e realizado pelo CIMMYT (Centro Internacional de Mejoarimento de Maiz y Trigo) e enconta-se em Portugal um técnico da organização, a trabalhar com o Ministério da Agricultura e Pescas.

«Neste momento, o triticale tem um aproveitamento para farinha inferior em cerca de 10 por cento, comparado com o trigo, mas a investigação deverá levar a que daqui a dez anos a percentagem possa ser igualada, ou mesmo ultrapassada» — garantiu Francisco Bagulho.

Para que a lavoura portuguesa entre verdadeiramente no mundo e nas vantagens do triticale, aquele técnico defende a criação imediata de um «plano nacional integrado» para o cereal.

Conjugando a vertente investigação com a sua aplicação no campo, devidamente acompanhada e incentivada pelos organismos oficiais, esse plano demonstraria as vantagens do triticale em determinadas condições, tanto para uso em pastagem como para a farinação (rações para animais e massas para alimentação humana).

Não há sementes

Apesar de ainda pouco divulgado, o triticale já sofre em Portugal de um mal que se generalizou um pouco por todos os países onde se encontra: as sementes esgotam-se e não chegam para as encomendas.

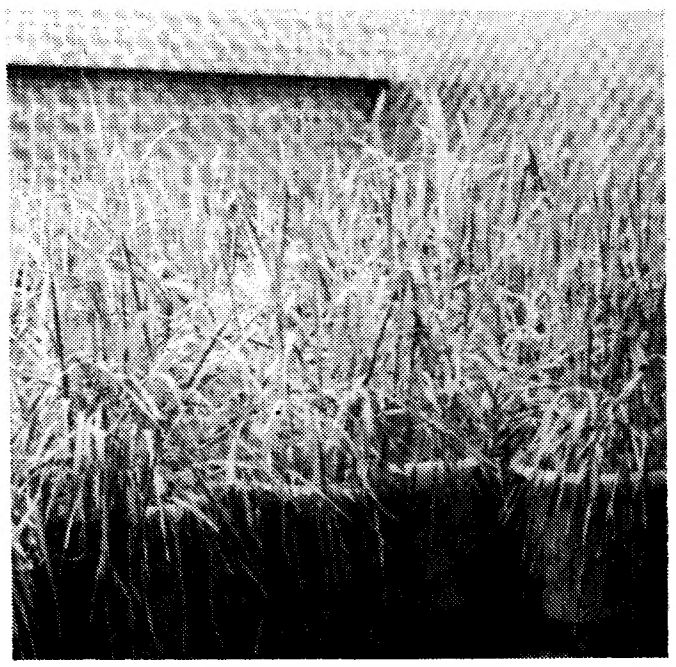
A EPAC mantém de momento o monopólio de venda dessas sementes, recolhendo também a esmagadora maioria da produção. «Ainda hoje, em feiras agrícolas ou demonstrações, agricultores surripam algumas sementes de triticale, tal é a ânsia de as experimentar nos seus terrenos» — disse um técnico do IUTAD.

O «patinho feio» dos cereais, os seus grãos são fortemente enrugados, e isso é psicologicamente importante para produtores e industriais de moagem, o triticale resiste melhor às doenças e tem mais uma vantagem: alia o elevado teor total de proteína do trigo com o elevado teor de lisina no centeio, apresentando assim um valor biológico superior, quer em relação ao «pai» como em relação à «mãe».

Este factor permite, por exemplo, que o triticale, quando utilizado em rações, necessita de menos suplementações de farinha de peixe ou de soja, ou outro suplemento da ração, diminuindo, portanto, o custo da mesma.

Portugal detém no sector dos cereais uma posição pouco invejável: uma das médias de produção por hectar mais baixas da média mundial — 1,7 toneladas por hectar num ano bom... contra as 5/6 mil toneladas na CEE e as quase 2 mil toneladas mundiais.

Triticale, sim ou não? Em Portugal tudo indica que o caminho é em frente, e em força.



ASSEGURE OS EXEMPLARES DO "DL" NECESSÁRIOS PARA CONCORRER

CONCURSO ANIVERSÁRIO

Leitor amigo, não se fie no acaso; reserve o "Diário de Lisboa" no seu vendedor habitual e, se não tiver nenhum posto de venda próximo, ou se por qualquer outro motivo quiser garantir os seus cupões para o concurso, preencha com letra bem legível este talão, junte um cheque ou vale do correio de 960$00 (ou 1920$00 para as 2 séries) e envie-nos. Aproveite este preço especial que fazemos para o período do concurso e, além de poupar, terá a certeza de ficar habilitado a concorrer.

ASSINATURAS DL

(VIA NORMAL

PARA O CONTINENTE E ILHAS)

Considerem-me assinante a partir do dia _____ de _____ de 1985
pelo período correspondente a ☐ 30 jornais (concurso — 1 série) — (960$00)
☐ 60 jornais (concurso — 2 séries) — (1920$00)

NOME .....

MORADA .....

Juntar cheque ou vale de correio e enviar para:
"Diário de Lisboa" Rua Luz Soriano, 44 — 1200 Lisboa

(NÃO ESQUEÇA O CÓDIGO POSTAL)

JOVENS PUDESSEM... SE OS

Luís António Cotrim, 16 anos, estudante

"Bebíamos alcool e gozávamos com as pessoas"

— O que estuda?

— Estou a fazer o curso nocturno intensivo, que corresponde ao 7.º, 8.º e 9.º anos.

— Porquê este tipo de curso?

— Como não consigo fazer um ano inteiro, porque chego ao fim reprovado por faltas, os meus pais acharam que talvez assim eu tivesse mais hipóteses mas eu não tenho grandes esperanças, uma vez que continuo a faltar. Acho tudo isto muito «chato», preferia o tempo em que estava a trabalhar.

— O que fazia?

— Trabalhava num restaurante atrás do balcão, era barman.

— Que idade tinha nessa altura?

— Foi o ano passado, tinha de 14 para 15 anos.

— Porque resolveu começar a trabalhar?

— Achei-me com necessidade de o fazer para ocupar o tempo, pois de contrário desleixava-me muito e acabava por entrar em más companhias.

— Quem é que considera más companhias?

— Para mim eles não são más companhias, os meus pais é que achavam. Era malta mais vivida, mais revoltada. Os piores.

— Como é que os conheceu?

— Andei com eles na escola, desde a 1.ª classe. Mas ainda me dou bem com eles, e até bastante.

— Acha que esses rapazes o influencia na tomada de decisões?

— Sim, um bocadinho, mas não muito porque eu gosto de pensar por mim. No entanto eu também os influenciava, e por isso éramos um verdadeiro grupo.

— O que costumavam fazer quando estavam juntos?

— Bebíamos bastante álcool e gozávamos muito com as pessoas, principalmente isso. Destruir, destruíamos pouco, tínhamos uma certa consciência. E depois chegávamos a casa muito tarde, perdíamos a noção do tempo, e por isso é que eu faltava às aulas.

— Que idade tinha nessa altura?

— Uns 13, 14 anos, à volta disso.

— E hoje, continua a «curtir» dessa forma?

— Não. A gente cresce, não é? Temos outros objectivos, encontramos uma namorada, ela não gosta que façamos isso e a coisa muda.

— Como classifica agora o que fazia nessa altura?

—Acho que era o desejo, a vontade de ser mais livre, mais independente. Aquela foi a maneira que encontrei para o exprimir.

—Se pudesse governar o que é que começava por mudar?

— A primeira coisa era acabar com o exército, a tropa e essas cenas todas. Era o princípio do fim da violência e da competitividade.

Nasceu em Tomar com a benção de Eanes

NESTA página, em notas há um ano publicadas, precisamente a 19 de Junho de 1984, escrevemos sobre: o projecto «eanista». Considerávamos como sendo natural que o **partido novo** escolhesse Eanes. E dizíamos: «Aproxima-se a hora de Eanes, sem ambiguidade, escolher o **partido** e a forma de intervenção». Ontem, em Tomar, ficou constituído o partido. Eanes designado como líder.

Há um ano, «a hora de Eanes» decidir, decidir-se, aproximava-se. Agora esse tempo de decisão política está a esgotar-se. Termina a 14 de Julho. E se não deverá ser utilizado a favor do **novo partido,** seria um erro político que a perspectiva de uma possível alteração de correlação de forças na Assembleia da República, não fosse tida em conta nas decisões que ao Presidente da República cumpre tomar.

Há um ano escrevíamos: «A calendarização adoptada pelos que a si chamaram a iniciativa parece estar dependente do sujeito passivo da acção (Eanes) e das circunstâncias políticas, a arrastada agonia do «Bloco Central», a apresentação pública de candidaturas presidenciais, a redefinição do Movimento de Aprofundamento da Democracia (MAD), a redifinição dos «espaços políticos» e das estratégias partidárias dos grandes partidos parlamentares com excepção do PCP. Com efeito, dos quatro grandes, só o Partido Comunista — e por razões óbvias — se pronunciou favoravelmente a uma recomposição do quadro partidário.»

Não haverá que alterar o que se transcreve: «O aparecimento de novas forças políticas não é do agrado dos partidos políticos que dominam o quadro partidário parlamentar. E não será o suspeitado «eanismo» de qualquer força nova que inspira as reservas, que suscita as antipatias...

... Porque o verdadeiro problema que se coloca ao conservadorismo da «classe política» não é tanto o aparecimento do «partido eanista» como o aparecimento de um «novo partido». Admitida que seja a hipótese de um «novo partido» ser, quanto ao programa, quanto ao projecto nacional, quanto aos quadros dirigentes, um «partido novo».

Em 19 de Junho de 1984, era nossa opinião que de sentimento de admiração por um homem político, o «eanismo» teria que se converter em «organização» e em «programa». De um «movimento» parapartidário que «segundo as aparências e as informações» estava a dar «passos prudentes, mas seguros», para uma concretização a curto prazo, escrevíamos: «Nessa via, sendo incontestável a urgência de responder politicamente ao movimento de opinião e de lhe imprimir estrutura e consistência partidária, a elaboração de um programa claro e portador de uma alternativa democrática e constitucionalista é a tarefa que os promotores terão que empreender. O lançamento de uma nova força política não pode limitar-se à publicação de um manifesto que anuncie propósitos e justifique intenções. Apelar para **um homem,** seja ele general de quatro estrelas e, no momento, Presidente da República, é uma saída redutora do próprio movimento de opinião e frustrante qualquer que seja a superstição sebástica de um herói-salvador.

A democracia só se regenera democraticamente. Os homens da «Seara Nova», críticos com mil boas razões do parlamentarismo republicano, incorreram na ilusão da «governação excepcional». Não se repita o erro. E é, talvez, um dos aspectos positivos do movimento de opinião que se vai concretizando e que promete para breve adoptar formas concretas de organização e de intervenção, o de partir de homens com a experiência de gestão autárquica e empresarial, com o treino de lidarem com os problemas concretos do «país da realidade» (Herculano).

Não se esqueça, porém, que o «empenhamento nacionalista», que um Eanes considera «empenhamento democrático», deverá contar com o apoio dos trabalhadores da cidade e do campo, das herdades colectivas, das cooperativas, das fábricas, das oficinas, dos serviços. Não se esqueça que a batalha da democracia é batalha da produção e da produtividade. Não se esqueça que a crise nacional terá que ser vencida com austeridade, sem dúvida, mas com austeridade democraticamente partilhada, e com trabalho, e com inteligência, e com imaginação.»

E acrescentávamos, há um ano, nestas notas cursivas: «Não se esqueça também, que a democratização terá que ser, à luz de um real (e democrático, não-conservador) «empenhamento nacionalista», descentralização, regionalização. Ao movimento de que os ex-CNARPE são animadores corresponde uma posição antiburocracia do Estado e anti-Lisboa (Terreiro do Paço, S. Bento, Gomes Teixeira). É a província esquecida, não ouvida, reduzida ao apagamento ou obrigada a suplicar favores, que pede a palavra. Que decide fazer-se ouvir nas questões da **região,** da **nação** e do **Estado.**»

Afigurava-se-nos que os «quadros» democráticos da província protagonizavam sob a bandeira (ainda vaga) do «eanismo» (de um «eanismo» sem ideologia, pragmático), a rebelião do «país da realidade» contra **um** «país político» que se mostrava incapaz de cumprir Abril, de corresponder à pura esperança e à vontade de mudança.

A **crise** já então inspirava as maiores preocupações. A governação do «Bloco Central», a sua arrastada agonia, a ruptura, vieram agravar a **situação de crise.** E perante esta **situação de crise,** nos seus aspectos estruturais e nos seus aspectos institucionais e políticos: «Sabemos que nenhum partido, por si só, com o seu programa e os seus militantes, poderá resolver o problema nacional. Impõe-se a cooperação aberta, a clara convergência dos esforços. O novo partido que se reclame do «eanismo» terá que optar, que escolher os aliados.»

Citamos prosa velha de 1984. Mas a situação política apresenta hoje, em Junho de 1985, lavrada em Tomar a certidão de nascimento do Partido Renovador Democrático (PRD), as mesmas exigências. A morte natural do «Bloco Central» e a emergência de uma nova «Aliança Democrática», reduzindo o espaço de manobra política do Partido Socialista, afunilando virtualmente o espaço eleitoral de Mário Soares, a relativa indefinição do «projecto» de Maria de Lurdes Pintasilgo, o silêncio táctico da APU, criam ao «novo partido» uma situação particular. Ele poderá vir a ser o eixo de uma nova maioria democrática e constitucionalista, se...

Se tiver êxito como **partido novo.** Às possibilidades políticas que se lhe abrem, acaso ampliadas pela presente situação de crise, deverá corresponder um grande esforço de organização e de clarificação. Cessou o período da nebulosidade sebeística, chegou a fase da clareza política, da coragem política, da audácia democrática, da imaginação.

Da Convenção de Tomar à Assembleia da República há um longo caminho a percorrer. Os prazos são curtos.

Valerá o ouro o seu preço?

O ouro merece o seu lugar? Não são só a sua rareza e as suas propriedades que entram em linha conta. Há outros factores que a visita a uma mina faz aparecer: a importância da infra-estrutura necessária à sua extracção e, sobretudo, a quantidade de suor que isso necessita. Um suor que, de resto, não custa muito caro e que dá muitíssimo dinheiro.

O **Anglo-American Corporation,** imenso trust sul-africano, explora doze dos trinta e quatro grandes «locais». Vaal Reefs é um deles. Nove poços a duas horas de caminho a Sudoeste de Joannesburgo, dessa famosa cintura doirada, a cavalo sobre o rio Vaal. Expressão muito apropriada porque esse arco se assemelha muito a uma ferradura.

Há 2400 milhões de anos que o ouro arrastado pelos rios se depôs nos 50 000 quilómetros quadrados daquilo que outrora era o mar. Pequenos estratos, mais ou menos largos, mais ou menos profundos, hoje prisioneiros da rocha, e que é preciso libertar com um esforço gigantesco. Esses estratos são aqui chamados **reefs.**

Os poços encontram-se distribuídos numa extensão plana, monótona, um pouco triste. O poço número 4 não difere dos outros.

O silêncio impõe-se por si próprio

No meio dos «terrils» e de todo o ambiente industrial, um paralelipípedo de betão a que estão presos os monta-cargas que trabalham vinte e quatro horas em vinte e quatro, transportam trabalhadores e mineral. Movimento perpétuo trazendo à luz, através desse buraco, homens exaustos, e, o preço dessa fadiga, montanhas de ouro. 82 toneladas em 1984. Vaal Reef é o terceiro produtor no mundo, depois da URSS e de toda a África do Sul. Mais de um décimo da produção nacional.

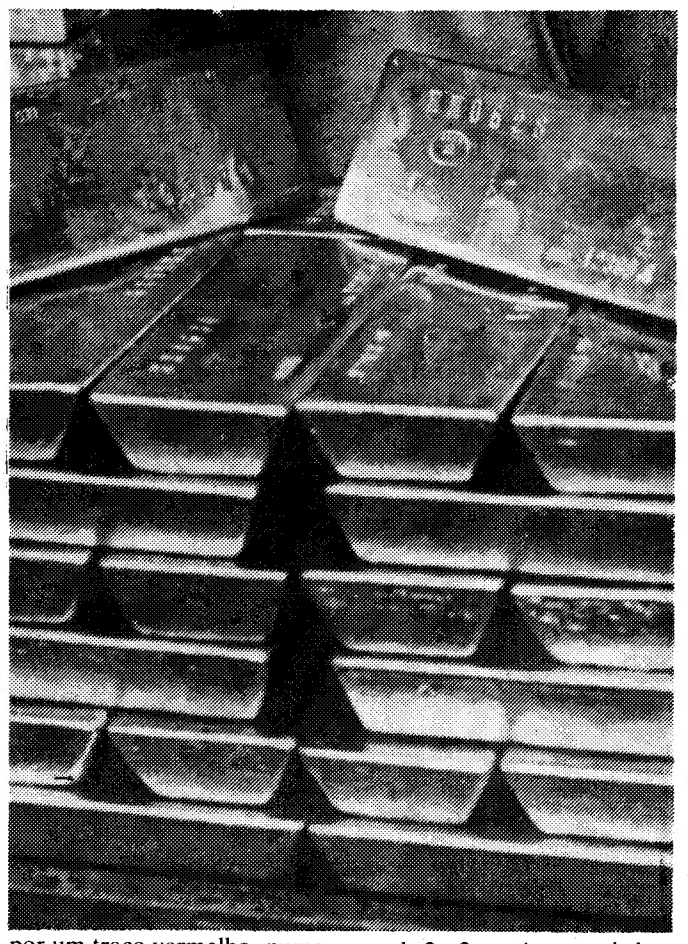
Com capacetes e botas, começa a descida dos mineiros. Um mergulho de alguns minutos nas entranhas da Terra, e os 6600 pés — um pouco mais de 2000 metros — são atingidos. Ao mesmo tempo um pequeno aperto no coração, mas o silêncio impõe-se por si próprio como se o escutar do mundo do interior tivesse começado.

Não é mais do que o início dessa viagem das profundidades. Chegados a uma espécie de cripta, um pequeno comboio eléctrico leva-nos a um dédalo de túneis até um dos cartoze pontos de extracção. Mais o inferno do que Disneylad. O ouro está longe, muito longe, às vezes a mais de um quilómetro, às vezes a dois, ao fundo de um labirinto. Os túneis de Vaal Reefs, se os medíssemos, permitiriam ir de Johannesburgo ao Cabo sem ver a luz, isto é, a uma distância de 1500 quilómetros. Todos os anos se fazem mais uns cem quilómetros.

Depois do comboio, pequenas cadeiras para descer, mais e mais. O calor aumenta, as passagens diminuem, a luz artificial é mais fraca. O contramestre espera. É sempre um branco, segundo o **job reservation.** É neste lugar, em bancos alinhados ao longo das paredes que escorrem água, que são dadas as ordens de trabalho e de segurança a uns cinquenta mineiros negros que vão sendo substituidos dia e noite a fim de extrair o quartzo que encerra o ouro, mas também o urânio (2000 toneladas do qual são anualmente produzidas em Vaal Reefs).

6750 pés debaixo da terra, direcção Norte-Oeste. Cada mineiro pega na sua ração de «movit», um pó amarelo claro, açúcarado, cheio de vitaminas e de proteínas que, misturado com água, constituirá durante horas alimento e bebida. Baixos, delgados, sem um grama de gordura, os mineiros vão cumprir a sua tarefa. À medida que progridem, o espaço diminui, o túnel torna-se passagem estreita, depois, falha. O apoio metálico e as paredes com rede do início deram lugar a desvãos cheios de rochas e pilhas de madeiros. De ambos os lados largas fissuras horizontais pelas quais se passou até o veio aurífero deixar de ser possível ou rentável. A pressão esmagou a madeira e, em poucos meses, as duas paredes estarão juntas.

Só baixando-nos muito conseguimos finalmente atingir, num dilúvio de suor, o fundo do buraco, o local da batalha com o rochedo. Sentados, acocorados, os joelhos protegidos por borracha, a fronte cingida por um pedaço de pano que se vê por baixo do capacete, os mineiros trabalham à temperatura de 34° C por entre o ruído das picaretas. Eles esburacam e esburacam ainda numa porção de quartzo marcada



por um traço vermelho, numa parede cinzento-escura que mal tem um metro de altura. No meio, um traço mais escuro, de 2 a 3 centímetros de largura, que corre ao longo da parede, é o **reef**, o famoso veio

Continua na pág. 28

teatro ★★★
ESTREIA DIA 21
à espera de
Godot

casa de teatro do tear
rua do heroismo, 86 · PORTO

BULGÁRIA
COM UMA NOITE NA SUIÇA
• 2 semanas, incluindo 6 dias no Mar Negro e visitando Varna, Plovdiv, Stara Zagora, Sófia, etc. + uma noite em Zurique
• Pensão completa, excursões diárias, guia
• Partidas 18/7, 29/7 e 26/8
• Preços 93 a 96.000$00
Voando com a swissair
Peça programas
AGITURISMO
Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

VIGÉSIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA MANUEL DA MAIA, número quarenta e dois, rés-do-chão, esquerdo
Telefone 88 32 35

NOTÁRIA
Lic.ª Maria Filomena Marques da Cruz

O signatário, Ajudante do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa,
Certifica

UM — Que a fotocópia apensa a esta certidão está conforme com o original.

DOIS — Que foi extraída neste Cartório da escritura exarada de folhas oitenta e uma a folhas oitenta e uma verso do livro de notas para escrituras diversas, número vinte e três. E

TRÊS — Que ocupa seis folhas que têm aposto o selo branco deste Cartório e estão, todas elas, numeradas e por ele, Ajudante, rubricadas.

LISBOA, dois de Abril de mil novecentos e oitenta e cinco.

O 3.º Ajudante,

(Assinatura ilegível)

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE.

No dia vinte e nove de Março de mil novecentos e oitenta e cinco, em Lisboa, na Avenida do Restelo, número um, perante mim, Licenciada em Direito Maria Filomena Marques da Cruz, notária do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, compareceram como outorgantes:

Primeiro: — FERNANDO EMÍDIO DOS SANTOS, casado com a segunda outorgante, sob o regime da comunhão de adquiridos, natural da freguesia de Coz, concelho de Alcobaça, e residente na Rua Luís de Camões, n.º 87, 4.º andar, direito, em Lisboa; e

Segundo: — D. MARIA ORLANDA PAIS GAMBOA DOS SANTOS EMÍDIO DOS SANTOS, natural de Lisboa, freguesia de Santa Maria dos Olivais, casada com o primeiro outorgante e com ele residente.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição que me fizeram dos seus bilhetes de identidade, respectivamente, n.ºs 0559014, de 9 de Janeiro de 1980, e 2178761, de 22 de Março de 1985, ambos emitidos pelo Centro de Identificação Civil e Criminal, em Lisboa.

E DECLARARAM:

Que, pela presente escritura, constituem entre si uma sociedades comercial por quotas de responsabilidade limitada sob a denominação de SOCIEDADE DA PRAÇA DE TOIROS MONUMENTAL DE LISBOA, LIMITADA, com sede na Praça de Toiros do Campo Pequeno, em Lisboa, freguesia de Nossa Senhora de Fátima, com o capital social de QUINZE MILHÕES DE ESCUDOS e o objecto social de exploração comercial da Praça de Toiros do Campo Pequeno, em Lisboa, cujo pacto social é o constante do artigo setenta e oito do Código do Notariado, que arquivo.

Que conhecem perfeitamente o conteúdo do referido documento complementar, pelo que é dispensada a sua leitura neste acto.

ASSIM O OUTORGARAM.

Foi-me exibido, ainda, o Certificado de Admissibilidade da denominação ora optada pela referida sociedade, emitido, sem data, pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas e válido por cento e vinte dias a contar de sete de Março corrente.

Esta escritura foi lida aos outorgantes e aos mesmos explicado o seu conteúdo, em voz alta e na presença simultânea de ambos, com a advertência de que o registo deste acto deve ser requerido no prazo de três meses, a contar de hoje.

ESTATÍSTICA: Série AA Caderneta n.º 1.135 Verbete n.º 7

Conta registada sob o n.º 95.

Documento complementar elaborado nos termos do número dois do artigo setenta e oito do Código do Notariado, contendo o Pacto Social da Sociedade por quotas de responsabilidade limitada denominada «Sociedade da Praça de Toiros Monumental de Lisboa, Limitada», constituída por escritura de vinte e nove de Março de mil novecentos e oitenta e cinco, lavrada de folhas oitenta e uma a oitenta e uma verso do livro número vinte e três-E, das notas do VIGÉSIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA:

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de SOCIEDADE DA PRAÇA DE TOIROS MONUMENTAL DE LISBOA, LIMITADA, e tem a sua sede na Praça de Toiros do Campo Pequeno, em Lisboa, freguesia de Nossa Senhora de Fátima.

ARTIGO SEGUNDO

A sociedade iniciará a sua actividade a partir de hoje e durará por tempo indeterminado.

ARTIGO TERCEIRO

A sociedade tem por objecto a exploração comercial da Praça de Toiros do Campo Pequeno, em Lisboa.

ARTIGO QUARTO

O capital social é de quinze milhões de escudos integralmente realizado, em dinheiro, e dividido em duas quotas, sendo uma, de doze milhões de escudos do sócio Fernando Emídio dos Santos, e outra de três milhões de escudos, da sócia Maria Orlanda Pais Gamboa dos Santos Emídio dos Santos.

ARTIGO QUINTO

A sociedade poderá exigir dos sócios as prestações suplementares de capital de que carecer para o desenvolvimento dos seus negócios, nos termos e condições que vierem a ser estabelecidos em assembleia geral convocada para o efeito e, de igual forma, os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que ela careça.

ARTIGO SEXTO

No caso de qualquer dos sócios pretender ceder a sua quota, deverá, em primeiro lugar, oferecê-la, por carta registada, à sociedade e, se esta não desejar adquirir a quota no prazo de trinta dias, deverá oferecê-la nas mesmas condições aos restantes sócios. Só depois da desistência destes ou do decurso do prazo de trinta dias, sem que os mesmos exerçam o direito de preferência, a quota poderá ser livremente negociada com estranhos à sociedade.

Parágrafo Único — Para efeitos de exercício do direito de preferência previsto no corpo deste artigo, as quotas serão oferecidas à sociedade e aos sócios pelo seu valor contabilístico, resultante de balancete reportado ao mês anterior à proposta da cessão de quota.

ARTIGO SÉTIMO

No caso de cessão de quotas, a sua divisão é permitida, observadas as formalidades legais.

ARTIGO OITAVO

A gerência e administração dos negócios sociais, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, é confiada ao sócio Fernando Emídio dos Santos, que fica desde já nomeado gerente.

Parágrafo Primeiro — A sociedade obriga-se com a assinatura de um gerente, ou do seu bastante procurador.

Parágrafo Segundo — Os gerentes poderão delegar, no todo ou em parte, e, inclusivamente, em estranhos à sociedade os seus poderes de gerência por procuração.

Parágrafo Terceiro — É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em letras de favor, fianças, abonações e em todos os documentos alheios ao negócio da sociedade, respondendo os infractores, individualmente, pelas obrigações que assumirem.

ARTIGO NONO

Nos casos em que a lei não exija outros requisitos, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios e expedidas, pelo menos, com oito dias de antecedências, podendo estes avisos ser supridos pela declaração expressa na respectiva acta de que os sócios prescindem dela.

Parágrafo Único — O sócio impedido de comparecer à Assembleia Geral poderá fazer-se representar por outro sócio, mediante simples carta, por esse assinada, dirigida à sociedade.

ARTIGO DÉCIMO

A sociedade poderá amortizar qualquer quota, no todo ou em parte, nos casos seguintes:

a) — Por acordo com o seu titular;

b) — Se o sócio for declarado em estado de falência ou insolvência;

c) — Se a quota for penhorada ou arrestada ou por qualquer outra forma sujeita a arrematação judicial, se não for logo desonerada.

Parágrafo Primeiro — O preço da amortização, em qualquer dos casos previstos nas alíneas b) e c) será igual ao valor nominal da quota, diminuído dos prejuízos que lhe corresponder até à data da respectiva deliberação, conforme balanço realizado para esse efeito.

Parágrafo Segundo — A amortização considera-se efectuada em face da respectiva deliberação e, sendo caso disso, mediante o depósito do respectivo preço, à ordem do juízo competente, na Caixa Geral de Depósitos.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

Nos casos de interdição, inabilitação ou morte de algum sócio, continuará a sociedade com o representante legal do interdito ou inabilitado e com os herdeiros do falecido, devendo este designar, por escrito, um que todos represente.

"D.L." 17/6/1985

QUARTO ALUGA-SE
Com WC privativo, a menina ou senhora, estudante ou empregada, na margem Sul.
Exige-se rigorosas referências.
Resposta a este jornal ao n.º 11 503.

Faça férias no Algarve
APARTAMENTOS NAU
COMPLETAMENTE EQUIPADOS
PREÇOS EXCEPCIONAIS DE ALUGUER
ALGARVE
PISCINA
TÉNIS
MINI GOLF
Seisul — RUA S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 100-4.º
1000 LISBOA - TELS. 52 29 53 - 52 31 19 - TLX 62062

Cavaco prossegue campanha de ataque ao PS

O líder do PSD, Cavaco Silva, defendeu ontem na Serra del Rei (Peniche) a realizaç de eleições legislativas antecipadas ao afirmar ser necessário «dar novamente a voz ao povo para que ele diga o que foi feito» do poder concedido ao PS nas últimas eleições.

Não se coibiu, no entanto, de fazer, desde já, uma promessa e esse mesmo povo: «elevar o nível de bem-estar que conhecem os emigrantes por esse mundo fora».

Cavaco Silva, que falava num comício-festa organizado por militantes sociais-democratas da região, para comemorarem o 11.º aniversário do partido, referiu que o PSD representa «a única alternativa ao conservadorismo socialista que se tenta instalar entre nós». Ao explicar a ruptura da coligação governamental, o líder do PSD acusou os socialistas de terem deixado de estar interessados na coligação e de terem pretendido que o PSD renunciasse à sua estratégia presidencial própria para apoiar a candidatura de Mário Soares. E numa alusão directa ao secretário-geral do PS, Cavaco Silva diria ainda: «Já aprendemos que aqueles que prestam homenagem aos nosso líderes mortos são aqueles que os insultam enquanto vivos».

Na eua intenção, pvoda de críticas ao PS, Cavaco Silva disse ainda que os socialistas têm dois discursos: o da praça pública e o discurso em família em que criam obstáculos às medidas necessárias para modernizar Portugal.

A terminar afirmou ainda que o seu partido «não podia assistir imóvel ao declínio da produtividade, à subida dos preços e à descida do poder de compra».

Cavaco Silva

«Campanha grosseira»

Mas no interior do seu partido, Cavaco Silva soma e segue. Assim, enquanto a Assembleia Distrital de Setúbal declarava, em comunicado, a sua solidariedade para com o novo líder afirmando que ele representa «o verdadeiro espírito do PSD», a Comissão Permanente de Coimbra adoptava também para si o tom do novo «chefe» ao atacar o ex-parceiro da coligação.

Assim, esta estrutura social-democrata acusa o PS de uma «campanha de grosseira adulteração dos factos e de difamação do PSD». Adianta ainda o comunicado, o seu repúdio pelos «abusos do PS» considerando que este partido gere os órgãos de informação estatizados como «coutada própria» e reitera o seu apoio incondicional à actual direcção do PSD.

Sobre a intervenção televisiva de Mário Soares, os sociais-democratas de Coimbra classificam-na de um «inqualificável desafio à sanidade mental dos cidadãos portugueses».

«Quando se espeeava e se fazia jus ao discurso autenticamente nacional do Primeiro-Ministro, acabou por se ouvir a mais tacanha manifestação de propaganda partidária», afirma a Comissão Permanente de Coimbra do PSD.

Sublinha que, com a ruptura, o líder do PSD «pretende criar uma nova AD e servir a estratégia presidencial e pessoal de Freitas do Amaral, contrária à coligação PS/PSD».

Preparar eleições

Por seu lado os socialistas afadigam-se já na preparação dos actos eleitorais que se avizinham.

Assim, António Campos reuniu-se ontem com militantes da Federação de Coimbra do PS com o intuito de informar as bases do partido sobre a actual situação política e de preparar as próximas campanhas eleitorais.

Na reunião participaram também o governador civil do distrito, S.antana Maia, e o presidnete da Câmara desta cidade, Mendes da Silva.

Entretanto no Funchal o secretariado do PS-Madeira acuou a direcção nacional do PSD de «com a irresponsável e abrupta ruptura da coligação PS/PSD prejudicar a autonomia da região».

O secretariado socialista que, ontem reuniu no Funchal, adianta que «a decisão pouco séria e irresponsável de Cavaco Silva, deu à direcção regional do PSD e o Governo Regional a sua cumplicidade, responsabilizando-se também pelas consequências da crise a nível nacional e regional».

Acrescenta que «a nível regional ficam adiadas medidas decisivas como a aprovação do estatuto político-administrativo na Assembleia da República e a solução do problema financeiro da região».

O comunicado socialista refere que «Cavaco Silva esqueceu com a ruptura os interesses nacionais e revelou falta de seriedade ao invocar razões artificiais».

Consultas

No sábado, o Presidente da República iniciou uma nova ronda aos partidos no sentido de recolher opiniões sobre as saídas para a actual crise política.

PSD? PCP e CDS através dos respectivos líderes defenderam a realização de legislativas antecipadas. Da mesma opinião é o MDP/CDE que, pela voz de José Manuel Tengarrinha considerou que «quaisquer soluções que tenham por base arranjinhos partidários só seriam prejudiciais à democracia».

Tengarrinha voltou a insitir na solução apontada há um tempo pelo seu partido que é a constituição de um novo Governo em que o Presidente da República tenham um papel importante e que inclua personalidades independentes que possam garantir a genuinidade da imenção das novas eleições legislativas.

Vilhena de Carvalho (ASDI) disse à saída de uma audiência de 45 minutos com Ramalho Eanes que o Presidente deverá ouvir o partido mais votado (PS) com vista à formaé7ao de novo Governo. Aquele responsável político acrescentou ainda que o seu partido «é contra a dissolução da Assembleia», mas que a «solução para a crise deve passar pelo Parlamento».

Finalmente Lopes Cardoso, líder da UEDS, manifestou também junto do Presidente da República a opinião de que a dissolução do Parlamento «só deverá depois de a actual Assembleia demonstrar a impossibilidade de outra solução governativa».

A UEDS considera que, numa primeira fase, o PR deve consultar o PS como partido mais votado, a constituir Governo «se assim o desejar».

Convenção de Tomar demonstrou-o

Todos os eanistas estão no PRD

Augusto Vilela

A partir de ontem, seja qual for o valor e importância que cada um queira atribuir-lhe, o PRD existe como uma força política disposta a implantar-se na sociedade portuguesa e dotada de todos os instrumentos necessários. Foi essa a grande tarefa da sua Convenção Nacional e de dois dias de trabalho intenso, e não isento de dificuldades, dos 430 delegados presentes.

Também parece definitivamente comprovado o apoio que Ramalho Eanes está disposto a dar-lhe e, inversamente, o apoio que este novo partido constituirá para o Presidente da República nos últimos seis meses do seu mandato.

Belém mostrou a sua presença

A longa gestação do PRD desenvolveu-se segundo um plano que hoje é possível reconhecer bem como a sua calendarização. Nada foi realizado ao acaso, nem tudo correu sempre como previsto, mas os desvios foram corrigidos e esse plano global não foi alterado.

Mas é um facto que o silêncio mantido por Ramalho Eanes durante muito tempo relativamente ao PRD fez nascer algumas dúvidas entre muitos que estavam empenhados nesse projecto e inclusivamente arrefecer alguns entusiasmos sensíveis a notícias frequentemente veículadas em alguns meios, segundo as quais o Presidente da República não estaria disposto a apoiar aquele projecto ou que iria mesmo deixá-lo cair.

Neste fim-de-semana desapareceram todas as dúvidas que pudessem existir.

No PRD entravam todas as grandes figuras desde sempre ligadas ao general Ramalho Eanes e à sua candiatura.

Henrique de Barros aceitava presidir à Mesa da Convenção, Palma Carlos, depois de recusar a presidência da Comissão Directiva, aceitava pertencer ao Conselho Consultivo, juntamente com João Botequilha, Miguel Caetano, José Rabaça e Luís Marques do Carmo, enquanto Medeiros Ferreira entrava na Convenção como delegado de Lisboa e saía como elemento da nova Comissão Directiva.

Outro sinal importante era a presença massiva em Tomar dos principais colaboradores de Ramalho Eanes. Lá estiveram Joaquim Letria, Lencastre Bernardo, Fonseca de Almeida, Faria de Oliveira, Carlos Borges, Jorge Andrew, bem como as secretárias Beatriz Duarte e Maria Manuel Rabaça, estas mesmo na qualidade de delegadas à Convenção.

Manuela Eanes e José Carlos Vasconcelos

Finalmente, e, depois de um segredo que não chegou a ser bem guardado até ao fim, a Convenção teria a presença da dr.ª Manuela Eanes na sessão de encerramento.

À sua chegada, a mulher do Presidente da República declarou que se encontrava ali a título meramente pessoal mas a sua entrada no vasto pavilhão foi saudada com fortes e prolongados aplausos e o nome de Eanes gritado por todos os participantes, gerando-se um clima emocional muito semelhante ao que se vivia na campanha eleitoral de 1980. A presença de Manuela Eanes foi interpretada como um apoio explícitó de Eanes ao novo partido muito embora, oficialmente, o Presidente da República não se tivesse feito representar porque segundo um dos seus assessores, isso só acontece em relação aos partidos já constituídos.

Dois curto-circuitos

Não foi isenta de dificuldades a Convenção do PRD e teve mesmo alguns imprevistos que obrigaram a trabalho suplementar.

No sábado, quando estava praticamente arrumado o caso das moções e elaborada a moção de síntese da Comissão Directiva desenvolvia-se o processo de eleição e consequente elaboração de listas.

A presença de Palma Carlos era dada como certa e quando foi conhecida a notícia da sua não aceitação, gerou-se uma certa perplexidade entre os delegados e responsáveis pela organização da Convenção.

Depois surgiu um curto-circuito e princípio de incêndio na instalação eléctrica do pavilhão o que perturbou os trabalhos. A Comissão Directiva e os principais elementos ligados à organização da Convenção estiveram reunidos até bastante tarde. Chegou a apontar-se o nome de Miguel Caetano para presidente da Comissão Directiva mas a sua disposição para aceitar tal cargo era pouca ou nenhuma, alegando sobretudo o cansaço provocado pela Convenção. O nome de Hermínio Martinho esse surgiu naturalmente e foi aceite com uma larguíssima maioria.

De manhã os problemas estavam solucionados e a Convenção tomava uma nova dinâmica, encerrando um clima de franco entusiasmo.

Medeiros Ferreira, Marques Júnior, Henrique de Barros e Hermínio Martinho

Os novos dirigentes

O PRD dispõe agora de todos os seus órgãos eleitos democraticamente e da Comissão Consultiva, um órgão composto por cidadões de reconhecido prestígio mas que não necessitam de ser militantes do partido.

É a seguinte a lista dos novos dirigentes:

MESA DA CONVENÇÃO — Presidente, prof. Henrique de Barros; vice-presidentes, Roberto Amaral e António Rodrigues Costa; secretários, Olímpio de Matos e Maria João Cavilhas.

CONSELHO CONSULTIVO — prof. Adelino da Palma Carlos, João Botequilha, Miguel Caetano, José Rabaça e Luís Marques do Carmo.

COMISSÃO DIRECTIVA NACIONAL

Presidente, Hermínio Martinho (Santarém); Vogais: Ana Gonçalves (Setúbal; António Marques Junior (Lisboa); António Feu (Faro); António Bandeira Bento (Lisboa); Carlos Lilaia (Lisboa); José Carlos de Vasconcelos (Lisboa); José Medeiros Ferreira (Lisboa); José Santos (Setúbal); Paulo Guedes de Campos (Santarém); Vasco Marques (Lisboa).

CONSELHO NACIONAL — Agostinho de Sousa, Alípio de Melo, António Loja, Fernando Dias de Carvalho, Francisco Feitinha, João Leão Meireles, José Ribeiro Vieira, Luís Ramos, Sérgio Machado dos Santos, Arménio Ramos de Carvalho, João Dias Coelho, Maria da Glória Padrão, Aníbal Campos, Aníbal Pinto da Mota, António José Fernandes, Eduardo Rogado Dias, Francisco Armando Fernandes, José Belo, Manuel Silvestre, António Paulouro, Manuela Ramos de Carvalho, Victor Hugo, Eurico Lemos Pires, António João Brito dos Santos, Teresa Barata Salgueiro, Carlos Martins, Noronha Feio, Maria Celeste Cavaco, Henrique Manuel Diz, Eduardo Geraldo, Judite Barata, Maria Gameira Serra, Ermelinda Chambel, António Machado Morais, Alexandre Manuel, Guimarães Baptista, Marques Mendes, Tiago Bastos, Álvaro Vaz.

CONSELHO NACIONAL DE JURISDIÇÃO

Presidente: Vasco da Gama Fernandes; vice-presidente: Pegado Liz; Arala Chaves; Miguel Bastos; Almeida Sampaio; Morgado Baptista; Ribeiro de Carvalho.

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO — Presidente: João Figueiredo; Daniel Amaral; Braga Barroso; Couto Moreira; Vítor Ávila; Lopes Vieira; Fausto Lima.

Estratégia do PRD

Legalização e presença em todas as eleições

Da Convenção Nacional do PRD sairia um documento importante que é a moção global de estratégia, elaborada pela síntese das outras moções existentes com a moção da comissão directiva. Foi um trabalho que ocupou grande parte do tempo dos delegados durante o sábado e não foi isento de dificuldade.

Esta moção destina-se a ser aplicada num horizonte temporal de alguns meses. Exactamente entre esta convenção e o primeiro trimestre de 1986.

Isto significa que o PRD espera pelo termo do mandato do general Ramalho Eanes para «entrar com um novo e decisivo elemento na sua estratégia: o qual e o propósito, repetidamente manifestado pelo general Ramalho Eanas — cujo discurso e acção política são referências fundamentais do nosso partido —, de se empenhar, politicamente, após o exercício da sua actual magistratura».

A moção traça o quadro já conhecido no discurso do PRD da impossibilidade de encontrar saídas governativas duráveis através do actual quadro partidário «que entrou em falência».

Reconhece aquele documento que «é degradante a situação económica a que chegámos» motivada pela «incapacidade dos sucessivos Governos para definir e pôr em prática uma política económica assente na avaliação dos nossos recursos materiais e potencialidades técnicas e humanas e orientada para o desenvolvimento económico e social».

O PRD considera como principais questões políticas que se colocam no período de vigência desta moção de estratégia, «a série de actos eleitorais que se anunciam até ao fim do ano e a necessidade de, em todos, estar presente, embora por modalidades diversas, e numa postura, radicalmente, nova».

Propõe-se, por outro lado, apoiar a acção do Presidente da República, general Ramalho Eanes, no último semestre do seu mandato. Considera, para isso, as seguintes tarefas prioritárias: «legalizá-lo», imediatamente, por forma a permitir a sua intervenção nos próximos actos eleitorais, dinamizá-lo em todo o território nacional e nas principais comunidades de emigrantes portugueses, procurar novas formas de participação na sociedade portuguesa através da promoção de debates sobre problemas locais, regionais e nacionais e promover um recrutamento de militantes e apoiantes mais amplo e estabelecer vias de diálogo com outras entidades que se revelem próximas dos seus objectivos.

A moção salienta que o PRD terá que constituir «uma nova forma de presença e acção» e que não se constituiu para estar em luta contra alguém — instituições ou pessoas.

Assume-se, como «um espaço de liberdade» mas sublinha que «um partido só é um espaço de liberdade quando assume que todos e cada um dos seus militantes são, também, um espaço próprio de liberdade».

O apoio ao general Ramalho Eanes na última fase do seu mandato é focado com particular ênfase e a moção refere, mesmo, que «infelizmente, e dado o comportamento de alguns dirigentes partidários no passado, não será de excluir até nosse período em que o PR vê reduzidos drasticamente os seus poderes constitucionais, se venham a verifícar tentativas de amesquinhamento político por parte dessas entidades, tendo como objectivo dmimuir o prestígio do general Ramalho Eanes».

Admite a possibilidade de eleições legislativas antecipadas pelo que refere a ordem de importância desses actos eleitorais na sua perspectiva, eleições legislativas, eleições autárquicas e eleições presidenciais, considerando no quadro constitucional actual as eleições legislativas como «indubitavelmente as mais importantes».

Nesse contexto, o PRD entende que deverá concorrer em todos os círculos e escolher, criteriosamente, os candidatos a deputados, preparar uma campanha privilegiando os contactos com os eleitores e a sua informação e recusando as campanhas puramente publicitárias alicerçadas em slogans sem aderência à realidade e apresentar ao eleitorado um programa de actuação que constituirá compromisso público dos candidatos com os seus eleitores.

Quanto às autárquicas, o PRD salienta, na sua estratégia, que se deverá terminar, tão rapidamente quanto possível, com «o monopólio partidário na apresentação das candidaturas».

Nas autarquias onde se apresentem candidatos com provas dadas, «designadamente, nos casos em que presidentes com obra realizada se apresente, à reeleição, serão apoiados pelo PRD «sem exclusões ou discriminações decorrentes de qualquer filiação partidária».

Finalmente, em relação às presidenciais, a moção estabelece que os seus militantes deverão ser livres de subscrever qualquer candidatura «cidadãos como são», mas o partido, como tal, «pode vir a apoiar um candidato situado na sua área política ou, se situado fora dela, que não defenda valores, princípios e objectivos incompatíveis com os seus».

Ponto assente é que o PRD não deverá propor nenhuma candidatura.

DOCUMENTAÇÃO

TRATAMOS INVESTIGAÇÕES COMERCIAIS E PARTICULARES — PESQUISAS — ESTUDOS DE MERCADO — COBRANÇAS — PENHORAGENS — ESCRITURAS DE COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES — TRESPASSES E CEDÊNCIAS DE QUOTAS — CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADES — HIPOTECAS — ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES — REFORMAS — CARTAS DE CONDUÇÃO — CERTIDÕES E QUALQUER OUTRA DOCUMENTAÇÃO EFECTUAMOS ESCRITAS DOS GRUPOS B e C POR COMPUTADOR

A.I.I.C. ACTIVIDADE INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO COMERCIAL, LDA

Rua Ferreira Borges, 191-1.º Dt.º Frente — 1000 LISBOA
TELEFS. 68 10 34/68 23 39

Primeiro negociações, depois o resto...

CDS não quer para já aliança com o PSD

O CDS não vai propôr negociações ao PSD nem o seu objectivo é uma nova Aliança Democrática», afirmou ontem à ANOP o porta-voz daquele partido.

Miguel Seabra sublinhou que para o CDS a saída para a crise passa por uma nova maioria e que o seu partido apenas «definiu as condições mínimas para poder aceitar qualquer diálogo com o PSD». Entre essas condições mínimas figura aquela que não permite ao PSD «liderar a nova maioria, porque há seis anos que determina maiorias e tem sido incapaz de resolver os problemas fundamentais da sociedade portuguesa».

Trata-se também — acrescentou — de «certificar-se da boa-fé do PSD, de que uma vez por todas não está por mera conquista do poder, mas, ainda que na disputa pelo poder, está para realizar um programa político».

Miguel Seabra sublinhou que para o CDS isso implica que seja o partido «a força preponderante dessa nova maioria». «Só assim poderá haver garantia de execução desse programa», acrescentou.

A possibilidade de diálogo com o PSD foi lançada na comissão política do CDS, reunida no sábado em Lisboa, pelo seu presidente, Lucas Pires.

Nessa ocasião, o líder do CDS pôs como condições a revisão da Constituição e definiu dez pontos que considerou «fundamentais» como base para uma plataforma. Entre eles «o crescimento económico através de uma política de confiança e expansão», a «baixa de impostos e a revisão do sistema fiscal», «redução drástica das despesas públicas» e «um programa de desnacionalização das empresas públicas».

Outras medidas

As outras medidas propostas são: «Um programa de luta contra o desemprego e salários baixos que inclua a flexibilização da legislação laboral e das remunerações de trabalho», «liberalização da Comunicação Social por todos os meios», «reforma da educação de acordo com novas regras de financiamento, mais amplo pluralismo e abertura ao ensino privado e ampliação do conteúdo tecnológico da educação», a «extinção da Reforma Agrária», «mobilização dos financiamentos da CEE para o desenvolvimento sistemático do interior do País». Pretendem também os democratas-cristãos uma nova «lei de rendas de sentido liberalizador, prevendo o financiamento dos inquilinos pobres e dos potenciais adquirentes nas mesmas condições».

O objectivo — afirmou o porta-voz do CDS — é «preparar os meios para essa nova maioria» designada por «Aliança para a Nova República».

«Esta solução não se esgota no PSD, embora seja mais difícil. Pode ser o CDS sozinho ou a promover um bloco com individualidades, associações, forças vivas», concluiu.

Rui Machete

Machete debate em Londres fabrico do caça europeu

O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Rui Machete, participa desde hoje, em Londres, na reunião ministerial do IEPG (Grupo Independente de Programas) com os restantes ministros de Defesa da NATO. A reunião vai analisar questões ligadas à investigação e tecnologia, harmonização de conceitos operacionais para a cooperação em equipamento, defesa da indústria europeia e diálogo transatlântico.

À partida ontem de Lisboa, Machete justificou a sua ida a Londres dizendo ser fundamental que portugal «não tenha qualquer atraso em matéria de novas tecnologias no campo da Defesa».

Durante o encontro, de dois dias, será debatido o fabrico de um caça europeu, concebido desde 1983, e destinado a entrar em actividade no próximo século.

O general Lemos Ferreira, que se previa acompanhar o ministro, decidiu não participar na reunião. Foi substituído pelo general Costa Álvares, director nacional do Armamento. Está presente ainda, o secretário de Estado da Defesa, Figueiredo Lopes.

Lourdes Pintassilgo em Vila Real

O que se está a passar em Portugal nada tem a ver com democracia

Maria de Lourdes Pintasilgo afirmou no sábado, em Vila Real, que aquilo que se está a passar em Portugal «nada tem a ver com a democracia». A antiga primeira-ministra do V Governo Constitucional falava num encontro do movimento de apoio à sua candidatura à Presidência da República, durante o qual foi feita uma análise do actual momento político.

Maria de Lourdes Pintasilgo justificou aquela afirmação dizendo que «os direitos inalienáveis que assistem aos partidos políticos, como expressão das grandes correntes de opinião política para a resolução dos problemas do País, não têm sido manifestados no Parlamento».

Falando também da ruptura da coligação, considerou que ela põe alguns problemas «graves» ao funcionamento das instituições democráticas e condenou que ela se tenha processado «à margem do Parlamento».

«A Assembleia da República assistiu impávida e serena à queda de um Governo onde havia uma das maiores maiorias parlamentares da Europa». Acrescentou que as cúpulas «do PS/PSD substituíram-se aos direitos do povo, rompendo o que em primeira instância caberia à Assembleia da República». Lourdes Pintasilgo achou conveniente que Ramalho Eanes reunisse os parceiros sociais e partidos políticos para tentar o entendimento possível, sublinhando ser legítimo «que se tomem todas as iniciativas para que com poucos custos seja possível conduzir o País para uma nova etapa».

Delegação da URSS terminou visita

Defendidas melhores relações entre Portugal e a União Soviética

Uma delegação da Assembleia da República visitará oficialmente a União Soviética em data a fixar a convite do Soviete Supremo — assinala o comunicado final da visita que uma delegação parlamentar soviética concluiu ontem ao noss país.

Refere ainda o comunicado que os deputados portugueses e soviéticos manifestaram empenhamento no desenvolvimento das relações de boa vizinhança e cooperação entre os Estados, nos teros da Acta Final de Helsínquia.

Arnold Ruit, vice-presidente do Soviete Supremo e chefe da delegação, salientou aos jornalistas o bom entendimento havido em todos os contactos (incluindo as audiências com Eanes, Soares e Jaime Gama).

Acrescentou que a visita possibilitou o desenvolvimento de contactos parlamentares e o conhecimento directo da vida e obra do Povo português. Na opinião dos soviéticos, a adesão de Portugal à CEE não deve prejudicar as relações com a URSS.

Fernando Amaral afirmou, por sua vez, no mesmo encontro com jornalistas, que o Parlamento português se limitou a retribuir o carinho e a amizade com que os deputados portugueses foram recebidos na URSS em 1984.

O comunicado final destaca ainda possibilidade do incremento das relações luso-soviéticas, nomeadamente o reforço das trocas comerciais e económicas bilaterais na base de vantagens idênticas.

Recordado em Coimbra pelo MDM

Governo espanhol favorece desnuclearização

Luísa Amorim, membro do secretariado nacional do Movimento Democrático de Mulheres (MDM), disse ontem em Coimbra que «o Governo espanhol, ao contrário do português, manifestou-se profundamente interessado na defesa da desnuclearização da Península Ibérica».

Falando no final de um espectáculo integrado nas comemorações do 40.º aniversário do fim da segunda guerra mundial, Luísa Amorim sublinhou que Felipe Gonzalez mostrou grande interesse em «evitar que a Península Ibérica se transforme num paiol de armas nuclares». A dirigente do MDM reportava-se às conversações mantidas com o chefe do governo espanhol e uma delegação da grande jornada da Paz, num encontro recentemente realizado em Madrid.

Em Coimbra, Luísa Amorim acusou o Executivo português de estar a transformar o País «num alvo prioritário em caso de guerra». Acrescentou que «o Governo permite o trânsito de submarinos nucleares no Tejo.

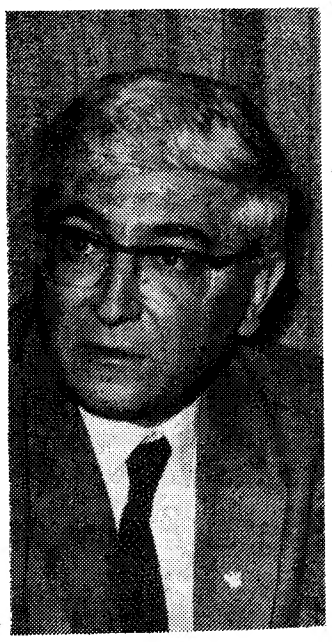
PONTO A PONTO

A Aliança Povo Unido anunciou que vai concorrer às 61 freguesias do concelho de **Braga.**
A decisão foi tomada no decorrer de um plenário de eleitos e activistas do concelho de Braga da APU, realizado por vonvocação de eleitos da coligação na Câmara e Assembleia Municipal.
A preparação das próximas eleições autárquicas, a constituição da comissão coordenadora eleitoral concelhia e a análise da situação e do trabalho nas autarquias do concelho de Braga foram as principais questões abordadas no plenário, que reuniu nas instalações da Junta de Freguesia de S. Lázaro.

A Convenção Autárquica Socialista do distrito do Porto aprovou sábado, por aclamação unanimidade, três moções, em duas das quais é manifestada «total solidariedade» a Mário Soares.
Numa das moções, os autarcas socialistas do Porto congratulam-se pela entrada de Portugal na CEE e «reafirmam a sua total solidariedade ao camarada Mário Soares neste momento em que a sua dedicação e patriotismo, pelo País e seu povo, ficaram mais uma vez demonstrados».

NOVE navios da Força Naval permanente da NATO no Atlântico chegaram a Ponta Delgada em visita de rotina. A esquadra, da qual faz parte a fragata portuguesa «Roberto Ivens», permanece neste porto açoriano até à tarde de hoje.
Esta esquadra NATO executa em permanência uma série de exercícios na área de 12 milhões de milhas quadradas do Atlântico Norte.

LUÍS Morales, antigo ministro do Trabalho no VIII Governo, foi eleito presidente do Instituto Luso-Árabe para a Cooperação (ILAC) — revelou à ANOP Manuel Pechirra, eleito secretário-geral.
Pechirra acrescentou que, «por motivos burocráticos, a legalização do ILAC só se realizará em 15 de Julho».
Dos corpos gerentes do ILAC fazem parte, entre outros, António Rebelo de Sousa, Teresa Costa Macedo, José Augusto Seabra, os empresários Sebastião Alves e Américo Amorim e os árabes Moumir Skander, Abderrahman Tazi e Tawfiq Rkibi.



O padre Vítor Melícias, da Liga dos Bombeiros Portugueses e em representação do Presidente da República, presidiu à cerimónia da inauguração do novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Belmonte. As novas instalações dos Bombeiros Voluntários de Belmonte, que custaram mais de 30 mil contos, incluem posto de primeiros socorros, garagem, ginásio, salão de festas, dormitório para pessoal, secretaria administrativa e conta com três pisos.

O presidente do Governo Regional da Madeira não deverá participar no seminário sobre desenvolvimento regional, municípios e CEE, que decorre na Feira Internacional de Lisboa, disse à NP fonte oficial.
Esta impossibilidade, segundo o mesmo informador, deve-se a que à mesma hora a que está marcada a conferência — em que seriam também oradores, Mário Soares e Mota Amaral — realiza-se a reunião do Conselho de Estado, convocado pelo Presidente da República.

O Conselho das Regiões da Europa constitui um esforço importante para agrupar as regiões europeias, disse em Bruxelas o presidente do Governo Regional dos Açores. **Mota Amaral** participa, em Lovaina-a-Nova, na assembleia constitutiva do Conselho das Regiões da Europa, que se propõe suprir o vazio institucional existente no que diz respeito à participação das regiões na vida da comunidade europeia.

Eanes e Freitas ontem na Feira da Agricultura

Casos e acasos de um certame que chamou 800 mil a Santarém

Não terá sido por acaso que Ramalho Eanes e Freitas do Amaral ontem se cumprimentaram na Feira Nacional de Agricultura de Santarém. Nem acidental terá sido o encontro do Presidente da República com Pedro Coelho (presidente da FAUL do PS) e Rui Vilar (presidente do Conselho de Administração do BESCL) na sala das relações públicas da feira, ao lado da porta principal da Casa do Campino. Ontem, contudo, um outro socialista, o ainda, ministro da Saúde, visitou, a título particular, a FNA.

Andava José Manuel Casqueiro a mostrar a Feira da Agricultura ao prof. Freitas do Amaral, quando se lhes deparou o Presidente da República e acompanhantes, entre eles o governador civil de Santarém, José Frazão, e o presidente da comissão executiva do certame e, igualmente, da Câmara Municipal escalabitana, Ladislau Teles Botas. Eanes tinha visitado menos de metade da feira, isto é, dos trezentos pavilhões e «stands» expostos no chamado Largo da Feira, onde se demorou cerca de três horas.

Foi, então, que, de entre os acompanhantes de Freitas do Amaral, alguém deu sinal da aproximação de Ramalho Eanes. José Manuel Andrade, vogal da Comissão Executiva da FNA, fez as apresentações de circunstância. Da comitiva que visitava a feira com o Presidente da República, foi Teles Botas — presidente da Feira Nacional de Agricultura — o último que o anunciado candidato Freitas do Amaral cumprimentou.

Apesar da crise político-partidária, a Feira Nacional de Agricultura foi ponto de encontro das nossas principais figuras. Ela abriu com Mário Soares e fechou ontem com Ramalho Eanes. Mas por ela passaram, além de vários ministros, o presidente do PSD, Cavaco Silva — fez ontem uma semana.

Afina, a CEE já não mete medo...

Mas a Feira Nacional de Agricultura, independentemente do súbito interesse de políticos e governantes neste virar de página governativo, constitui, sobretudo, um verdadeiro «forum» de debates em torno das mais importantes questões agro-pecuárias. Assim se entende, aliás, o colóquio «Projectos de desenvolvimento da agricultura nacional face à adesão europeia», que movimentou centenas de interessados e no qual muitos deles afirmaram não recear as consequências da adesão de Portugal à CEE.

Não se tratará, aqui, de um volta-face, mas o certo é que, antes da inauguração da FNA, e mesmo durante os seus primeiros dias, o fantasma do Mercado Comum pairou sobre a feira. E quando o presidente do PSD anunciou a decisão dos governantes sociais-democratas se demitirem dos seus cargos depois da assinatura do respectivo tratado, digamos que a FNA perdeu algum do seu interesse. Isto, por uma razão bem simples: é que o colóquio em questão iria permitir aos agricultores mais esclarecidos e aos técnicos da nossa lavoura questionar Álvaro Barreto (ministro da Agricultura) sobre todas as implicações para o sector do passo, entretanto, dado pelo Governo sem ouvir os interessados.

Ora nem Álvaro Barreto nem outro qualquer elemento da sua «equipa» governativa se apresentou em Santarém durante os dois dias daquele colóquio. Nem mesmo antes, quando também no recinto da FNA decorreu o Encontro «Vinhas e Vinhos do Ribatejo», no decurso do qual Marecos Duarte, presidente da Casa do Ribatejo — responsável pela iniciativa no âmbito da FNA —, entregou os prémios aos viticultores melhor classificados: Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos, Rogério Camilo Ribeiro, «Produvin», Adegas Cooperativas do Cartaxo, Chamusca, Alcanhões, Tomar e Santo Isidro de Pegões, bem como a Casa Agrícola «Herdeiros de D. Luís de Margaride».

Bom tempo e dinheiro

Ramalho Eanes visitou durante mais de três horas a Feira Nacional de Agricultura que ontem fechou com o sol a abrasar. Terá sido dos dias mais quentes da FNA deste ano que o presidente Ladislau Teles Botas comentou para o «Diário de Lisboa» nestes termos:

«O certame deste ano foi simplesmente espectacular. É este o termo exacto para o caracterizar, pois ele excedeu todas as expectativas. É possível fazer melhor, porque a Feira deste ano constituiu em si essa demonstração: a de que é sempre possível fazer melhor».

— Claro que o tempo ajudou...

Ainda o presidente da FNA:

«Digamos que correspondeu. Mas não só foi o tempo, o bom tempo que ao longo destes onze dias se fez sentir, que trouxe a Santarém e a esta Feira tantos milhares de pessoas. Foi, também, o interesse por um certame que já se impôs e cresce de ano para ano, por um lado, e o facto de haver possibilidades económicas, apesar da crise que se vive».

A CP contribuiu em parte para o êxito humano desta Feira: pelo preço de uma viagem, com efeito, milhares de visitantes da FNA foram a Santarém e regressaram. Esse desconto de 50 por cento levou mais pessoas, inquestionavelmente milhares de pessoas, entre os dias 6 e ontem, a Santarém, onde nos foi afirmado que por lá terão passado durante os onze dias do certame cerca de 800 mil pessoas.

É mais um recorde pulverizado neste certame que não tem rival em Portugal e enfileira entre os mais importantes da Europa. Fechou, já esta madrugada, com a largada de dois toiros que qualquer um dos visitantes poderia enfrentar, depois de um imponente desfile etnográfico e de expositores — daqueles que em grande parte fizeram esta Feira, na qual os seus referenciais mais visíveis foram a maquinaria agrícola, o gado, os caminhos, os ranchos folclóricos e as bandas de música.

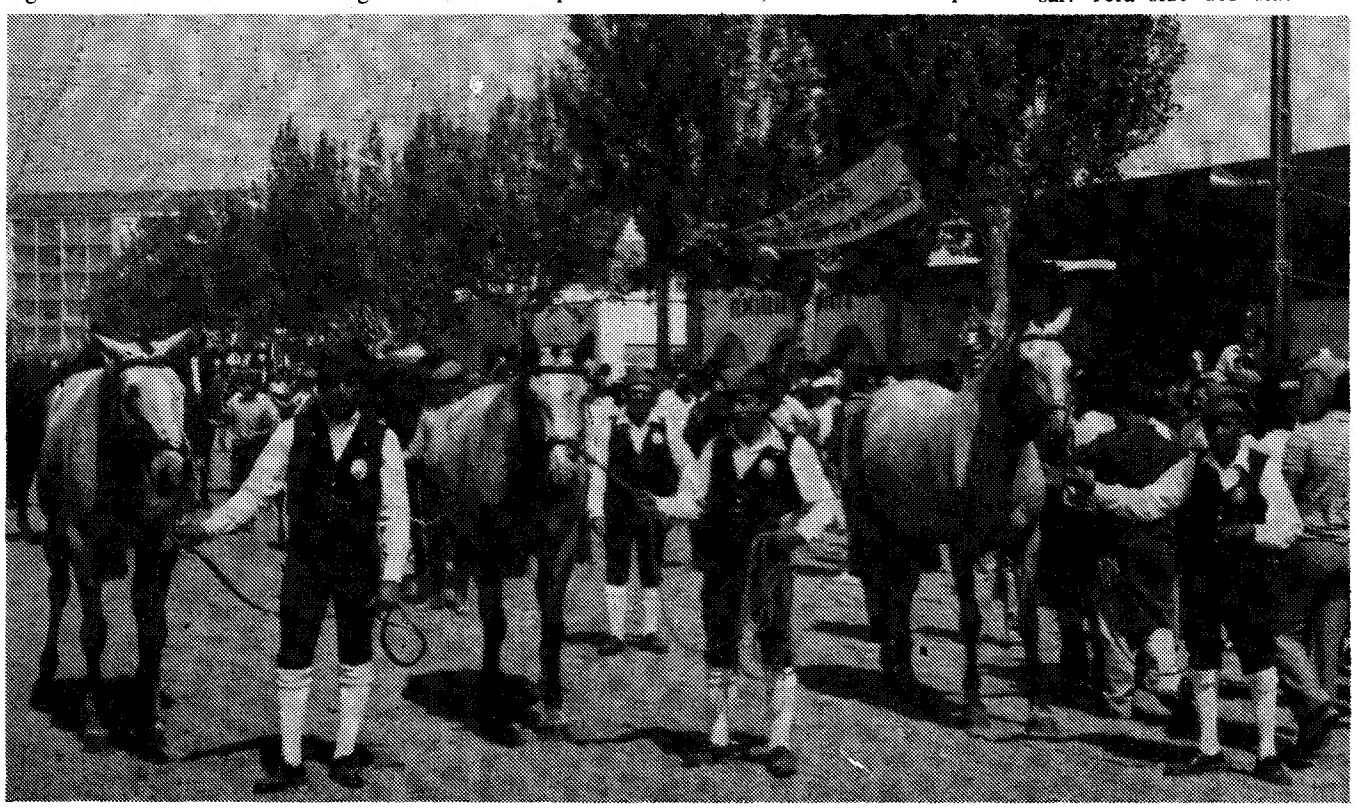
As amazonas aparecem em força no último dia da feira...

Diogo Piuça: mais rápido do Ribatejo

A Feira de Agricultura despediu-se de todos homenageando o cavalo. Eanes, durante a visita que ontem lhe fez, assistiu a parte do desfile, vistoso e alinhado, de cavaleiros, amazonas e equipagens na manga da feira, onde José Manuel Sabino e Luísa Espandanal, esta muito pequena num cavalo grande por exemplo, se exercitaram durante largos minutos, depois da prova de perícia de campinos.

Foi nesta, presenciada por vasta assistência, que uma vez mais o campino Diogo Piuça, no cavalo «Quarta-Milha», se confirmou como campeão do Ribatejo. Ele que já o ano passado havia ganho esta prova, não deu qualquer possibilidade a Manuel Januário, da Casa Agrícola dos Herdeiros de Joaquim Monteiro, de lhe arrebatar o troféu. Diogo Piuça, da Casa Rio Frio, de Palmela, foi o mais rápido dos dez campinos que participaram na prova (de velocidade com obstáculos), finalizada por Casimiro Borda-de-Água que não esteve nos seus dias.

Para ele, Diogo Piuça, a vida de campino hoje é menos árdua, «pois nos tempos do meus pais e dos meus avós era muito pior». Era nos tempos em que ainda se cantava: «O meu amor é campino / pasta bois no salgueiral / quando quer falar comigo / pede licença ao maioral».



Campinos: Diogo Piúça foi o mais rápido na perícia de ontem

Soares intervém sobre desenvolvimento regional

Feira das Regiões termina hoje

A Feira das Regiões «Portugal-85», encerra hoje com uma intervenção do Primeiro-Ministro Mário Soares, sobre as medidas governamentais no âmbito do desenvolvimento regional durante o seminário «Desenvolvimento Regional, Municípios e CEE».

Na sessão da manhã, presidida pelo ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira, participam os presidentes das Comissões de Coordenação das Regiões Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve.

Na sessão da tarde participam os presidentes dos Governos Regionais dos Açores e da Madeira, que intervirão sobre o tema «Potencial e estágios do desenvolvimento».

Durante 11 dias, todos os distritos de Portugal continental e as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira estiveram presentes na FIL para mostrar as suas potencialidades, incidindo particularmente no turismo.

Cada região apresentou a sua gastronomia, folclore e artesanato, numa feira que apontou para a necessidade premente de desenvolvimento regional.

Paralelamente à Feira das Regiões, a FIL foi também palco de uma exposição de artesanato, com carácter permanente e que nasceu de um protocolo, assinado em 29 de Maio de 1985, entre a Associação Industrial Portuguesa e os Ministérios do Trabalho, Cultura e Industrial e Energia.

Através deste protocolo, a Secretária de Estado do Emprego e Formação Profissionasl concedeu à AIP um subsídio não reembolsável até ao montante de 11 mil contos para suportar as despesas com a concepção, publicação e edição de um livro sobre artesanato português.

A nível municipal, a FIL/Regiões ficará marcada pela não comparência das Câmaras APU, que declinaram os convites dos governadores civis para se fazerem representar nos «stands» dos respectivos distritos.

A decisão das Câmaras APU foi criticada pelos respectivos governadores civis, designadamente o responsável pelo distrito de Setúbal, Manuel da Mata Cáceres, que afirmou: «Perderm a oportunidade de mostrar as carências existentes e o trabalho desenvolvido».

O «boicote» das Câmaras APU resultou na ausência das 13 Câmaras do distrito de Setúbal, de 14 das 14 autarquias do distrito de Évora e de 12 das edilidades do distrito de Beja.

Dos 18 distritos do Continente, só sete (Aveiro, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu) estiveram representadas com todas as autarquias.

Empresas pedem estatuto de exportadores

Congresso do Turismo dominado pela cooperação com África

Os participantes no Congresso de Turismo do Algarve concluíram que é necessário o apoio governamental para a cooperação do sector com os países africanos de expressão portuguesa. Este tema, para além do pedido de atribuição do estatuto de «exportador», dominou as intervenções produzidas num hotel de Albufeira.

«Angola, Moçambique, Cabo-Verde e Guiné são magníficos destinos potenciais para o turismo», declarou o presidente do grupo Estoril-Sol. Para Manuel Teles a «indústria hoteleira está preparada para a totalidade das tarefas que compõem funções de gestão turística, formação profissional, assessoria e consultadoria de serviços e, como tal, vocacionada para agir no espaço africano onde se fala português».

No entanto, Manuel Teles indicou que no quadro actual «a cooperação no domínio do investimento não tem viabilidade», uma vez que se debate com obstáculos, «como a indisponibilidade financeira das empresas, a falta de uma lei-quadro da cooperação, a ausência de políticas de crédito eficazes e prontas e o apoio institucional por departamentos oficiais especializados».

Falando igualmente sobre este tema, o presidente da ENATUR, empresa pública que administra as pousadas de Portugal e possui autonomia financeira, admitiu a possibilidade de esta vir a colaborar com empresas privadas que queiram implementar negócios nos países africanos de expressão portuguesa.

Miguel Sarmento precisou que este tipo de negócios podem ir desde o fornecimento de tecnologia à exploração de unidades hoteleiras, passando pela construção civil, ampliação e reconversão das existentes, e fornecimento de serviços.

E, como a demonstrar a viabilidade desta opção, representantes de Cabo-Verde, Angola e Moçambique afirmaram que os seus países estão interessados nesta cooperação.

Integração na CEE é positiva

Sobre a concessão do estatuto de «exportador» os participantes no III Gongresso de Turismo invocaram a importância de captação de divisas que tem a sua actividade, e consideraram imperioso criar condições que possibilitem aos empresários do sector beneficiarem dos fundos postos à disposição pela Comunidade Económica Europeia.

Sobre o acesso ao FEDER, Fundos Europeus de Desenvolvimento Regional, o presidente da CIP considerou urgente a definição dos mecanismos de acesso às verbas comunitárias. Pedro Ferraz da Costa mostrou-se preocupado quanto à capacidade de Portugal vir a beneficiar dos financiamentos da CEE, pois tem de haver uma comparticipação nacional, donde as verbas terão que estar inscritas no Orçamento de Estado. Quanto ao investimento, o presidente da CIP referiu que este tem vindo a diminuir, considerando que o Estado absorve cerca de 90 por cento da poupança líquida nacional e 79 por cento do crédito total.

Um dos empresários presentes sublinhou que, neste domínio, se torna necessária a capitalização dos juros e o alargamento dois prazos de reembolso, bem como a concentração das bonificações nos primeiros anos de vida dos investimentos hoteleiros.

No entanto, os congressistas consideram positivo para a hotelaria o imposto de adesão à CEE, defendendo a assinatura de protocolos com os países membros, à semelhança do que foi feito este fim-de-semana com as Associações de Hotéis Espanhola, Irlandesa e Brasileira.

Abordando este tema, a secretária de Estado da Administração Regional e Local sugeriu que os empresários se reunissem num seminário de esclarecimento sobre as possibilidades que lhes são oferecidas através dos fundos comunitários. Helena Tores Marques, que representava o Primeiro-Ministro, sublinhou ainda as potencialiades no domínio da formação profissional e referiu-se à importância da estabilidade política para a mudança e progresso do sector.

Queda vertical do investimento

As verbas que Portugal vai obter, por via da adesão do nosso país à Comunidade Económica Europeia, são ainda mais importantes se considerarmos a queda vertical do investimento que, nos últimos anos, tem afectado o sector.

Rui Vilar, presidente do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa indicou que «o volume dos investimentos efectuados em 1981 está longe de atingir os valores de 1973 quando avaliados em termos reais. Enquanto o investimento atingia 23 por cento das receitas turísticas, nos últimos anos rondou entre cinco a oito por cento». Aquele técnico referiu que a evolução do investimento na hotelaria se reduziu significativamente atingindo um quinto do registado em 1973 e que a propensão marginal ao investimento é também negativa. Este facto, sublinhou Rui Vilar, originou a deterioração real da estrutura financeira das empresas e da sua capacidade de gerar auto-financiamanto.

Para João Salgueiro, o responsável por esta queda é a «inaceitável estrutura fiscal e o deregramento das contas públicas». O presidente do Banco de Fomento Nacional considerou necessário proceder a uma «globalização das acções», nomeadamente ao nível da coordenação das decisões, da dimensão dos mercados e da necessidade de alargar o investimento hoteleiro. Quanto aos aspectos financeiros, Salgueiro indicou que, com uma inflação tão alta como a portuguesa, é necessária a capitalização de juros, e esquemas longos com deferimento do pagamento de encargos nos primeiros anos.

No entanto, e apesar dos dados negativos apontados, algumas empresas vão aumentar os seus investimentos. Está neste caso a «Air Atlantis» que, segundo Gomes Mota, presidente do Conselho de Gerência da TAP-Air Portugal, irá aumentar no próximo ano o seu capital social de 100 para 250 mil contos. Gomes Mota indicou ainda o propósito de abrir o capital social daquela empresa ao sector turístico nacional e estrangeiro.

De «boa saúde» está a ENATUR que até 1983 registava prejuízos e alcançou no ano passado um lucro de 10 mi contos. Aquela empresa pública, que no ano passado investiu 31 mil contos, espera atingir este ano os 50 mil contos de lucro, prevendo igualmente um investimento na ordem dos 62 mil contos. Miguel Sarmento, presidente da ENATUR, referiu, por fim, que de Janeiro a Maio, a taxa de ocupação das pousadas se situava nos 61,5 por cento, representando um acréscimo de mais de 6 por cento em relação a igual período do ano transacto.

Electrocutado por lâmpada

Quando substituía uma lâmpada fluorescente nos armazéns, no Porto, dos Supermercados Modelo, morreu electrocutado o electricista Júlio Manuel Bento Trindade Roque, de 24 anos. O malogrado operário, que trabalhava por conta da empresa Finorma, de Lisboa, tinha como especialização o isolamento de câmaras frigoríficas.

Operário morto em ribeira

Um operário metalúrgico, Manuel Fernando Martins Gonçalves, de 50 anos, que trabalhava na Fundição «Barbosa da Costa, Lda», foi encontrado morto numa ribeira em Vila Cova, próximo da estrada marginal que liga o Porto a Entre Rios. Manuel Gonçalves, que vivia sozinho, fora visto horas antes numa taberna em Senadas, tudo indica que tenha sido assassinado.

Agente da PSP agita reunião na Damaia

No parque 25 de Abril, na Damaia, concelho da Amadora, onde decorria um convívio promovido pela Associação de Reformados local, um agente da PSP, à civil e com sinais de embriaguez, originou distúrbios após, de pistola em punho, ter provodado um cidadão cabo-verdiano, participante no arraial. Segundo umporta-voz da Associação de Reformados, o agente seria depois levado por uma patrulha da corporação a que pertence, os quais acabaram, no entanto, por agredir à bastonada alguns dos presentes.

Seminário na Gulbenkian sobre educação musical

A Educação Musical e a Música no Ensino Especial é o tema dum seminário internacional que decorrerá de 24 a 28 do corrente, nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian.

A iniciativa, que se realiza no Ano Europeu da Música, cabe à Associação Portuguesa de Educação Musical, Secção Portuguesa da International Society for Music Education, com a colaboração da Comissão de Musicoterapia e Música do Ensino Especial da ISME.

As comunicações versarão os seguintes temas: Educação estética (educação musical — educação estética; arte na educação — educação pela arte; a música como meio de comunicação); educação musical geral e profissional (A educação musical na escola. Novos caminhos para a educação musical: música antiga — música contemporânea. A formação musical nas escolas profissionais de música. Técnicas tradicionais de ensino de solfejo. A investigação em educação musical) e Musicoterapia e música no ensino especial (Música e saúde. Musicoterapia — música no ensino especial. A formação do musicoterapêuta e do professor de música no ensino especial. A investigação em musicoterapia).

O programa inclui, além de sessões de trabalho no Auditório Dois e miniconcertos, por jovens solistas, duas oficinas, orientadas pelo britânico John Bryan (Early Music in Education) e Sergio Liberovici (L'Opera dei bambini), com o apoio, respectivamente, do Britsh Council e do Instituto Italiano de Cultura em Portugal.

A oficina de trabalho orientada por John Bryan, será uma Prática de Música Antiga Medieval e da Renascença na Educação: conjuntos instrumentais e vocais, flautas de Bisel e outros instrumentos de sopro, corda dedilhada e friccionada e percussão. As sessões, diárias, das 9 às 10h, decorrem na Fundação Gulbenkian.

A oficina orientada por Sergio Liberovici «Novos instrumentos para fazer sons e música com crianças e jovens desde a creche ao ciclo preparatório», decorrerá no Instituto Italiano de Cultura, nos dias 21 e 22.

O programa será completado por visitas de estudo a centros de crianças deficientes e a escolas, e uma exposição de material didáctico.

Confirmaram já a sua colaboração nos trabalhos, sobre o tema de «Educação Estética», entre outros, Gaelle Bernard (Atelier des Enfants, Centro Pompidou); Domingos Morais e Maria José Nobre, da Escola Superior pela Arte; Wanda Ribeiro da Silva, da comissão instaladora da Escola Superior de Dança (Conservatório Nacional) e João de Freitas Branco, Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa. Sobre o tema «Educação musical geral e profissional», colaboram entre outros, Francine Benoit, da Academia dos Amadores de Música, Ronald Smith, secretário-geral da ISME e Ellen Uhro, directora da Academia Sibelius (Finlândia).

Sobre o tema específico de «Musicoterapia e música no ensino especial» colaboram, entre outras personalidades, a músicoterapêuta inglesa Angela Fenwick; Edith Lecourt, secretária da Associação Francesa de Musicoterapia; Joseph Moreno, Departamento de Musicoterapia de Maryville College Saint Louis, EUA e Arquimedes Silva Santos, da Escola Superior de Educação pela Arte.

O seminário tem o patrocínio dos Ministérios da Cultura, da Educação, dos Negócios Estrangeiros e da Saúde, da Secretaria de Estado do Turismo, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal de Lisboa.

RETIRO DE FUNDO

Mário Castrim

Chamamos a atenção para a emulsão do Telebornal de hoje que falará de temas passionais e do estrangeiro. Vejamos

● *O Primeiro-Ministro, no jantar oferecido aos sindicalistas da sua pendência, brincou ao progresso do País.*

● *Sabe-se que o Governo português, interessado em Vénus, pensa lançar, em breve, uma série de nabos especiais.*

● *Na sequência dos últimos acontecimentos do dia quatro em que se exigiu a demissão do Governo, segue-se uma reportagem bastante retalhada.*

● *Tiveram larga percussão as homenagens do dia de Camões, de Portugal e das comodidades.*

● *Durante a sua visita a Portugal, um dos momentos mais interessantes foi aquele em que o presidente disse, com um sorriso: «Trate-me apenas por Donald».*

● *No simpósio organizado em Sintra, o pastor Richard garantiu a origem bíblica das salmonelas.*

● *Na sessão de boas-vindas que se seguiu, o representante português na NATO apresentou ao chefe da esquadra os melhores corrimentos do nosso Governo.*

● *A «operação batata» transformou-se na maior «operação batota». Desculpem, estimados telespectadores, o que nós queríamos dizer era exactamente o contrário.*

● *A poluição na região de Aveiro está provocando graves problemas, particularmente, aos barqueiros do Volga.*

● *Segundo os mais destacados comenta dores políticas, certas manobras ao nível do Governo não passam de uma erosão de óptica.*

● *«A entrada de Portugal na CEE — declarou o ministro à sua chegada a Lisboa — é o máximo a que o nosso país pode expirar».*

● *Verificaram-se, ontem, graves distúrbios entre presos e guardas numa plenipotenciária do Brasil.*

● *Estas imagens vêm do Estado de Ohio. Insólitas. Repare-se. A senhora Richard, paralítica, vai para o casamento na cadeira de rodas. No final, o noivo beija-a, dá-lhe a mão — e caminha!*

● *Regressamos ao nosso país para mostrarmos imagens do saráu realizado no Coliseu. Aqui se prova como temos feito progressos no domínio da educação tísica.*

● *Finalmente, perante a decisão do PSD, aguarda-se da parte do dr. Mário Soares uma severa pomada de posição.*

Encontros em Vila Viçosa

Que renasça a poesia!

Lurdes Féria

Ora, ora. Rui Cinatti tinha mesmo razão: estar numa sala (por sinal lindíssima, com tecto em volutas) horas e horas, a ouvir comunicações, na maioria chatas, só por obrigatoriedade. Muito mais apetecia passear nas ruas de Vila Viçosa, resplandecente nas suas infindáveis demãos de cal. Subir ao castelo, colher flores e ficar, assim, estiraçado ao sol, mordiscando a haste da madressilva, em atitude contemplativa ou até a dizer coisas sem sentido. Enquanto pavões, completamente brancos, se movem no fosso com o porte altivo de quem se sabe superior às outras aves que, ali, param.

Uma assistência atenta...

Na ausência sem desejos na desnuda solidão nos degraus mesmo da morte escrevo o teu nome

E depois entrar no café, fronteiro à Câmara Municipal, onde poetas também se **encontravam,** reproduzindo o contexto de tertúlia, e fazer um pouco de má-língua, como convém. Que tal os encontros de poesia? Luís Veiga Leitão um dos poetas convidados cita-me Drumont de Andrade:

«**O meu ofício é a contemplação da nuvem...**» Viera para desanuviar da discussão que no interior da Sociedade Artística Calipolense, na tal sala abobadada, de arcos abatidos, se travava. O tema que, tão acesamente se debatia, era o soneto. «**Pois o soneto é como as leis... nasceu para ser violado.**»

Mas, então, a poesia? Íamos no quarto dia do programa de trabalhos e que balanço já possível? «**De qualquer maneira estes encontros são positivos. Não porque melhorem ou enriqueçam as capacidades poéticas dos participantes, mas pelo convívio. Teorizar sobre poesia não interessa muito, as comunicações nada trouxeram de novo.**» Desceu do Porto, onde vive, para sul: à terra de Florbela Espanca. Tanto olival, tanto mármore e um agradável cheiro a estevas. Sim, sim: «**alimento de poetas**». Mereceu a pena a viagem quanto mais não seja por isso. «**Em Lisboa, diziam tratar-se de uma reunião de cadáveres... somente porque os poetas, maiores, não apareceram.**»

Verdade. Dei-me, logo, conta de certas ausências. Aliás, no «placard», colocado num dos corredores da **Sociedade Artística,** expunham-se algumas justificações de falta. **António Gedeão,** por telefone, lamentou não estar presente. Motivos de saúde, alegou. Mas prometeu que, para o ano, virá. Ao que parece razões de **última hora** impediram **Mário Dionísio** de se deslocar a Vila Viçosa. «**Está aqui, porém**», assinala-se. **Joaquim Namorado,** infelizmente, adoeceu — segundo o que li, e **Sofia de Mello Breyner** pedia desculpa, invocando uma inesperada viagem ao estrangeiro.

Porreiro!

Refiro-me, apenas, aos que desde o princípio, se mostraram receptivos a uma eventual participação nos **Encontros,** os segundos, de **Poesia** de Vila Viçosa, iniciativa consolidada e irreversível. Não digo Herberto Hélder, Mário Cesariny... e os novos, como Alberto, Miguel Serras Pereira, José Agostinho Baptista. E outros mais que não menciono porque preciso de poupar espaço. «**Estes encontros necessitam de maior divulgação. Porreiro, as pessoas convivem mas é muito vago. Não me parece, também, que seja um reflexo do que, em poesia, se faz no País. Ao nível da poesia apresentada (sobretudo na que foi dita) caiu-se na tendência de que o povo não entende certas coisas... Depois houve a necessidade de definir a poesia. Quanto a mim estou como o Toulouse Lautrec: a arte não se explica, é como a merda... cheira-se.**»

Transmito-lhes a opinião de **José Drumont:** o mais jovem dos poetas que, em Vila Viçosa, se **encontraram.** Dezanove anos, nenhum livro publicado, por enquanto. Coisas dispersas — e boas, achei. «**Quanto a mim os debates teriam mais interesse se se tivessem desenrolado no teatro, na praça ou na escola frente aos alunos. Por outro lado, os Encontros careceram de animação: música, «performance», coisas ligadas à juventude. Senti a tentação de anarquizar certas situações, na medida em que tudo me parecia demasiado sério. Muito boa gente veio para aqui tecer malha, tanto no ponto de vista intelectual como na verdadeira acepção da palavra.**»

Em meia hora, José Drumont conta-me o que pensa. Poetas que gosta e como habita os anos **oitenta:** do rock à poesia e, também, pintura. Ei-los os seus amorès: Mário de Sá Carneiro, Cesariny, António Maria Lisboa e Raul de Carvalho. Quanto aos **novos** (a idade biológica está fora de causa) fala de Filomena Cabral, Paulo da Costa Domingues, Alexandre Vargas, Manuel Cintra, Eduarda Chiote e Jorge de Sousa Braga.

Ele foi o «**anjo azul**» na comunicação que, conjuntamente, apresentou com Filomena Cabral e Teresa Soares. «**Havia ainda o 'anjo azul' com o qual eu me pareço...**» Com subtileza evoca Raul de Carvalho, assunto banalizado por alguns dos participantes. Ele foi elemento perturbador tal como as suas parceiras que recusaram o convencionalismo do estrado, as roupas habituais e os textos cinzentos. Não se assumiram como conferencistas, sim, como actores. E daí a inquietação. «**O meu amor é mulher mas podia ser homem**».

Onde reside o escândalo? ...**Que direi de ti quando tudo estiver terminado: não será mais do que um pouco de mim, momentos que se ausentam para sempre.** Põe o disco e escuta Kim Morisson. **Porém, aquela mulher banhada pelo sol nascente, desencandeadora de paixões, talvez porque exaltava a vida se lançasse na catástrofe e, com ela, os seus amantes** (Filomena Cabral detém-se no mistério da mulher fatal defenindo-a através de Breton, de Eulard, de Aragon — dos surrealistas).

Sedução

O amor louco. **Ela, ...idêntica às esfinges pintadas por Leonard Fini não se limitava a ser um símbolo de mistério, exibia a força invencível de um rei ou de um ídolo para melhor poder atacar os seus inimigos.** Rendiam-se os homens ao fascínio de que era portadora. Numa outra dimensão o discurso feminino de Teresa Soares inverte o sujeito da sedução. **Ele acercava-se manso, como o faria o lobo, o felino e ela teve a realidade do rosto, do olhar incendiado, do sorriso revelador, dos incisivos fortes, das mãos morenas. E aguardou uma palavra, um gesto. Ele detivera-se quase cínico...**

Uma inequívoca frieza carregou o frio natural da sala (é que as abóboras tornam os ambientes frescos) e José Drumont pede às pessoas que se pronunciem. Que não se escondam num universo da mentira. Gostaram ou não? Pelo menos aconteceu polémica. Eu por mim, o cheiro a naftalina é a água de colónia, já me enjoava, desde o primeiro dia. Emocionado Joaquim Matos correu para o microfone para nos comunicar que **apesar da sua formação antiquada** se deleitava com tudo o que era **diferente. Ainda tenho consciência de que amo a loucura: gosto, de vez em quando, de me sentar na cama com Edgar Poe, gosto da voz avinhada de Baudelaire, de passar os olhos pelos textos terroristas dos Dada e delicio-me com as fisgadas de Rui Cinatti.**

Rompeu-se o silêncio e um senhor aludiu à fauna do Jardim Zoológico, em nítido tom depreciativo. O cavalheiro desconhecia que indirectamente, ao chamar **bichos** aos três autores das comunicações («Quatro elementos, uma vez, outra vez», de Teresa Soares, «Pareço o anjo anzul», de José Drumond, e «Veste de Lua» de Filomena Cabral) lhes estava a dirigir um profundo elogio.

Vamos ao resto. Ainda tenho abundante material narrativo. Imprescindível focar a actuação de António Rebordão Navarro: presença discreta, inteligente. **Vale sempre a pena vir. O ano passado tive o prazer de conhecer, pessoalmente, Raul de Carvalho e Rui Cinatti. Este ano os Encontros, a meu ver, pioraram no respeitante a qualidade. Pareceram-me demasiado marcados pela nota de um mau neorrealismo, aquilo que costumo classificar de neorrealejo... mas, enfim, apesar de tudo, o saldo é positivo. Vila é positivo. Vila Viçosa é uma terra lindíssima e há que descentralizar em relação aos centros culturais que são Lisboa e o Porto.**

Raul

À lembrança de Raul de Carvalho. Ainda nos primeiros Encontros de Poesia, ali em Viçosa, bem disposto, com aquele vozeirão que se ouvia à distância. Dia **dois** de Junho de oitenta e quatro, o poeta ria. **Era, fisicamente, um homem de luzidia careca enterrada nos ombros... já não está, entre nós senão no canto, no poema, nesse rasgar de músculos, de veias, de tecidos, de véus, a que durante toda a vida se entregou.** Descreve Rebordão Navarro. Na sua poesia descortinou três vectores: a solidão, o amor, a terra e assinala a importância dos epígrafes em Raul de Carvalho. (De René Guy Cadou: **Ah« E que je ne suis pas metaphisique...**). **É claro que exaltava o corpo, a terra mãe, os camponeses, as raízes a que se agarrava. Daqui não saímos.**

De tal os Encontros, Mendes de Carvalho? **Excelente organização no que toca ao presidente da Câmara e aos seus colaboradores . Estamos, de facto, numa terra onde a poesia é extremamente bem acolhida. Quanto às comunicações pareceram-me velhas... e a poesia má ultrapassou, grandemente, a boa. Muito evidente, também, um certo exibicionismo por parte de algumas pessoas, o que lhes fez perder o sentido real que a poesia tem.**

Impõe-se uma conversa com Orlando Neves, vice-presidente da Associação **Património 21,** organismo empenhado na realização dos **Encontro de Poesia de Vila Viçosa.** Porque o sítio era ideal, apropriada à função, e porque o presidente da Câmara, Miguel Patacão Rodrigues, se manifestou disposto a abrir as portas da vila, que governa, a acontecientos daquela natureza, dedidiu-se concentrar, anualmente, poetas naquele lugar. A intenção: para que a poesia renasça e se derrame pelas ruas. **De início pretendemos animar encontros de poetas e de pessoas que gostam de poesia, os chamados poetas envergonhados, a quem oferecemos a possibilidade de dizerem os seus versos e de publicá-los no jornal dos Encontros que sai diariamente.**

Orlando Neves diz não saber porque é que os poetas «consagrados» não apareceram. **Ainda não perceberam que isto funciona como um espaço de convívio, sem segregações ideológicas ou políticas, embora a Câmara seja APU. Com efeito, não se trata de encontros práticos de comunistas... são para quem quiser estar.** Recordo-lhe o lado panfletário que, em certa altura, predominou. **Não sou contra isso, mas preferia que esse aspecto não fosse sobrevalorizado. Para o ano pensamos fazer uma selecção, mais rigorosa, dos poemas e das comunicações. Seleccionar não é, de maneira nenhuma, igual a censura. Há que perseguir uma maior qualidade estética e literária.**

A organização anda já a imaginar um alargamento para além fronteiras. Num projecto de carácter internacional. É provavel que, no próximo ano, 86, intervenham poetas africanos, de expressão portuguesa, e brasileiros. Mais tarde; a Espanha; e assim por diante, com os seus representantes. Antes de tudo, o lógico será convencer a malta nova e as vedetas. Antes de tudo, o lógico será convencer a malta nova e as vedetas instaladas nos tronos. Vencer preconceitos, anular más interpretações. De outra maneira o projecto morre, nos limites de um provincianismo triste. **Para o ano temos de reflectir no caso...** (Orlando Neves).

Louvou-me a «abertura» do presidente da Câmara, Miguel Patacão Rodrigues. Activíssimo, sensível, merece enfileirar na galeria dos poetas. **Não impusemos condições prévias, não interferimos no vosso trabalho. O poder, seja ele, qual for, deve incentivar a liberdade de ser, de estar. de criar. Apenas exigimos qualidade e rigor de análise...** Em nome da autarquia, a voz do presidente, no discurso de encerramento dos II Encontros de Poesia.

Incompleto o relato sobre os **cinco dias,** em Vila Viçosa. Acrescente-se que na noite de sexta para sábado, no largo de Santo António, os poetas disseram poesia, sua e de outros, ao ar livre. Junto a uma pequena ireja, iluminada e de portas escancaradas. Franca a quem quisesse admirá-la... ou rezar. Destinou-se o dia seguinte para as incursões a três povoações do concelho. Cerca de trinta minutos em Pardais, algum tempo mais em **Bengatel,** terra de operários do mármore e fortes tradições revolucionárias. Por fim, em S. Romão, onde se almoçou e jantou. O que aconteceu de mais significativo talvez tivesse sido o espectáculo **Jardim das Delícias,** de poesia árabe, dirigido por Jorge Listopad. Os textos eram de Borges Coelho e os actores do Grupo de Teatro da Universidade Técnica de Lisboa.

Noite de domingo consumido num espectáculo, no teatro Florbela Espanca. Longa e um tanto irregular teve a colaboração de Fernando Teles, Maria da Graça Varda Cid, José Oliveira, Carlos Wallenstein, Cármen Dolores e o grupo de cantores «O Semeador», de Portalegre. Destaco, ainda, a participação da cantora lírica Raquel D'Anrique que Paulo Valente Pereira acompanhou à guitarra.

E acabou-se. Segunda-feira, dez de Junho. Dia de Camões, no Porto, decorriam as cerimónias oficiais — o circunstancial, o tédio. Ah!... já me esquecia. Houve quem comentasse: **Andam a fazer com Pessoa o mesmo que fizeram com Camões.** Pois, a esvaziá-los. No **contra,** arremesso pedaços do poema de Paul Eluard, aliás dito no fecho dos Encontros de Poesia pelos componentes do Grupo de Teatro da Universidade Técnica de Lisboa.

...Na carne toda rendida / NA FRONTE DOS MEUS AMIGOS / em cada mão que se estende / escrevo o teu nome» (reparem: a tradução, magnífica, é de Jorge de Sena). «Por poder de uma palavra / recomeço a minha vida / nasci para conhecer-te / nomear-te...» Liberdade.

Qualidade no Concurso de Cozinha Alentejana

Incursão de um gaspacho nos meandros da política

Rogério Vidigal

Um capacho, no Alentejo é, além do mais, um gaspacho. Prato que não é só daqui nem só português. Mas que, evocado através da memória de quem o comeu em más condições (sociais, políticas, laborais...) levantaria controvérsia na última fase do 3.º Concurso de Cozinha Alentejana, no sábado, em Évora. Foi, no fundo, uma borbulha política, um prenúncio das eleições que aí vêm. Mas a entrega dos diplomas e troféus aos premiados no certame prosseguiria. E vem aí, com este Verão pouco característico, o tempo das afamadas feiras do S. João e S. Pedro, naquela cidade. Abencerragens dos tempos de antigamente, em que as feiras eram para tudo e para todos.

Os tempos, hoje, mudaram. Muitas das feiras que se fazem por todo o País evoluíram para a especialização. Na de S. João, em Évora, cujo programa já está em curso, será, ainda, possível ver um pouco de tudo o que é Alentejo, se calhar também o plástico e a adulteração. Mas, de certeza, a partir do dia 24, estão à prova as especialidades laureadas no Concurso de Cozinha deste ano. Incluindo o capacho.

Capacho, pois. Este que, agora, se come é... este. A «bronca» durante a atribuição de prémios surgiu pelo facto de a Câmara de Évora ter dado voz a um professor local, que estuda os hábitos gastronómicos da região. Aníbal Falcato, com receitas e testemunhos diversos já recolhidos, deu espaço maior ao significado daquela sopa e suas características no período anterior ao 25 de Abril.

E, então, foram referidos testemunhos como este: «Depois à tarde, era o tal capacho. Uma pouca de água, sal, um dente de alho e depois eram sopas e vinagre. Depois, lá se deiava a tal amostrazinha de azeite e eram, então, as azeitonas. Depois, era trabalhar até lá para as nove, dez, onze horas da noite. Depois, para irmos descansar um bocadinho, ainda tínhamos que andar seis, sete, quilómetros a pé».

Palavras ditas pela voz do professor, em nome de Diamantino Alves Russo, analfabeto, casado, ex-trabalhador rural, hoje nas pedreiras. E, ainda com muitos outros testemunhos por vir, já se ajeitavam vozes para o embate. «É uma vergonha, sr. presidente, aproveitar uma coisa destas para fazer campanha eleitoral» — diria alguém, por fim, exaltado.

Vieram mais protestos, claro, eram vários os ouvidos sensíveis. Aberto à participação de particular, o concurso tinha dado oportunidade a todos de proporem os seus segredos, velhas receitas. Quem as guarda, naturalmente, é quem sempre teve oportunidade de melhor comer, maior poder de compra e, até, maior refinamento. Lá estavam muitos desses munícipes.

Sobre a mesa

As palavras justificativas, tranquilizadoras, do presidente da Câmara não bastaram para muitos deles. Alguns dos participantes abandonaram, mesmo, a sala, o Monte Alentejano, no Rossio de S. Brás, antes da hora das provas. O vereador do turismo, que tinha gerido o concurso até então, declarou-se desvinculado de quaisquer responsbilidades.

Mas, passemos à frente. Sobre a mesa lá estava o gaspacho/capacho, que dera o pontapé de saída à polémica. O prato que, actualmente, se faz, na «Adega do 4.º-Feira», em Évora, moldado por todos os ensinamentos, de ricos e amargurados de outros tempos. Gaspacho, ainda, condicionado pelos tempos de hoje, a nossa crise e o revivalismo gastronómico, até hábitos novos, como a malagueta.

Mais, muito mais, se alinhava sobre as mesas grandes do Monte Alentejano, algumas preciosidades trazidas por cada um dos premiados, de suas cozinhas e fogões, acobertando, ainda, pormenores, o dedo do sabor final, o toque das memórias de cada um. Vejamos: «Açorda de Peixe», do rio, do Restaurante «A Gruta»; «Alimado de Cação», do «Chaparral»; «Sopa de Tomate à Alentejana», do «Luar de Janeiro», tal como um «Borrego Assado» e um «Doce Fidalgo»; o «Gaspacho», uma «Friginada de Porco» e um «Torrão de Ovos», da «Adega do 4.º-Feira; «Sopa de Peixe com Batatas» e «Borrego Assado no Forno de Padeiro», elaborado pela «Cozinha de Santo Huberto»; a «Sopa da Panela», do «Passarinho»; «Favas com Chouriço», do «Jobel»; «Encharcada do Convento de St.ª Clara», da «Estalagem do Monte das Flores»; «Enxovalhada de Torresmos», da «Torralva»; e o «Sericá», do «Chaparral».

Sobre o passado

Restaurante é restaurante, segredos de particulares têm outro sortilégio. São soisas que vêm do passado, moldadas, adaptadas, domesticadas, por quem teve tempo, saber, dinheiro, para tanto, além do indispensável golpe de asa.

Sobre as mesas do «Monte Alentejano», pois, essas memórias de um passado que provavelmente pouca justificação terá na maioria dos restaurantes, mesmo que os mais especializados. Vêm então os tais cidadãos, aqui valendo-se dos seus méritos e meritoriamente, não enjeitando a comunhão daquilo que é património de uma região, dela resultando, de todas as suas mudanças, lentas ou rápidas, refluxos ou revoluções.

Basta de pensar nisto, mas tem de assinalar-se. Para meditação de muitos dos que pensam ser a gastronomia um fenómeno desligado da história de cada um de nós, da História.

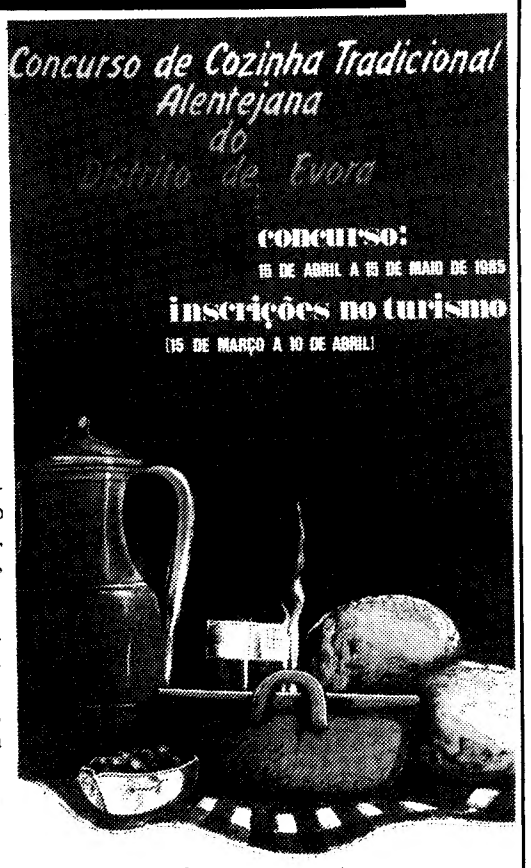
Vamos às virtualhas dos alfobres de quem teve o cuidado de lembrar-se, fazer por isso. Por exemplo — dando-lhe o devido destaque, por mérito absoluto — Manuel Fialho, um dos três irmãos do restaurante eborense com o seu nome. Já nos tinha anunciado, há meses, que este ano não levaria o seu estabelecimento à compita. Mas foi a título particular... e recuperou pitéu de que muitos nem saberiam a existência: sopa de cardos com bacalhau limado.

Que aqui fique registado, ainda, um outro êxito dos «Fialhos» neste concurso, com uma receita preciosa de «Queijadas de Évora», aqui d'El-Rei que a infância nos dá a mão, por pastelarias da cidade, quando a fama, quase só, das de Sintra, ainda nem se adivinhava.

Sem menos apreço pelos nomes de outros depositários de preciosidades gastronómicas do Alentejo, aqui deixamos o registo de mais algumas especialidades postas à prova, no sábado — mas quem podia mais, senhores?

Então, um pequeno rol: «Sopa de peixe do rio»; «Cozido de grão com carne»; «Burra»; «Perna de porco com orégãos e laranja» «Queijo conventual»; «Torrão de ovos»; «Encharcada».

Lamentavelmente, as receitas distribuídas aos jornalistas presentes omitem algo de importante: as quantidades dos ingredientes necessários. Paciência. **Prove no S. João.**



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

Bom, foi um privilégio a prova de sábado. Mas para quem queira conhecer a beleza única de Évora, ou simplesmente revê-la, pisar ou repisar os terrenos das antiquíssimas feiras locais, há oportunidade de provar, ao longo dos dias e a partir do dia 24, tudo o que foi premiado no 3.º Concurso de Cozinha Alentejana.

A Feira de S. João, como cabeça de cartaz no conjunto dos três santos de Junho, é este ano uma aposta ainda mais funda do município eborense. Mais expositores, área duplicada, programa iniciado já no dia 15, aberto às várias regiões trastaganas.

Para quem aproveitar algum tempo livre, aqui deixamos referências sobre pontos de interesse nesta Feira: dia 22, há acontecimentos que vão de um Festival de Pára-quedismo e um espectáculo animado por grupos culturais do distrito de Évora. No dia seguinte, 23, há — pasme-se — múltiplos acontecimentos sobre / dentro da água: pesca, pólo aquático, natação mas, ainda, venda de produtos agrícolas, jogos tradicionais, cinema de qualidade e gastronomia do distrito de Portalegre; no dia 24, um concurso de mel alguns dos pratos agora premiados em Évora.

Ainda sobre os comes e o concurso de Évora, anote-se o número de concorrentes este ano registado: 12 profissionais, com 12 sopas, 12 pratos e sete doces; 29 amadores, com 11 sopas, 18 pratos e 17 doces. O total é de 77 receitas.

É a opinião da APD

Portugal tem a maior percentagem de deficientes da Europa

Portugal é o País da Europa com maior percentagem de deficientes e as suas condições de vida enquadram-se nas dos países do Terceiro Mundo — afirmou o presidente da Associação Portuguesa de Deficientes (APD).

Cerca de 10 por cento da população portuguesa é deficiente, de acordo com estimativas da Organização Mundial de Saúde, e enfrenta problemas «que nos outros países da Europa já foram ultrapassados há 30 ou 40 anos», disse António Lampreia, presidente da APD.

A APD participou na Conferência Europeia de Deficientes que se realizou em Gotemburgo, na Suécia, nos dias 3 e 4 de Junho onde os problemas colocados pela delegação portuguesa — relatou António Lampreia — «deixaram toda a gente estupefacta, porque ninguém imaginava que houvesse países europeus onde os deficientes se confrontassem com obstáculos há tantos anos ultrapassados».

Um dos problemas apontados pelo presidente da APD refere-se à falta de subsídios e apoios financeiros por parte do Estado e de outras entidades. «por exemplo — prosseguiu —, a APD só pôde confirmar a sua presença na conferência a três dias da partida, porque as autoridades governamentais contactadas para custearem a nossa viagem não concederam qualquer subsídio das companhias de aviação contactadas para esses efeitos, incluindo a TAP/Air Portugal, somente a TAAG (Linhas Aéreas Angolanas) nos concedeu uma viagem, tendo a outra de ser suportada pela Associação, pois o seu presidente é um deficiente que necessita do apoio de outra pessoa».

«A APD, que faz parte do Conselho Mundial, poderia pertencer ao Secretariado do Conselho da Europa se da parte do Governo português houvesse sensibilidade para a atribuição de verbas que promovam a nossa participação junto da comunidade internacional», disse ainda António Lampreia, acrescentando que o Governo não concede qualquer subsídio à Associação desde há três anos.

Portugal é o País europeu mais atrasado no domínio da reabilitação de deficientes, do ensino especial (existe legislação desde 1979 que por não estar regulamentada não é aplicada) e também no que se refere às barreiras arquitectónicas, com um regulamento geral das edificações urbanas aprovado em 1981 que não é aplicado por sucessivas prorrogações — disse António Lampreia.

Os deficientes portugueses encontram-se «numa situação duplamente desvantajosa, inseridos numa situação de crise económica, política e social caracterizada pelo desemprego crescente e pela fome, existindo um número insuficientíssimo de centros de formação profissional e não havendo integração no mercado normal de trabalho para os deficientes» — afirmou.

Da Conferência Europeia de Gotemburgo, António Lampreia destacou o apelo lançado para a paz no Mundo, «evitando, por esta via, o aparecimento de mais deficientes» e a proibição, nos próximos Jogos Olímpicos Para Deficientes, a realizar na Grã-Bretanha, da participação da África do Sul devido à sua política de «apharteid».

A APD, fundada em 1972, tem mais de 12 mil associados e mantém uma secção de serviços sociais que em 1984 atendeu nove mil utentes.

A APD debate-se com graves problemas financeiros, vivendo apenas das quotas dos seus associados,

Substituição há muito prometida

Agualva-Cacém contra lixeira

A Junta de Freguesia de Agualva-Cacém exigiu à Câmara Municipal de Sintra que inicie, imediatamente, os estudos para a substituição da lixeira de Vale do Mourão por um aterro sanitário «há muito prometido» — foi, ontem, divulgado.

A junta afirma, em comunicado, que a freguesia está «profudamente afectada por agentes poluentes que alteram de forma perigosa o equilíbrio ambiental».

Na ribeira das Jardas — adianta — os esgotos industriais e domésticos «são lançados em crú».

A junta exige que sejam informados «todos os agentes poluentes industriais, no sentido de procederem ao tratamento dos seus resíduos de produção, evitando, assim, o lançamento em crú na ribeira das Jardas».

A junta está, ainda, contra as lixeiras ao longo da ribeira e exige a remoção de dezenas de viaturas abandonadas na via pública.

Mais contentores para a freguesia e instalação de papeleiras nos postes de iluminação pública na Avenida dos Bons Amigos, são outras reivindicações da Junta de Freguesia de Agualva-Cacém.

Cidade Universitária é zona perigosa

Nos últimos tempos tem aumentado o número de assaltos e agressores nos terrenos da Cidade Universitária em Lisboa bem como actos de puro vandalismo sem que sejam visíveis da parte das autoridades académicas e governamentais medidas que visam pôr fim a tal estado de coisas, refere uma nota da Juventude Comunista Portuguesa dirigida aos órgãos de Comunicação Social.

Transportes do Porto podem parar quarta-feira

Os trabalhadores do Serviço de Transportes Colectivos do Porto poderão paralisar a partir das 14 horas de quarta-feira, 19, se até lá o conselho de gerência não alterar a sua posição à mesa das negociações.

O pessoal do STCP reivindica salários iguais aos restantes trabalhadores do sector público de transportes.

De referir que estes trabalhadores, em relação por exemplo à Carris, de Lisboa, auferem menos dois contos mensais, o que representa um prejuízo anual de 60 contos, se se tiver em conta a diferença de vigência do contrato.

Gráficas paradas

Entretanto, encontram-se em greve os trabalhadores das empresas gráficas do Norte, «Norlim» e «Seixezele», em luta pelo pagamento de salários e subsídios em atraso.

Na «Norlim» ainda não foi pago o salário de Maio e subsídio de Natal de 1984.

Quanto à «Seixezelo», de Vendas de Grijó, também não foi pago ainda o salário de Maio, parte do 13.º mês de 1984 e dois meses de retroactivos do salário mínimo nacional de alguns trabalhadores.

Fundição Barbosa de Castro

Segundo uma fonte do Sindicato das Indústrias Metálicas e Metalomecânicas do distrito do Porto também a maior parte dos trabalhadores da Fundição Francisco Barbosa de Castro estão em greve para exigir o pagamento de salários em atraso e os subsídios de férias e de Natal de 1984.

A mesma fonte referiu que os trabalhadores marcharam sexta-feira para Gondomar (residência do empresário) para tentarem sensibilizar a autarquia para o seu problema.

Despedimento colectivo

A gerência da fábrica de bicicletas Vilar, de São Mamede de Infesta, decidiu despedir cerca de 50 trabalhadores através de processos disciplinares na sequência de uma greve.

Uma fonte sindical referiu que a Vilar, propriedade do dirigente socialista António Macedo deve milhares de contos aos seus cerca de 150 trabalhadores.

Função Pública

Sindicato critica actual sistema de carreiras

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Norte acusou o Governo de não ter cumprido o acordo celebrado com a UGT no início do ano sobre revisão de carreiras.

A direcção do sindicato sublinhou que o actual sistema de carreiras se caracteriza pela inexistência de processos adequados de definição das diversas funções, bloqueamento das promoções e consequente estagnação dos funcionários e falta de concretização da intercomunicabilidade de carreiras.

«A tabela salarial tem um limitado número de posições, uma amplitude reduzida que remunerá injustamente as funções exercidas», sustenta o sindicato, acrescentando que a «formação profissional praticada tem um carácter elitista».

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Norte denuncia o projecto recentemente aprovado em Conselho de Ministros, sublinhando que este não prevê uma revalorização das carreiras, «criando apenas algumas novas posições de topo de difícil acesso».

«O projecto de revisão de carreiras não contém normas de aplicação imediata, não prevê em caso alfum a retroactividade, não admite o alargamento dos quadros, nem contém medidas orçamentais que possibilitem a concretização das inovações que introduz», acrescentou.

Comunicações

Congresso decide lutar contra manipulação

O 2.º Congresso da Federação Sindical das Comunicações, e Telecomunicações ao serviço das populações e do País». A resolução político-sindical aprovada no congresso, que elegeu também o novo conselho nacional da FCT e aprovou o programa de acção, decidiu ainda exigir da RTP e RDP uma informação isenta e pluralista e protestar contra «a manipulação a que estas empresas são cada vez mais sujeitas». Decidiu ainda lutar contra a política de destruição do sector e exigir que as empresas públicas sejam dotadas dos meios financeiros necessários para prestarem os serviços não rentáveis a que estão obrigados. A resolução aponta para a luta contra a desarticulação das empresas e pela estabilidade e segurança dos postos de trabalho.

A resolução refere os objectivos concretos para as principais empresas (CTT, TLP, Marconi, RTP e RDP), nomeadamente no campo da contratação.

Na intervenção de encerramento do congresso, os dirigentes da FCT destacaram a necessidade de defender o sector contra «os ataques que têm sido desferidos, quer no sentido de o reestruturar para abrir ao capital privado os sectores rentáveis, quer no sentido de baixar a qualidade do serviço».

Salários do CDUP

A esmagadora maioria dos trabalhadores do Centro Desportivo Universitário do Porto (CDUP) não recebem ainda o equivalente ao ordenado mínimo nacional — acusou o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Norte. «O CDUP foi criado pela Mocidade Portuguesa e vive ainda com regulamentos que têm muito de comum com os aprovados por aquela extinta entidade», acrescenta o sindicato, em comunicado.

Corrente sindical da CGTP

A corrente sindical de classe da CGTP-IN congratulou-se com o rompimento da coligação governamental, considerando-o «uma dado positivo para os trabalhadores». Segundo a corrente, «seja qual for o Governo que se seguirá, o que é certo é que vai prosseguir a ofensiva contra os direitos, as conquistas e as reivindicações dos trabalhadores em face das amarras da burguesia e do capital português ao Imperialismo, ao FMI, à CEE e à NATO».

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SETÚBAL

ANÚNCIO

EXECUÇÃO SUIMÁRIA N.º 73/84
EXEQUENTE — OLÍMPIO VASCO FONSECA
executado — JOSÉ DE SÁ NOGUEIRA

1.º JUÍZO 1.ª SECÇÃO

Por este Juízo e secção, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado JOSÉ DE SÁ NOGUEIRA, casado, comerciante, residente na Rua José Pedro da Silva, 5, 4.º Dt.º, Setúbal para no prazo de DEZ DIAS posterior aos dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução acima identificada.

Setúbal, 4 de Junho de 1985

O Juiz de Dreito,
(Ernesto António Garcia Calejo)
O Escrivão adjunto,
(Ana Bela Ramalho Ramos Fernandes)

«DL» 17/6/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DO 17.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do presente anúncio.

Execução de Sentença n.º 1.107/A/83 2.ª secção.

Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P.

Executado — JOAQUIM FERNANDES, residente no Bairro das Almas, S. João do Campo, em Coimbra.

Lisboa, 24 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,

a) António Correia de Abranches Martins

Pel'O Escrivão de Direito,

a) Maria dos Anjos Ferreira Gaspar

"D.L." 17/6/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA 12.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio respectivo.

Execução Ordinária n.º 2288 1.ª Secção

Exequentes — BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, E.P.

Executado — MADALENA LUÍZA SOTTO MAYOR COUTINHO FERREIRA PINTO BASTO, residente na R. do Viveiro-Edifício S. João, Lote 3, 4.º Esq.º Monte Estoril — Cascais.

Lisboa, 31 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,
José Geraldes P. de Carvalho

O Escrivão Adjunto
Carlos Alberto Mira

"D.L." 17/6/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da publicação do segundo e último anúncio.

Execução de Sentença n.º 10 080/B 1.ª Secção.

Exequentes — Companhia de Seguros Império, EP.

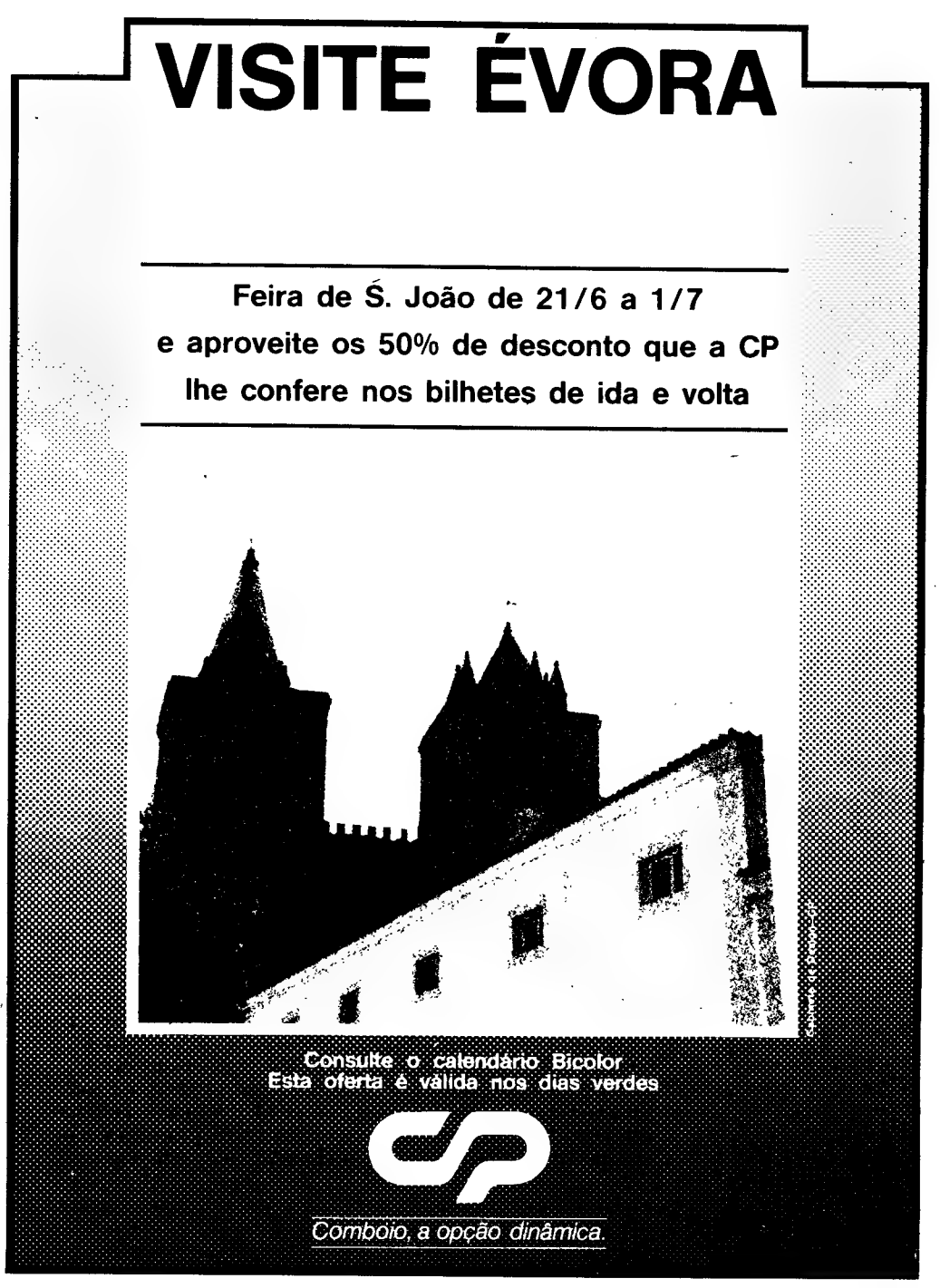
Executado — Fernando Sousa Martins, residente no Lugar de Barreiras, Duas Igrejas, em Paredes.

Lisboa, 23 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,
(Ilegível)

O Escrivão de Direito,
Hernâni António Lopes Cruz Fernandes

"D.L." 17/6/85 — 1.ª Pub.



Escudo desvalorizou 4,82 por cento até Maio

O escudo sofreu uma desvalorização efectiva de 4,82 por cento nos cinco primeiros meses de 1985, indicam dados do Banco de Portugal, divulgados pela Anop.

O cálculo é feito com base no índice da taxa de câmbio efectiva do escudo, que resulta da cotação da divisa portuguesa perante um conjunto de 18 moedas, em que as divisas mais importantes são, por ordem decrescente, o marco, franco francês, dólar americano e libra esterlina, que em conjunto representam mais de 60 por cento.

A taxa de câmbio efectiva do escudo apresentava, em Maio, de 1985, uma desvalorização de 11,35 por cento relativamente à de um ano antes.

A desvalorização, relativamente aos meses precedentes, foi de 0,92 por cento em Janeiro, 1 por cento em Fevereiro, 1,04 em Março, 1,02 por cento em Abril e 0,95 em Maio.

É o que pensa a CNA...

"CEE asfixiará a agricultura"

«A integração de Portugal na CEE provocará um abandono muito significativo dos campos» e «virá asfixiar ainda mais a agricultura portuguesa, provocando a «morte» de inúmeros pequenos e médios agricultores», disse ontem em Coimbra o dirigente da CNA (Confederação Nacional da Agricultura) Paulo Martins, no final de um debate intitulado «Mercado Comum: que consequências para a agricultura portuguesa?».

Paulo Martins acrescentou que os sectores mais atingidos serão os cereais, o leiteiro, o vinho, a fruta e os produtores de gado ao nível da pequena e média agricultura.

Especificou aquela afirmação dizendo que a abertura do mercado interno aos produtos dos parceiros comunitários provocará dificuldades de escoamento à produção nacional, em virtude de esta ter custos de produção «amplamente superiores aos da CEE».

Paulo Martins adiantou a propósito do debate que a generalidade dos participantes manifestou «grande preocupação pela previsível quebra de rendimento que vai resultar do congelamento dos preços dos nossos produtos agrícolas, enquanto vão continuar a subir os custos de produção».

Paulo Martins sublinhou que foi criticada no debate a «marginalização das organizações da lavoura durante todo o processo de negociação do «dossier» agrícola e apontou que foi exigida uma rápida divulgação dos moldes em que foram negociadas as questões agrícolas.

Por outro lado, Paulo Martins frisou que se concluiu pela imposssibilidade da estrutura agrícola portuguesa concorrer com possibilidades de êxito no mercado comunitário, devido à progressiva destruição dos poucos mecanismos de protecção da nossa agricultura».

Referiu ainda ter «sérias apreensões» sobre a aplicação dos fundos de pré-adesão «pois temos fortes suspeitas que venham a ser entregues a interesses estranhos à agricultura».

No debate participaram cerca de oitenta técnicos e agricultores da Região Centro.

Serviços e empresas portuguesas vão ter sede conjunta em Madrid

Todos os serviços oficiais e muitas empresas públicas e privadas portuguesas estabelecios em Madrid ficarão proximamente instalados num único e moderno edifício, ao lado da actual embaixada de Portugal na capital espanhola.

O Primeiro-Ministro português, Mário Soares, reuniu-se na quinta-feira em Madrid com os ministros dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, e Finanças, Ernâni Lopes, para analisar o projecto.

«Tive uma reunião com os ministros das Finanças e dos Negócios Estrangeiros e como embaixador de Portugal sobre a necessidade do Estado português adquirir um edifício para reunir num só lugar os serviços e empresas portuguesas e criar um grande centro cultural e comercial português na capital espanhola», disse à ANOP Mário Soares.

A intenção das autoridades portuguesas é criar um centro que sirva de símbolo representativo das actividades portuguesas em Espanha, com projecção económica e cultural.

O governo aprovou o projecto, em princípio, que se concretizará agora numa operação económica para a compra do edifício, que já está construído e tem condições de ligação com a actual da embaixada de portugal.

A operação deverá realizar-se através do IPE (Investimentos e Participações do Estado), com 60 por cento do Estado, que comprará o edifício a título de investimento no estrangeiro.

Para que o IPE possa efectuar a compra e pelo interesse político e económico que representa este projecto, o Estado aumentará a sua participação na empresa no equivalente à quantia inicial necessária para a operação, que equivale a perto de metade, pouco mais de 300.000 contos.

O IPE alugará depois as instalações aos diversos serviços portugueses e empresas instaladas em Madrid.

China ofereceu cereais a Angola

A China ofereceu duas mil toneladas de trigo a Angola, a fim de ajudar o combate à fome este país, atingido pela seca, anunciou a agência noticiosa chinesa, Xinhua.

A agência referiu que uma cerimónia de entrega daquele cereal decorreu no sábado a bordo de um cargueiro chinês ancorado no porto de Luanda.

Guiné-Bissau aprova Código do Investimento Estrangeiro

O Conselho deEstado da Guiné-Bissau aprovou sexta-feira o Código do Investimento Estrangeiro, soube-se de fonte oficial.

Na reunião, os conselheiros de Estado, presididos pelo secretário-geral do PAIGC, João Bernardo Vieria, aprovaram, ainda, o regulamento do regime legal de investimentos e o regime geral de investimentos referente à transferência de tecnologia.

O Código agora aprovado é o resultado da reformulação do anteriormente apresentado em Conselho de Ministros e que sofrerá críticas profundas por parte de entidades empresariais e de organismos financeiros internacionais devido a forte carga radical que possuía.

O Código, que havia sido anteriormente aprovado pelo Conselho de Ministros da Guiné-Bissau, dá garantias à protecção de investimentos, contemplando sempre uma indemnização em caso de rompimento do acordo entre o Governo e o investidor.

Argentina substitui o peso pelo austral

O peso argentino vai ser substituído pelo austral, a nova unidade monetária que passará a circular na Argentina ainda esta semana, provavelmente quinta-feira.

Os especialistas são de opinião que desde que o austral entre em circulação, com a reanimação da actividade dos bancos e das instituições financeiras, o peso argentino desvalorizar-se-á 1 por cento ao dia, comparativamente à nova moeda.

Fontes governamentais afirmaram que «o governo não emitirá mais notas», o que dará uma maior solidez ao austral.

Os especialistas pensam que o actual peso perderá o seu valor no prazo de 90 a 120 dias, depois da entrada em circulação da nova unidade monetária.

TWA muda de proprietário por 800 milhões de dólares

A Trans World Airlines (TWA) anunciou ter concordado em ser comprada pela Texas Air Corporation, por 23 dólares cada acção, num negócio de 793,5 milhões de dólares, cerca de 140 milhões de contos.

A TWA colocara-se à venda há várias semanas para evitar uma aquisição hostil por parte do financeiro de Nova Iorque, Carl C. Icahn.

Os Conselhos de Direcção da TWA e da Texas Air aprovaram, por unanimidade, este acordo. A Texas Air, que tem sede em Houston, terá de pagar aos accionistas da TWA um total de 23 dólares por acção.

A Resorts International propusera 22 dólares por acção e Icahn, que já detém 32,7 por cento das acções da TWA, tinha apresentado, como proposta, de 18 dólares.

A fusão deverá estar completada em Dezembro. A Texas Air é já proprietária da Continental, Airlines e da New York Air.

A TWA é a sexta maior companhia dos Estados Unidos e manter-se-á como entidade independente. Mas a Texas Air ficará, no total, com uma frota superior a 300 aparelhos.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	70$50	76$50
ALEMANHA FED (marco)	56$35	57$45
ÁUSTRIA (xelim)	7$95	8$15
BÉLGICA (franco)	2$622	2$822
BRASIL (cruzeiro)	$010	$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$25	128$25
(notas de 5 a 1000)	126$75	128$75
DINAMARCA (coroa)	15$65	16$05
ESPANHA (peseta)	$936	1$056
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	173$20	175$20
(notas de 5 a 1000)	173$70	175$70
FINLÂNDIA (marka)	27$10	27$70
FRANÇA (franco)	18$40	19$20
HOLANDA (florim)	49$80	50$80
IRLANDA (libra)	176$70	180$70
ITÁLIA (lira)	$080	$090
JAPÃO (iene)	$669	$704
NORUEGA (coroa)	19$55	20$05
REINO UNIDO (libra)	220$85	224$85
SUÉCIA (coroa)	19$45	20$05
SUÍÇA (franco)	67$00	68$10
VENEZUELA (bolívar)	11$25	12$25

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Universidade Livre

LISBOA E PORTO

SECÇÃO DE LISBOA

UL

De 17 a 26 de Junho

INSCRIÇÕES PARA EXAMES DE SERIAÇÃO PARA ADMISSÃO AOS 1.os ANOS

Licenciaturas em:

— DIREITO;
— ESTUDOS PORTUGUESES;
— LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS;
— CIÊNCIAS HISTÓRICAS;
— ECONOMIA;
— GESTÃO;
— MATEMÁTICAS APLICADAS E MATEMÁTICAS MODERNAS.

CURSOS RECONHECIDOS PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PARA TODOS OS EFEITOS LEGAIS
Decreto n.º 59/83, de 11 de Julho de 1983

INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS NA SECRETARIA DA UNIVERSIDADE:
Rua Vítor Cordon, 45 — 1200 LISBOA
Telefs.: 36 88 37 - 37 17 22/23/83 - 37 37 71/72

«MARPA — AGÊNCIA DE DOCUMENTAÇÃO, LIMITADA»

NOTARIADO PORTUGUÊS SÉTIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A cargo da notária, Lic. Olívia Nunes Pinto Capelo Ramos.
CERTIFICO
— para efeito de publicação:

Que, por escritura de vinte de Maio de mil novecentos e oitenta e cinco, lavrada de folhas setenta a folhas setenta e uma do Livro trinta e quatro-E, das notas deste Cartório, CARLOS ALBERTO DA SILVA PONTES e JOSÉ ARLINDO DOS SANTOS, como sócios da sociedade «MARPA ; AGÊNCIA DE DOCUMENTAÇ:O, LIMITADA», com sede em Lisboa na Rua Filipe Folque, número vinte, quarto esquerdo, sala quatrocentos e dezasseis, freguesia de São Sebastião da Pedreira, e com o capital social de quatrocentos mil escudos, rectificaram o artigo segundo dos respectivos estatutos, o qual passará a ter a seguinte nova redacção:

Artigo segundo: o objectivo específico da sociedade consiste na actividade de serviços prestados às empresas com excepção de aluguer de máquinas e equipamentos n.e.

Está conforme ao original a que me reporto.

Lisboa, vinte e dois de Maio de mil novecentos e oitenta e cinco.
A AJUDANTE,
(assinatura ilegível)

DL. 17/6/85

Alerta máximo do Amal no aeroporto de Beirute

EUA desmentem intervenção iminente para resgatar reféns

Negociações prosseguem

Forças do movimento xiita libanês Amal encOntram-se em posição no aeroporto internacional de Beirute e arredores, para se opor a qualquer tentativa de libertação dos reféns do Boeing da TWA sequestrado sexta-feira. Milicianos xiitas armados controlam todos os acessos ao aeroporto cercado por blindados do movimento Amal, enquanto jips com canhões de 106 mm patrulham os arredores, ao sul de Beirute.

Depois da terceira noite passada a bordo do avião sequestrado, os piratas do ar pediram hoje informações sobre o desenrolar das negociações, jornais do dia e, funcionários para proceder à limpeza das instalações sanitárias. Todas as exigências dos sequestradores foram satisfeitas.

O líder de Amal, Nabih Berri, esteve em contacto, pelo telefone com o embaixador norte-americano em Beirute, Reginald Bartolomew, que desmentiu formalmente uma informação publicada pelo diário «As Safir» de Beirute, segundo a qual estaria em preparação uma acção militar para libertar os reféns.

Os primeiros passageiros libertados chegaram aos Estados Unidos onde denunciaram as «brutalidades» de que forma objecto e relataram a morte do fuzileiro norte-americano, cujo cadáver foi transportado para a Base Aérea norte-americana de Torrejon, na Espanha.

A hospedeira de bordo, Ulu Derikson, disse em Nova Iorque que os piratas eram inicialmente dois, mas que em Beirute receberam o reforço de 10 militantes xiitas fortemente armados.

A hospedeira disse que um grupo de reféns norte-americanos tinham planeado um golpe para retomar o controlo do avião e que a operação foi preparada através de um papel que circulou de mão em mão, mas acrescentou que os passageiros acabaram por desistir perante o perigo do confronto com homens armados.

Enquanto isto, um porta-voz do Amal disse que as negociações para pôr fim ao sequestro do avião da TWA «são difíceis, mas progridem».

Nabih Berri, que é ministro da Justiça e para os Assuntos do Sul do Líbano do Governo de Beirute mantém intensos contactos com embaixadores de França, Brã-Bretanha, Espanha e Estados Unidos e com os representantes da Cruz Vermelha e das Nações Unidas em Beirute.

O Governo espanhol já respondeu negativamente a exigência dos piratas do ar que pedem a libertação de dois activistas chiitas presos em Madrid e acusados de ter participado num atentado contra um diplomata líbio.

Berri encarregou a Cruz Vermelha de negociar com Israel outra das exigências dos piratas do ar: a libertação de 50 chiitas libaneses presos em Israel.

A Rádio de Beirute informou, hoje, que um dos sequestradores foi visitar a família que reside num dos bairros do Sul de Beirote e que outro recebeu a visita de um irmão a bordo do avião sequestrado.

Os milicianos do grupo Amal expulsaram, na madrugada de hoje, todos os jornalistas que se encontravam no aeroporto da capital libanesa.

O envio para o Médio-Oriente de um grupo especial de operações anti-terrorista Delta, constituído por 50 homens, e a presença ao largo do Líbano, do porta-aviões «Nimitz» e do contra-torpedeiro porta-mísseis «Kidd» provocou uma onda de boatos acerca de um assalto iminente ao avião sequestrado, mas o Pentágono desmentiu estas informações, afirmando que tal operação é inviável».

Acerca da decisão de Israel de libertar ou não os presos chiitas, satisfazendo a exigência dos sequestradores, Ronald Reagan disse no domingo que compete unicamente a Israel decidir sobre uma questão muito mais complicada que uma simples troca de prisioneiros».

Telavive, já anunciou que só encararia a possibilidade de satisfazer as exigências dos piratas do ar se houvesse um pedido formal de Washington neste sentido, mas fontes oficiais norte-americanas não tomaram esta iniciativa.

«Não fazemos concessões, não cedemos às chantagens e não encorajamos outros países a fazê-lo» disse Reagan, que admitiu no entanto, que se trata de saber quando se pode pagar aos terroristas sem por em perigo a vida dos passageiros».

A Rádio de Israel rejeitou a proposta de Nabih Berri de negociar a troca dos reféns contra chiitas presos nas cadeias israelitas com a mediação da Cruz Vermelha Internacional.

A libertação dos 800 chiitas detidos desde Abril passado na prisão israelita de Atlit «não é uma questão de segurança, mas de princípio pelo que só será estudada se os Estados Unidos o pedirem ao mais alto nível» — precisou a emissora estatal israelita.

No entanto, o governo trabalhista de Shimon Peres não deseja agravar o conflito com o movimento Amal e com os chiitas libaneses.

Israel via com agrado a ofensiva das milícias chiitas contra os guerrilheiros palestinianos no Líbano e chegou a ver no movimento Amal um aliado potencial no Líbano.

Outra questão que preocupa tanto Washington como o governo israelita é a sorte de um grupo de 6 a 10 passageiros de apelidos judeus, que foram desembarcados na noite de sexta-feira no Aeroporto de Beirute e levados para um lugar desconhecido em território libanês.

Apesar das ameaças formuladas no domingo contra os sequestradores, altos funcionários norte-americanos asseguram que as negociações estão em curso e que a Casa Branca está «optimista». Nabih Berri não é um amigo dos Estados Unidos, mas não temos outra opção senão depositar toda a nossa esperança nele», disse domingo à noite um porta-voz da Secretaria de Estado.

O Conselho de Segurança Nacional reuniu-se sob a presidência de Ronald Reagan na noite de domingo na Casa Branca, mas não foram divulgadas as decisões eventualmente tomadas.

Como no Irão

O sequestro do avião da TWA por chiitas libaneses no Aeroporto de Beirute colocou a Casa Branca perante uma situação que se assemelha à ocupação da Embaixada norte-americana em Teerão em 1980.

Desde sexta-feira, dezenas de reféns nas mãos dos extremistas chiitas que controlam o Aeroporto de Beirute, dificultando a operação de resgate que chegou a estar planeada em Washingotn.

O porta-voz do presidente Ronald Reagan disse domingo à noite que a Casa Branca «conserva a esperança de uma solução pacífica» do drama.

O líder do movimento chiita Amal, Naibh Berri, ministro do governo libanês aceitou o papel de medianeiro entre os sequestradores do Boeing da TWA e as autoridades norte-americanas.

"Caça" europeu em debate

Os ministros da Defesa de 13 países da Europa Ocidental iniciam hoje, em Londres, uma reunião de dois dias, para analisar formas de cooperação na produção de armamentos.

Os 13 países — todas as nações europeias da NATO, à excepção da Islândia — são conhecidos por grupo Programa Europeu Independente.

O Grupo Programa Europeu Independente foi criado há nove anos com o objectivo de incentivar a cooperação europeia na indústria de armamento.

Mas só a partir de Novembro do ano passado é que as reuniões do grupo passaram a ter nível ministerial.

Esta reunião de Londres será particularmente importante para os cinco países europeus envolvidos num projecto de pesquisa para a produção de uma caça para a década de 90.

A Grã-Bretanha, Itália, República Federal da Alemanha e Espanha estão praticamente de acordo quanto ao tipo de avião que desejam produzir, mas o projecto tem sido atrasado por objecções levantadas pela França, que deseja um caça mais leve e menos dispendioso do que o idealizado pelos seus parceiros.

Observadores consideram que a França — que também quer chamar a si uma maior percentagem da produção do futuro avião — pretende uma caça que possa suceder à série Mirage, de forma a não perder os seus mercados para aviação militar, em países do Terceiro Mundo.

Reunião crucial do Grupo de Contadora

O Grupo de Contadora deve retomar hoje os seus esforços para a paz na América Central, por entre crescentes tensões na região.

Porta-vozes do Grupo, constituído pelo México, Colômbia, Venezuela e Panamá, disseram considerar como crucial o encontro de três dias que hoje se inicia na capital panamiana com representantes dos cinco países centro-americanos.

Os vice-ministros dos Negócios Estrangeiros dos nove países devem discutir as propostas destinadas a verificar o cumprimento das cláusulas de um tratado de paz para a região.

A questão da verificação das cláusulas provocou nas negociações do mês passado o que um diplomata envolvido classificou de impasse momentâneo.

Em entrevista dada no princípio deste mês, o ministro panamiano dos Negócios Estrangeiros, Jorge Abadia, manifestou a espeerança de que «dentro de 60 dias, no máximo, Contadora possa produzir um tratado de paz».

Botha fornece governo "autónomo" à Namíbia

O presidente sul-afrficano, Pieter Botha, assina hoje em Windhoek a proclamação que dará luz verde para a formação de um governo transitório na Namíbia, anunciou hoje a emissora oficial sul-africana em Joanesburgo.

A proclamação, que será também assinada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Roelof Pik Botha e pelo secretário da Presidência sul-africana, J.P Poux, faz parte de uma série de festejos, que incluem o desfile de tropas e salvas de tiros.

O presidente do governo de transição, que ainda não foi nomeado fará ao fim da tarde de hoje um discurso alusivo à tomada de posse do novo governo.

A decisão de Pretória em nomear um governo de transição, saído de eleições que não contaram com a participação da SWAPO — única representante do povo namibiano, na óptica das Nações Unidas —, foi já alvo de condenação dos países da Linha da Frente, bem como dos países ocidentais que fazem parte do chamado Grupo de Contacto e da própria ONU.

Enquanto isto, a Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO) condenou a decisão da África do Sul de instalar no território da Namíbia uma administração que qualificou de «governo fantoche».

Em comunicado distribuído sábado em Luanda, a SWAPO afirma que a decisão da África do Sul de instalar na Namíbia a partir de segunda-feira «uma administração fantoche» constitui «uma flagrante violação das decisões e recomendações do Conselho de Segurança das Nações Unidas e da comunidade internacional».

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACÇÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES

NUNCA FAÇA ISTO!

Esta situação poderá causar-lhe graves problemas!

SEGURANÇA SOCIAL

"Guerra das estrelas"

Vaivém parte hoje

O vaivém espacial, Discovery inicia hoje uma missão comercial, científica e militar que incluirá o primeiro teste no espaço de tecnologia laser para o controverso programa de «Guerra das Estrelas» do presidente Reagan.

O príncipe saudita Sultan Ibn Salman Ibn A Abdulaziz, primeiro austranuata do mundo islâmico, e o tenente-coronel da Força Aérea Francesa, Patrick Baudry, integram, com cinco astronautas norte-americanos, a tripulação desta 18.ª missão do vaivém.

O príncipe Sultan, sobrinho do rei Fahd, terá à sua, responsabilidade o lançamento de um satélite de 22 nações árabes e experiências com fluídos em que será utilizado petróleo saudita, enquanto o francês fará testes sobre os efeitos da imponderabilidade no esqueleto humano e na circulação do sangue.

A contagem para a partida, prevista para as 08h33 locais (12h33 em Lisboa), está a avançar normalmente apesar do tempo instável que os meteorologistas prevêem vir a melhorar antes do lançamento, do terceiro em três meses.

Armas químicas

Os Estados Unidos devem fabricar armas químicas se pretendem conseguir que a União Soviética aceda a negociar a negociar um congelamento desse tipo de armamento — afirma o pressidente Ronald Reagan, em relatório enviado ao Congresso.

«Qualquer esperança de conseguir limitar as vantagens de um ataque químico soviético apenas com medidas protectoras é isrealista» — salienta o relatório elaborado pela Comissão de Revisão das Armas Químicas.

A comissão de oito elementos, formada em Janeiro passado para aconselhar o presidente norte-americano nessa área, integra o ex-embaixador em Moscovo, Walter Stoessel, o ex-secretário de Estado, Alexander Haig e o ex-conselheiro da Casa Branca para a Segurança Nacional, Zbigniew Brzezinski.

A apresentação do relatório aos congressistas surge como um elemento de apoio ao pedido da administração de Reagan para que aprovém a verba de 164 milhões de dólares destinada a renovar o arsenal de armas químicas no ano fiscal de 1986.

Espionagem

Cerca de um quarto dos funcionários soviéticos nos Estados Unidos faz espionagem — escrevia ontem o diário «The New Yortk Times», citando fontes governamentais de Washingtyon.

A "questão alemã"

Reacções críticas da URSS a discurso de Helmut Kohl

O chefe do governo da RFA afirmou em Hanover que «a questão alemã» permanece em aberto, mas garantiu que a República Federal não tem reivindicações a fazer em território polaco.

Helmut Kohl, falava num encontro promovido por uma Organização de alemães transferidos da Silésia após o fim da Segunda Grande Guerra. A Silésia é hoje território polaco, que esteve ocupado por alemães até ao fim do conflito.

Num discurso perante cerca de oito mil refugiados, Kohl afirmou estar fora de questão qualquer mudança unilateral de fronteiras. «Qualquer mudança à actual situação apenas poderia ocorrer por meios pacíficos e de acordo com os nossos vizinhos tanto a Leste como a Oeste, precisou o dirigente da RFA.

Momentos antes de Khol iniciar o seu discurso, o porta-voz da Organização de Refugiados da Silésia foi largamente aplaudido ao afirmar que a Alemanha é mis do que a RFA.

Herberrt Hupka, que é igualmente membro do Parlamento alemão-federal, concretizou dizendo que a Silésia é ainda uma parte da Alemanha.

O chefe do governo disse que a saída dos seus compatriotas desta parte do território polaco tinha sido injusta, mas que isso não poderia justificar qualquer reivindicação porque as fronteiras estão definidas por tratados que a Alemanha assinou após o fim da guerra.

«Devemos respeitar isso e nem sequer o pomos em questão», disse, mas acrescentou ser sua intenção tentar obter permissão para que os alemães que queiram voltar à Silésia possam ir e para aqueles que ainda lá vivam possam fazer com o direito de preservarem a sua herança cultural.

Kohl considerou que a Polónia não deve ver contradição entre o respeito por parte da RFA das actuais fronteiras e o seu desejo de estabelecer um eventual acordo pacífico que reconheça «a Alemanha como método».

Numa reacção imediata ao discurso do chefe do governo alemão-federal, a agência soviética TASS considerou as suas palavras como «testemunho ameaçador» e acusou o governo de Bona de «tendências revanchistas».

A TASS acusa Kohl não apenas de ignorar os protestos da oposição parlamentar da RFA sobe o assuhnto e as posições da opinião pública alemã-federal e internacional mas também de demonstrar a sua solidariedade pessoal para com «os saudosos do passado».

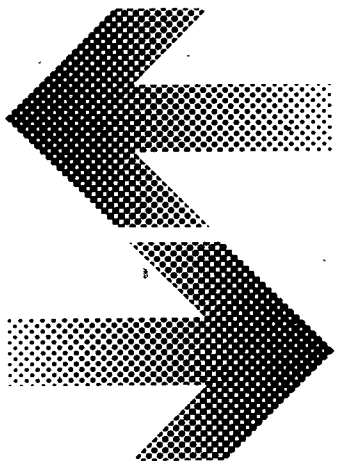
A agência soviética, que traduz os pontos de vista do governo da URSS, admite no seu despacho que o chefe de governo da RFA não põe em causa os tratados de fronteiras com o bloco Leste mas considera que simultaneamente Kohl cede às teses dos que se esforçam por fazer crer que ainda existem «uma questão alemã».

Por sua vez, as autoridades polacas também manifestaram já descontentamento com o discurso de Kohl.

O porta-voz ddo Parlamento polaco para os Negócios Estrangeiros, Ryszard Wojna, disse em declarações à agência DPA que o chefe de governo da RFA deveria ser mais claro e afirmar aquilo que a Europa espera que ele afirme sobre esta questrão, ou seja: «que os grupos silesianos percam as ilusões».

HORÁRIO DE VERÃO 85

MAIS COMBOIOS, NOVOS SERVIÇOS.
VIAGENS MAIS RÁPIDAS, PREÇOS ACESSÍVEIS.



Novo Horário de Verão. Válido até 28 de Setembro. Mais 2 comboios directos por dia, na linha da Beira Alta. Mais 1 directo, todos os dias, na Beira Baixa, com reduções significativas nos tempos de trajecto de alguns comboios que servem esta Linha. Mais 2 comboios entre Lisboa e Faro, às Sextas-Feiras e Domingos, que lhe proporcionam ao preço de «directo», vantagens de «rápido». Isto é, menos paragens e reserva de lugar obrigatória. Novos serviços de transporte de automóveis de Lisboa para Coimbra e Mangualde, e vice-versa. Tempos de trajecto muito favoráveis. Preços extremamente acessíveis.

Aproveite as vantagens que a CP lhe oferece através do novo Horário de Verão. Informe-se nos balcões habituais.
Peça já o seu Horário de Bolso.

Comboio, a opção dinâmica.

C.P.-Gabinete Design

Informação

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 18 de Junho de 1985, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adaptação e subsequente exploração de uma dependência para venda de artigos de tabacaria e livraria na estação de Évora.

A anuidade mínima a oferecer é de 30 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 5 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

Évora

Serviço Comercial da Região Sul
Barreiro

Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência para venda de artigos de tabacaria e livraria na estação de Evora».

Caminhos de Ferro Portugueses

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa** esta a venda no Quiosque da Praça Patrão Lopes

TRIBUNAL CIVEL
DA COMARCA DE LISBOA
15.º JUIZO CIVEL

ANÚNCIO

Execução de sentença N.º 2526-A 3.ª Secção.

Exequente Comp.ª de Seguros Império, EP, sede na Rua Garrett, 62 em Lisboa.

Executado JOAQUIM FERREIRA PAULINO, casado, residente R. Serra de Baixo, 8-A, em Alqueirão-Mem Martins.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos daque executado para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 21 de Maio de 1985

O Juiz de Direito

a) Flávio B. do Casal

O Escrivão Adjunto,

a) José Alberto G. Carvalho

"D.L." 17/6/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR ANTÓNIO LUÍS SOARES DE ANDRADE, JUIZ DE DIREITO DO 9.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

FAZ SABER QUE pelo 9.º Juízo — 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito no Palácio da Justiça — Rua Marquês de Fronteira — em Lisboa, e na Acção com Processo Comum, Sumário, registada sob o número 33/83 em que é Autora — MARIA DO CÉU VIANA BENTO e Réus — FRANCISCO ALVES DA SILVA e Outras, cuja última morada conhecida (actualmente a residir em parte incerta) foi a de Estrada Nacional, n.º 102, Prédio M.A. 4.º Dt.º, Torre da Marinha, Seixal, corre o prazo de Oito Dias, findos os dos Éditos que são de Trinta Dias, a contar da publicação do segundo anúncio, citando o Réu acima referido para contestar aquela Acção, sob pena de ser imediatamente condenado no pedido formulado pela Autora na sua petição inicial e cujo duplicado se encontra neste Juízo e Secção à sua disposição, devendo ainda, no mesmo prazo, contestar, querendo, o pedido de Assistência Judiciária formulado pela Autora.

Lisboa, Vinte e Um de Maio de Mil Novecentos e Oitenta e Cinco

VERIFIQUEI A EXACTIDÃO
O JUIZ DE DIREITO
a) António Luís Soares de Andrade
O ESCRITURÁRIO
a) António José Robalo

«DL» 17/6/85 — 1.ª Pub.

"Liguilha":

Leiria, 2 - Chaves, 1

A sorte de ter Ventura

Neves de Sousa

Leiria preparou-se para uma festa: mas, por um nadinha, ia tendo um sério amargo de boca, porque o Desportivo de Chaves atacou o comando do marcador e, não fora ter entrado em palco o ainda explêndido Mário Ventura, estariam a estas horas bem tristes as gentes leirienses porque, em toda a metade da melancia, o meio-campo só servia pevides. Não adiantava nem atrasava, nada fornecia em termos de jogo aproveitável à frontaria e valia aqui a pouca ousadia dos rapazes dirigidos por Álvaro Carolino para logo terem arrumado a questão.

Porque, tirando do molho o «demasiado experiente» Fonseca que, (para além de anos a mais nas pernas e nos reflexos) mora a léguas luz do mesmo óptimo guarda-redes que desfilou pelo futebol dos dois países ibéricos, a defensiva flaviense, optimamente liderada pelo bem conhecido Amândio e com o brasileiro Pio a funcionar como «trinco» cerrado, apenas esperava um golpe de cutelo a desferir por Raul Águas (que vai brevemente para o Desportivo de Águeda) ou pelo magnífico José Albano, o camisola nove que está com os pés nas Antas e promete muito a dar que falar.

Simplesmente, o impressionante concertista de apito que se chama Miranda Dias (parece que é da melhor lista de árbitros deste controverso e estranho País e mora pelos arredores de Coimbra) lembrou-se de executar (muito mal, benza-o Deus) todas as notas musicais que escutou desde a meninice: e o Chaves, tal como o União de Leiria, mal podiam dar um passo, logo estavam tolhidos em colete de forças, manietados pelo juíz da beira Mondego que já se anunciava andar eufórico com brusca (e incompreensível) promoção. Felizmente que, em Leiria, deve ter dado a melhor resposta a quem ainda albergava sonhos de o colocar em pedestal...

•

Mas, vamos ao jogo. O União não servia o ataque e o Chaves, utilizando muito bem os corredores laterais, ia colocando de encontro ao monte do Castelo a boa gente da cidade do bombeiro mais conhecido extrafronteira. Fonseca dava uns brindes, não acertava com a fama antiga: mas, nem assim os leirienses aproveitavam celestiais benesses, dessas que não batem muita vez à porta de quem suplica. E foi preciso esperar-se pelo derradeiro minuto do tempo de abertura para Fonseca dar uma réstia de confiança à sua patrulha que, ao intervalo, deve ter ouvido das boas e das bonitas por não estar já confortavelmente instalada no «placard».

Isso (aliás) surgiu como imediata sugestão no regresso do balneário, embora toda a gente logo percebesse que a entrada de Mário Ventura (a render o apagadíssimo Cremildo) iria proporcionar outro ritmo, melhor velocidade, muito mais esclarecimento aos unionistas. Só que aconteceu o golo de Galvão, ainda mal aquecera as pernas (substituíra Raul Águas) e também pouco pudera ainda fazer mestre Jerónimo, o treinador-jogador de Leiria que trocara com o fatigado Cabumba. De longe, em arco caprichoso, espécie de folha seca **made in Didi,** aí estava o Desportivo lá das lonjuras a segurar as rédeas. Mas, durou pouco a euforia dos alunos de Carolino: impecável centro da direita (claro: de Mário Ventura) e golinho de José Domingos, a recompor as coisas e a dividir o mal (e o lucro) pelos dois estandartes.

Leiria cresceu que só visto, beneficiando ter menos «pesadões» (ou «gastos») que o emblema contrário. E, embora prosseguisse o festival de silvadelas do apito de Miranda Dias, advinhava-se que seriam os anfitriões a beneficiar do «forcing» final, feito (em doses equivalentes) com o coração, as pernas e último fôlego.

O União estava de pé no acelerador: e ganhou. Um pontapé em bicicleta por homem de Chaves, quando tinha parceiro de outro símbolo quase encostado à bota, valeu o correspondente chuto de livre que (obviamente, cobrado por Mário Ventura) fôi encontar Vítor Manuel (aquele mocetão que, há temporadas, desfilou pelo Sporting) bem preparado para o disparo de cabeça: e para o 2-1 que vale (no mínimo e para já) o comando da liguinha ao grupo do bonito estádio dos desempates.

•

Um duelo em que valeu mais o coração que a técnica, o esforço que a táctica, o entusiasmo e a alegria que a ideia firme e serena. Um Desportivo de Chaves sem confiança no seu número um, baqueou (sem apelo nem agravo) depois de ter a faca e o queijo na mão. Nada está perdido mas, até ver, quem dispõe do professor Mário Ventura tem de venturas atapetado o caminho mais sonhado.

Com má arbitragem de Miranda Dias (Coimbra), que foi acompanhado por José Guinaro e Oliveira Arcanjo, as equipas apresentaram:

UNIÃO LEIRIA: Vítor Pontes; Castro, Ferrinho, Franque e Teixeira; Cremildo (Mário Ventura, aos 46 m), Carlos Alberto e Ruas; José Domingos, Cabumba (Jerónimo, aos 59 m) e Vítor Manuel.

Marcadores: José DOmingos (aos 67 m) e Vítor Manuel (aos 87 m).

CHAVES: Fonseca; Vidas, Belo, Pio e Amândio; Miguel, António Borges e Raul Águas (Galvão, aos 69 m); José Albano, Kiki e César (Durão, aos 75 m).

Marcador: Galvão (aos 63 m).

Espinho sem espinhos é soberano no voleibol

Pág. 18

D L desporto

Em Vila do Conde, dois Mários estiveram em despique: Mário Reis (técnico do Rio Ave) e Mário Morais (treinador do União da Madeira). Reis foi soberano: 3-0.

F C Porto a caminho do Canadá

Para tomar parte no Torneio Internacional de Toronto, o F. C. do Porto parte, esta tarde, para o Canadá. A comitiva portista é composta por 25 elementos e será chefiada pelo presidente, Pinto da Costa. Paquito, Laureta e Paulo Ricardo (Vitória de Guimarães) já se integram na comitiva, que será composta pelos jogadores Zé Beto, Matos, João Pinto, Eurico, Lima Pereira, Inácio, Quim, Frasco, Semedo, Fernando Gomes (que consultará um médico de Boston), Walsh, Futre, Eduardo Luís e Mariano, os dirigentes Teles Roxo e Luís César, o dr. Domingos Gomes, o massagista Vítor Hugo, Artur Jorge e João Mota (técnicos) e o roupeiro Fernando Brandão completam a lista. O Porto defrontará, na próxima quarta-feira, pelas 20 horas locais, o Innex, e, no dia 23, o Vasas de Budapeste, seguindo, no dia 24, para os Estados Unidos para defrontar o Boston Astros. O regresso a Portugal está previsto para o dia 27. Por estar lesionado, Jaime Magalhães não faz a viagem.

Antas não quer holandês

Tal como tinha chegado, quase incógnito, assim o avançado Pierre Essers regressa à Holanda: Artur Jorge não o considera com qualidade mínima para representar o Porto.

Sporting nos EUA

Último jogo do Sporting, nos EUA: vitória por 1-0 (golo de Sousa) no 3.º encontro realizado com o Marítimo, do Funchal. A equipa leonina chega a Lisboa na próxima madrugada (6 e 45).

Varzim: remodelação

O Varzim, momentaneamente em queda de divisão, prepara entusiasticamente a volta ao lugar que lhe deve pertencer e dispensa as cambalhotas de Folha e a presença do dianteiro Valdemar, de Adão e Dias, Brandão e Júlio Sérgio, ficando a estudar os casos de Rodrigo Coutinho e Vítor Manuel (que estão no serviço militar), mais de Fonseca, Varela e do guarda-redes Valdemar Esteves. Nomes que já foram contratados para o «team» poveiro: Flávio e Rodrigues Dias (Agueda) e Nhabola (Sporting de Espinho).

Torneio Primavera

O Torneio Primavera em futebol de salão, organizado pelas Promoções Eusébio, terminou no Pavilhão do Campo de Ourique, sendo vencedor a Bepaliz, que derrotou na final o conjutno da Queen's, por 1-0. No desafio para apuramento do 3.º lugar, Amadorense venceu a turma do Sporting, por grandes penalidades.

Meninas

Desfechos dos jogos da 3.ª jornada do 1.º Torneio Nacio-

Pág. 16

Ele vai mandar no nosso atletismo

O prof. dr. Carlos Cardoso foi atleta do Benfica durante 17 anos (de 1962 a 1978) tendo como melhores tempos: 11,0 aos 100 metros, 22,3 aos 200 metros. Foi recordista nacional de clubes, na estafeta de 4x100 metros (com o tempo de 42,0) uma vez campeão nacional da mesma estafeta, e internacional na Universíada de Turim, em 1970.

Manteve no Jornal Novo *a rubrica de atletismo, colaborou em* O Jornal *e foi correspondente de* A Bola *em Glasgow, durante vários anos. Entrou nos quadro federativos em 1977 (inte rompendo essas funções d rante a sua ausência e Glasgow) e é membro d Comissão Executiva d Comité Olímpico Portugu desde o passado mês d Abril.*

Pág.

PONTA ESQUERDA

"Calota" faleceu

Aos 58 anos de idade, faleceu Carlos Martinho Gomes, ex-internacional de futebol (duas presenças na equipa das quinas) e uma bonita carreira cumprida no Atlético, no lugar de extremo-direito. Tendo, também, representado o Tramagal, aquele que foi popular (com o nome de «Calota») teve esta manhã o funeral, que saiu da Igreja dos Jerónimos. À família enlutada, os nossos sentimentos.

Diamantino no olhar francês

Segundo divulga o próprio jogador benfiquista, o Racing de Paris oferece a Diamantino, pela sua transferência, cerca de 52 mil contos, verba que o clube presidido por Fernando Martins entende ser escassa para a cedência para o estrangeiro.

Leiria: e o dinheirinho?

Há várias semanas que os jogadores do União de Leiria não recebem prémios por vitórias ou empates: fala-se em que a verba já ultrapassa os mil contos.

Juíz de pesca desportiva dá tiro na barriga

O juiz de uma prova de pesca desportiva feriu-se no estômago com a arma com que dera início ao concurso, no momento em que a guardava na cintura. O acidente ocorreu no rio Tâmega, próximo de Marco de Canaveses, e foi protagonista o motorista Domingos Alves, de 59 anos, residente em Braga. Ainda os pescadores se preparavam para o primeiro lançamento, quando ouviram um segundo disparo e viram tombar o juiz da prova. Domingos Alves utilizara na sua arma (de calibre 6.35) invólucros com projéctil, em vez de usar apenas pólvora. Também não accionou, correctamente, o dispositivo de segurança, deixando a arma em posição de fogo.

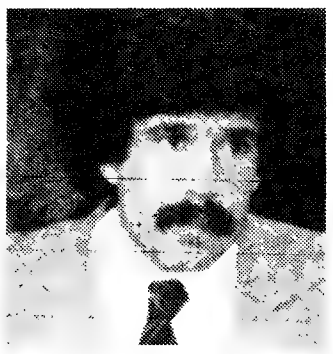
O infeliz motorista de Braga foi transportado para o hospital de Marco de Canaveses e, depois, para o de Santo António, no Porto, onde foi submetido a uma intervenção cirúrgica, para extracção da bala.

Polícias espanhóis são melhores

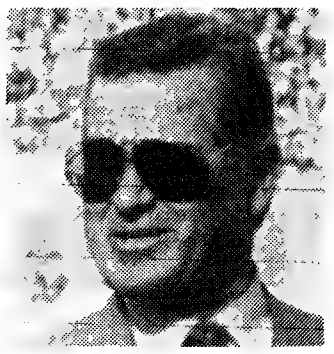
Em futebol, pelo menos: aplicaram-nos 3-0 no jogo que vieram disputar à Tapadinha e nem o facto de José Henriques (ex-internacional do Benfica) ser o treinador dos nossos «Columbos» valeu de alguma coisa. A equipa portuguesa alinhou com Silva Almeida, Sousa Martins, Rodeia, Amadeu, Isidro, Licas, Amador, Belo e Lúcio e como suplentes Carlos Carmo, Marinheiro, Neves, Cintra, Sepúlveda e José Carlos. Por sua vez, o «team» espanhol era constituído por Muñoz, José Lopez, Requera, Garcia, Pascual, Ruiz, Unares, Vidal, Cobos e Rafael Lopez, e, como suplentes Alfaro, Ramajo, Pardo e Garcia. Arbitrou o jogo Alfredo Pereira, que teve Teixeira Ribeiro e Joaquim Faneca como juízes de linha. Os dois primeiros golos da selecção espanhola foram marcados por José Lopez (aos 25 e 40 minutos da 1.ª parte), e o terceiro, por Rafael Lopez, (aos 89 minutos de jogo.

Estiveram presentes o director-geral da Judiciária (Carlos Picoito), o comandante-geral da PSP (general Almeida Bruno), por parte das Polícias portuguesas, o comissário-principal das Polícias espanholas (Rafael Del Rio Sandino) comissário-geral da Polícia Judicial (Francisco Saavedra), e inspector da Polícia Nacional (general Felix Galiano), além de inspectores, subinspectores e agentes das Polícias dos dois países. Houve troca de muitos brindes, tendo Carlos Picoito, presenteado o comissário espanhol Del Rio Sandino com uma gravura de 1623, representando Lisboa antiga e o rei Filipe III de Espanha. A reprodução da gravura é mérito dos homens das Relações Públicas da Judiciária Portuguesa (drs. José Pestana, Ferreira Borges e subinspector Polónio).

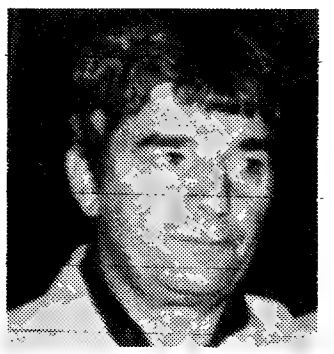
Novos treinadores ● novos treinadores ● novos treinadores



Humberto Coelho estreia-se no Salgueiros



Fernando Cabrita toma conta do Farense



José Moniz rende Cabrita em Penafiel

Torneios por cá

Continua na pág. 15

nal de Futebol Feminino, na Zona Norte: Oliveirense-Poveiras, 0-7. Zona Sul: Fortis-Carcavelos, 2-0.

Classificação na Zona Norte: Boavista, 4 pontos; Poveiras, 2; Oliveirense, 0. Zona Sul: Fortis e Coina, 3; Carcavelos, 0. Todos os grupos efectuaram dois jogos.

Competência

Resultados da 2.ª jornada do Torneio de Competência das 1.ª e 2.ª Divisões: União de Leiria-Chaves, 2-1 e Rio Ave-União, 3-0. Classificação:

	J	V	E	D	G	P
Leiria	2	1	1	0	3-2	3
Chaves	2	1	0	1	4-4	2
Rio Ave ..	2	1	0	1	5-3	2
União	2	0	1	1	1-4	1

Próxima jornada (19 Junho): Rio Ave-União Leiria e Chaves-União da Madeira.

Divisão 2

Sporting da Covilhã e Aves empataram (0-0) em jogo da 2.ª jornada da 2.ª fase do campeonato da 2.ª Divisão. Classificação:

	J	V	E	D	G	P
Covilhã ...	2	1	1	0	2-1	3
Aves	1	0	1	0	0-0	1
Marítimo	1	0	0	1	1-2	0

Próxima jornada (19 Junho): Marítimo-Aves.

Divisão 3

Resultados da 3.ª jornada da 2.ª fase do campeonato de futebol da 3.ª Divisão:

- Zona Norte: Académico de Viseu-Amarante, 3-0.
- Zona Sul: Silves-União de Santarém, 2-1.

Classificação na Zona Norte:

	J	V	E	D	G	P
Vianense....	2	2	0	0	2-0	4
Viseu	2	1	0	1	3-1	2
Amarante....	2	0	0	1	0-4	0

Zona Sul:

	J	V	E	D	G	P
Silves	2	1	0	1	2-2	2
Santarém....	2	1	0	1	2-2	2
Sacav.	2	1	0	1	1-1	2

Próximos jogos (19 Junho) na Zona Norte: Académico de Viseu-Vianense; Zona Sul: Silves-Sacavenense

Nacional de Juniores

O Martítimo venceu o Lusitânia (dos Açores) por 3-1 em jogo da 2.ª jornada da 3.ª fase do Campeonato Nacional de Juniores. No outro jogo da ronda (disputado no sábado, nas Antas), o FC Porto venceu o Benfica por 1-0.

Classificação:

	J	V	E	D	G	P
FC Porto	**2**	**2**	**0**	**0**	**4-0**	**4**
Benfica	2	1	0	1	1-1	2
Marítimo	2	1	0	1	3-4	2
Lusitânia	2	0	0	2	2-14	0

Juvenis

Resultados da 4.ª jornada da 2.ª fase da Taça Nacional de Juvenis, Zona A: Vianense-Braga, 0-2 e FC Porto-Vila Real, 7-0.

FC Porto e Braga lideram, ambos com 7 pontos. Zona B: Académica de Coimbra-Sanjoanense, (adiado) e Marrazes-B. Vol. Almeida, 3-0.

O Marrazes comanda, com 7 pontos. Zona C: Sporting-Portalegrense, 10-0 e Nazarenos-Vilafranquense, 3-0.

O Sporting é o líder, com 8 pontos. Zona D: Seixal-Farense, 1-0 e V. Setúbal-Benfica, 3-2.

O V. Setúbal, vencendo o Benfica, passa a comandar isolado esta zona, com 6 pontos.

Sub-15

Classificação final do torneio interassociações (sub-15) realizado no Estádio Nacional: 1.º Porto; 2.º Faro; 3.º Funchal; 4.º Lisboa; 5.º Coimbra; 6.º Aveiro; 7.º Santarém e 8.º Setúbal.

Iniciados

Benfica e Boavista são os finalistas da Taça Nacional de Iniciados cuja segunda fase se concluiu ontem. Resultados da 6.ª e última jornada, na Zona Norte: FC Porto-Repesenses, 6-1 e União de Leiria-Boavista, 0-1. Zona Sul: Lusitano de Vila Real-Alverca, 1-1 e V. Setúbal-Benfica, 1-1.

O Boavista venceu a Zona Norte (com 9 pontos, tantos quantos os do FC Porto), seguindo-se o Repesenses (com 5) e o U. Leiria (1). Na Zona Sul, o vencedor foi o Benfica (10 pontos), seguido do Alverca e Vila Real (ambos com 5) e do Vitória de Setúbal (4).

Gente na berlinda

BELENENSES: contratações de Graciano (defesa do Caldas) e de Paulo Antunes (dianteiro do Amarante). Novas dispensas: Carlos Vicente, Paulo Jorge e Tuna.

GUIMARÃES: recrutamento de Nascimento (Vitória de Setúbal), Vítor Pontes e Castro (União de Leiria).

SETÚBAL: Artur abandonou o futebol (como jogador) juntando-se aos dispensados Sobrinho e Jorge (já no Belenenses), Cerdeira, Padrão e Freire (convidado, do Canadá). Contratações: Rui Macide (Amora), Pedro (Samora Correia), Jason (Penafiel) e Crisanto (Montijo). Por motivos financeiros, o professor Monge da Silva (preparador físico) deixa o Bonfim. Nomes que podem ainda entrar no quadro do Vitória setubalense: Fernando Cruz e Zezinho (Sporting), Fortes e Carraça (Farense).

BRAGA: o Porto emprestou aos bracarenses o guarda-redes Barradas.

MARÍTIMO: assegurado o concurso de Cerdeira (Vitória de Setúbal), Eco e José Francisco (Peniche) e Matos (Barreirense), correndo negociações com Roçadas (Setúbal), Tozé (Guimarães) e o uruguaio Benites.

Luís Barro

Depois de se haver classificado na terceira posição na corrida dos 100 metros, fazendo o tempo de 10.63, Luís Barroso venceu a prova dos 200 metros no «meeting» de atletismo «West Athletic», realizado em Zurique, fazendo o percurso no tempo de 21.01. Igualmente no primeiro dia do «meeting», a portista Fernanda Ribeiro classificou-se no 3.º lugar na prova dos 3000 metros, cobrindo a distância no tempo de 9.14,19, que passa a constituir recorde nacional de juniores.

Mário Silva e Albertina Machado tiveram também comportamento brilhante, tendo sido segundos nos 1500 metros, gastando o tempo de 3.48,05 e 4.17,39 respectivamente. Refira-se que Mário Silva foi ainda o vencedor da prova dos 800 metros.

totobola

Silves-U. Santarém	**1**
St. Gallen-Lucerna	**X**
Winterthur-C. de Fonds .	**2**
Grasshopper-Aars	**X**
Neuchatel-Servette	**X**
Vevey-Lausana	**1**
Wettingen-Zurique	**X**
Young Boys-Slon	**2**
Zug-Basileia	**2**
Cagliari-Catania	**X**
Monza-Lecce	**X**
Bari-Pescara	**1**
Genova-Empoli	**X**

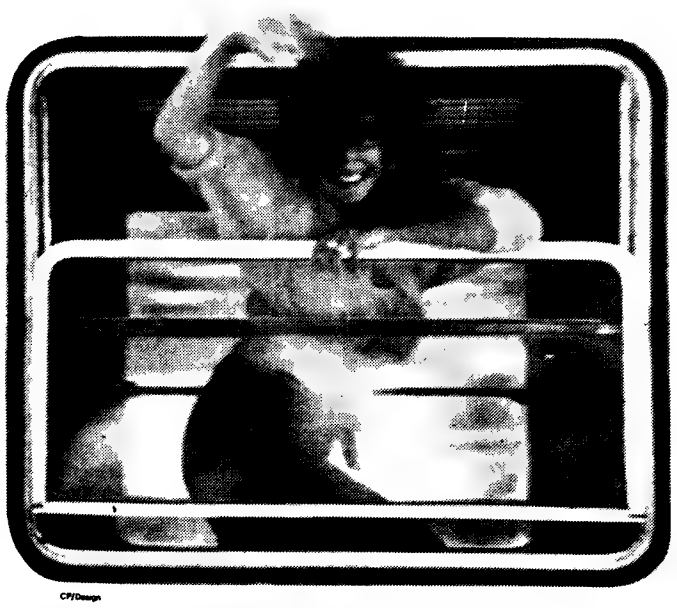
Quatro totalistas

O Departamento das Apostas Mútuas Desportivas (Totobola) escrutinou 4 concorrentes com 13 resultados certos cabendo a cada um 1 908 629$00, com 12 resultados foram apurados 88 recebendo cada 86 755$00 e com 11 registaram-se 1126 apostas sendo beneficiados com 6 780$00.

Jogue connosco

N.º 25 (23/6/85)

Rio Ave-Chaves	1
U. Leiria-U. Madeira	1
Marítimo-Covilhã	1
Amarante-Vianense	x
U. Santarém-Sacavenense .	1
Hamarby-Kalmar	1
Treleborg-Gotemburgo	2
Orgryte-Malmo	2
Oester-Aik	2
Brondey-Kastrup	1
Herfolge-Aarhus	2
Naestved-Vejle	2
Lyngby-Hvidovre	2



O COMBOIO É O MELHOR AMIGO DO JOVEM

1985 é o Ano Internacional da Juventude. A melhor oportunidade para aproveitares o comboio. Totalmente. Porque a CP oferece-te agora condições muito vantajosas.
Cartão Jovem válido até 31 de Dezembro. Inter-Rail.Inter-Rail com barco, para poderes visitar as ilhas gregas, nórdicas, etc.
Bilhete de Grupo. Bilhete Internacional para Jovem.
Para cada caso, a CP põe sempre à tua disposição a vantagem mais importante. Com os votos de um Ano cheio de coisas boas.
E óptimas viagens. De comboio, naturalmente.

CP

Comboio, a opção jovem.

rroso mais rápido em Zurique

Rosinha triunfa

Rosa Mota, campeã da Europa da maratona, ganhou uma prova de estrada na distância de 10 quilómetros em Delim, (Estados Unidos). Rosa Mota, medalha de bronze na maratona nos Jogos Olímicos de Los Angeles, venceu com o tempo de 33.03 minutos, batendo as norte-americanas Niubao, com 34.02 minutos, e Meratt, com 34.37 minutos.

Natário apto para o «Europeu»

António Natário obteve os mínimos para os campeonatos da Europa de atletismo, ao percorrer os 2000 metros obstáculos no tempo de 5.49,7 minutos, em Vigo, Espanha.

O mínimo nesta prova para o «Europeu» de juniores, a realizar em Agosto na RDA, é de 5.50,00 minutos.

Natário foi o décimo atleta a conseguir os mínimos naquela distância.

Marcha atlética

José Pinto, do Belenenses, e Paula Gracioso, do Oriental, venceram o Grande Prémio de Marcha Atlética realizado pelo Clube Oriental de Lisboa.

Por equipas venceu a dos Leões Apelçonences, na prova masculina, e a do Oriental, na feminina.

O segundo classificado foi José Reis, do Santa Iria, e, em senhoras, a segunda foi Fátima Batuca, do Oeiras.

Carlos Lopes: ligeira lesão

Uma ligeira infecção no tendão de Aquiles impediu Carlos Lopes de participar, em Évora, numa corrida-passeio, iniciativa da delegação local da Direcção-Geral dos Desportos. Em declarações à ANOP, o atleta disse não poder participar na iniciativa, uma vez que não está ainda recuperado do problema que o tem vindo a afectar nos últimos três dias.

«Não dá para arriscar, pois não me sinto em condições» — disse o campeão olímpico, que fez o percurso num carro descoberto. Entretanto, foram muitas as pessoas, especialmente jovens e crianças, que correram atrás da viatura onde seguia Carlos Lopes e que percorreu algumas artérias da cidade.

Triplo salto: novo máximo

O norte-americano Willie Banks estabeleceu novo recorde do Mundo no triplo salto, com 17 metros e 97 centímetros, na última jornada dos campeonatos dos Estados Unidos de atletismo, realizados em Indianápolis.

Banks bateu o recorde de João de Oliveira, Brasil, com 17,89, que datava de 15 de Outubro de 1975, na cidade do México.

Sueco salta mais alto

O sueco Patrick Sjoeberg estabeleceu novo recorde europeu do salto em altura ao transpor a fasquia a 2,38 metros, num «meeting» realizado em Eberstadt, Alemanha Federal.

O máximo europeu estava na posse do alemão federal Carlo Traenhardt e do soviético Valeri Sereda, com 2.37 metros.

Atletismo: novo homem forte é o prof. dr. Carlos Cardoso

Com impressionante facilidade e quase perante o total fracasso de duas listas opositoras, o bloco comandado pelo prof. dr. Carlos Cardoso conquistou o direito à presidência da Federação Portuguesa de Atletismo, passando a constituir a 15.ª direcção da modalidade.

O prof. dr. Carlos Cardoso encabeçava a Lista A, que arrebatou 53 votos, enquanto os grupos comandados pelos drs. Armando Rocha e Mário Paiva se quedaram (igualmente) em magros 17 votos. O prof. dr. Carlos Cardoso (37 anos), antigo corredor do Benfica, é director da FPA desde 1977 e membro da Comissão Executiva do Comité Olímpico Português desde o passado mês de Abril, exercendo, actualmente, o cargo de professor de Departamento de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa e de investigador do Centro de Física Atómica da Universidade de Lisboa. O prof. dr. Carlos Cardoso tem como vice-presidente Manuel Viegas e Carlos Manuel e Jorge Salcedo é o secretário-geral, sendo Eduardo Correia o tesoureiro. Leonel Carvalho é o presidente da mesa do congresso e, como presidente do conselho fiscal, a lista vencedora apresenta Avelino Baptista enquanto Luís Lopes é presidente do conselho jurisdicional. O prof. dr. Carlos Cardoso afirmou, após conhecer os resultados das eleições, que a federação vai prometer trabalho a todos os que se interessam pela modalidade, trabalho esse que é uma interacção com as associações regionais.

Os trabalhos (no Instituto Nacional dos Desportos) que contaram com a presença de delegados das 22 associações regionais filiadas, começaram com a discussão e aprovação (por unanimidade) do relatório e contas da gerência cessante, seguindo-se a aprovação e aclamação de duas propostas do elenco federativo: a atribuição da distinção de membro de mérito ao antigo director Américo Rosa Ferreira (dirigente da modalidade durante os últimos vinte anos) e a concessão da medalha de honra aos atletas Aurora Cunha, Rosa Mota, António Leitão e João Campos, pelos feitos conseguidos nos útlimos Jogos Olímpicos e campeonatos do Mundo. Uma nota: o director técnico nacional continua a ser o professor Fernando Mota.

Entretanto, levanta-se no Benfica uma situação difícil: alegando que a direcção de Fernando Martins prometera apoio à lista encabeçada por Armando Rocha, sem os consultar, os seccionistas de atletismo do clube da Luz (especialmente, Gilberto Cardoso e Marcel Almeida) colocaram os seus lugares à disposição do executivo da águia.

Ciclismo: Volta à Suíça

Acácio Silva muda de tom

O australiano Phil Anderson arrebatou a Acácio Silva a camisola amarela na Volta à Suíça, ao vencer a sexta etapa disputada num contra-relógio de 12 quilómetros entre Solothurn e Balmberg.

Acácio Silva, que conservou a camisola amarela até ao final da quinta etapa disputada ontem de manhã e ganha pelo francês Jean François Bernard com um avanço de mais de 50 segundos sobre o resto do pelotão, foi 7.º no contra-relógio, com mais 47 segundos.

Anderson, que estava no 2.º lugar com apenas mais quatro segundo do que Acácio Silva, apostou forte no contra-relógio, truinfando com o tempo de 26.39,2 minutos.

Acácio Silva, que desceu ao 5.º lugar da geral, com mais 43 segundos que Anderson, afirmou no final: «Não percebo como perdi tantos segundos em relação a Anderson quando o percurso do contra-relógio parecia talhado para mim. Esta é a segunda vez que perco a camisola amarela, mas tenho fé em recuperá-la outra vez até ao final da volta», acrescentou o ciclista português, inconformado com a sua posição na geral.

Classificação na etapa: 1.º, Phil Anderson (Austrália), 26.39,2 minutos; 2.º, Niki Ruettimann (Suíça), 26.46,0; 3.º, Guido Winterberg (Suíça), 26.57,9; 4.º, Jean-Claude Leclerq (França), 27.07,0; 5.º, Sean Kelly (Irlanda), 27.09,0; 6.º, Claude Criquielion (Bélgica), 27.10,1; 7.º, **Acácio da Silva (Portugal)**, 27.26,1; 8.º, Hubert Seiz (Suíça), 27.27,6; 9.º, Beat Breu (Suíça), 27.28,2.

Classificação geral: 1.º, Anderson, 20.09,01 horas; 2.º, Winterberg, a 21 segundos; 3.º, Ruettimann, a 27; 4.º, Criquielion, a 42; 5.º, **Acácio da Silva**, a 43.

Marco e o «velho Lau» são campeões nacionais

Surpreendentemente, Marco Chagas, que ora regressou, foi o grande vendecor do Campeonato Nacional de Fundo na categoria de profissionais, como não seria previsível que o veterano Venceslau Fernandes conquistasse o título na classe de seniores especiais.

Na prova inaugural — contra-relógio de 18,3 quilómetros, disputado entre Montemor e a Figueira da Foz, Marco Chagas gastou o tempo de 25,59 minutos, seguindo-se António Pinto, Adelino Teixeira, Eduardo Correia e Paulo Ferreira, e Venceslau completou a tirada à frente de Belmiro Silva e demais 26 concorrentes da classe.

A rampa da Boa Viagem (1,7 quilómetros — contra-relógio) foi ganha por Adelino Teixeira, seguido de Manuel Cunha e Marco Chagas na categoria de profissionais e António Fernandes triunfou em seniores, seguido de Venceslau Fernandes. Por fim, disputou-se o circuito da Figueira da Foz (13 voltas no total de 156 quilómetros), tendo triunfado José Poeira, do Lousa, seguindo-se-lhe quatro companheiros de equipa. Na 6.ª posição (com mais 1,59m do que o primeiro) cortou a meta Marco Chagas. Em seniores especiais a vitória voltou a pertencer a António Fernandes tendo Venceslau atingido o «traço» na 5.ª posição com mais 3 segundos.

Classificações finais profissionais: 1.º Marco Chagas (Sporting) 5.05,59; 2.º Adelino Teixeira (Lousa) 5.06,22; 3.º Carlos Ferreira (Lousa) 5.07,18; 4.º José Poeira (Lousa) 5.07,36; 5.º Manuel Cunha (Lousa) 5.08,10; 6.º Luís Domingos (Lousa) 5.08,18.

Seniores especiais: 1.º Venceslau Fernandes (Ajacto) 5.06,04; 2.º Belmiro Silva (Bombarral). 5.06,40; 3.º António Fernandes (Bombarral). 5.06,59; 4.º João Santos (Bombarral) 5.07,53; 5.º José Camilo (Boavista) 5.10,16; 6.º Joaquim Silva (Bovista) m.t.

Circuito de Alenquer

Paulo Ernesto (Loures) venceu a prova Artur Gomes em ciclismo, disputada no antigo circuito velocipédico de Alenquer, com o tempo total de uma hora e 57,12 minutos.

Participaram um total de 53 ciclistas em representação de nove equipas.

COLECTIVIDADES

Belenenses: Grupo dos Mil

A direcção do Grupo dos Mil, do Clube de Futebol «Os Belenenses», tendo vários cargos directivos para preencher (designadamente o de presidnete) convocou uma reunião para 6.ª-feira; pelas 21 horas, na sala de reuniões da direcção, para se deliberar sobre o preenchimento de tais vagas, e ainda a comemoração do aniversário do grupo.

Hóquei em patins

F.C. Porto: mais um título

O FC Porto conquistou pela segunda vez consecutiva o campeonato de hóquei em patins da primeira divisão estando ainda qualificado para disputar a final da Taça dos Clubes Campeões Europeus.

Os portistas terminaram o campeonato com uma vitória sobre o «Europeu» Cascais por 7-5, conseguindo um total de 85 pontos, mais quatro que o segundo classificado, o Sporting, que durante a maior parte da prova foi a única equipa que se manteve em condições de discutir o título com os portistas, terminaram com 10 pontos de vantagem sobre a Sanjoanense, terceira classificada.

O Sporting, tal como o FC Porto encontra-se qualificado para disputar a final de uma competição europeia, a Taça das Taças.

A arrumação das equipas, com vista à próxima época europeia ditou a presença do FC Porto nos campeões europeus, Sanjoanense, Taça das Taça das Taças, Sporting, Cascais e Sesimbra na Taça CERS.

No entanto a possibilidade de vitória do Porto na final da Taça dos Campeões e do Sporting na Taça das Taças ditará alterações na participação das equipas portuguesas nas competições europeias, podendo o Benfica, sexto classificado entrar na Taça CERS.

Na luta pelos últimos lugares o Turquel, ao perder frente ao Sporting por 8-3, juntou-se ao Oeiras e ao Valongo no trio que foi despromovido à segunda divisão. Famalicense e Belenenses, respectivamente 12.º e 13.º vão discutir com o Azeitonense e o Tigres de Almeirim (segundos e terceiros classificados da fase final da segunda divisão), o direito de participarem na próxima época no nacional da primeira divisão.

O Ferpinta, campeão da segunda divisão subiu à divisão maior.

O campeonato da próxima época conta apenas com a participação de 14 equipas, contra 16 da época que ontem terminou.

Resultado: 29.ª jornada: Famalicense - Cascais, 2-2; FC Porto - Sesimbra, 13-7; Benfica - Juventude Viana, 15-4; Académica Amadora -Sanjoanense, 4-4; Oliveirense - Paço de Arcos, 6-7; Sporting Tomar - Belenenses, 7-2; Oeiras - Turquel, 7-6; Sporting - Valongo, 11-4.

30.ª e última ronda: FC Porto - Cascais, 7-5; Famalicense - Sesimbra, 4-1; Académica Amadora - Juventude Viana, 9-2; Benfica - Sanjoanense, 6-4; Sporting Tomar - Paço de Arcos, 9-5; Oliveirense - Belenenses, 4-2; Sporting - Turquel, 8-3; Oeiras - Valongo, 8-4.

Classificação final: 1.º **FC Porto,** 85 pontos; 2.º Sporting, 81; 3.º Sanjoanense, 71; 4.º Cascais, 69; 5.ºs Benfica e Sesimbra, 61; 7.ºs Juventude Viana, Sporting Tomar e Paço de Arcos, 60; 10.ºs Oliveirense e Académica Amadora, 59; 12.º Famalicense, 54; 13.º Belenenses, 47; 14.º Turquel, 46; 15.º Oeiras, 45; 16.º Valongo, 43.

Juniores: selecção perde em Olhão

A selecção portuguesa de juniores perdeu com a equipa espanhola do Cvlaret de Sevilha por 6-3 em jogo particular integrado nas comemorações do Dia de Olhão.

O confronto foi arbitrado por Manuel Soares, que fez a sua despedida em jogos internacionais.

Futebol

- Espanha: o Real Madrid conquistou a Taça do Rei, batendo o Atlético de Madrid, por 2-0.
- Suíça: o Servette é campeão nacional.
- Bulgária: o Levski é o novo titular.
- Embate particular: México, 2-RFA, 0.
- Para o Mundial, a disputar no México: Brasil, 2-Paraguai, 0.

Classificação no Grupo Três:

	J	V	E	D	G	P
Brasil	**2**	**2**	**0**	**0**	**4-0**	**4**
Paraguai	3	1	1	1	4-3	3
Bolívia	3	0	1	2	1-6	1

Próximos jogos, a 23 Jun: Brasil-Paraguai; 30 Jun: Brasil-Bolívia.

- O Peru venceu a Venezuela (4-1) em jogo do Grupo um da Zona Sul-Americana de qualificação para o Mundial, disputado em Lima. Em jogo do mesmo Grupo, igualmente disputado ontem, a Argentina venceu a Colômbia por 1-0.

Classificação no Grupo:

	J	V	E	D	G	P
Argentina	**4**	**4**	**0**	**0**	**10-**	**38**
Peru	4	2	1	1	5-	35
Colômbia	4	1	1	2	2-	43
Venezuela	4	0	0	4	3-	110

Luís Crespo: aos 23 anos, nova chamada do campeão nacional à mais elevada formação portuguesa.

Andebol: selecção em Sines

Em Sines, a selecção nacional de andebol estagia com vista ao Torneio Internacional de Lisboa, que decorrerá entre 20 e 22 do corrente. Uma curiosidade; o técnico espanhol Domingos Barcenas (responsável pela turma madrilena do Caja) é convidado especial da nossa Federação, que prepara a melhor representação possível para os embates com Inglaterra, Marrocos e Egipto. Estão concentrados os seguintes jogadores: •Guarda-redes: Carlos Silva (Sporting), José António (Belenenses), Santa Bárbara (Benfica) e António Figueiredo (Académico Basket Clube).

•Jogadores de campo (1.ª linha): João Gonçalves (Benfica), Mário Santos, Manuel Marques e Fernando Areias.

(Sporting): Rui Aguiar (Académico Basket Clube), Eduardo Remelhe (Sanjoanense) e José Falcão (FC Porto).

Jogadores da 2.ª linha: João Manuel, Mário Gentil, Paulo Veríssimo e José Cabaço (Benfica); José Pires e Armando Miranda (Sporting); António Morais (Vitória de Setúbal), Luís Miguel (FC Porto) e Luís Crespo (Belenenses).

Iniciativas

A 1.ª Avisíada

Dez modalidades desportivas e recreativas integram o programa da 1.ª Avisíada (Jogos Concelhios de Avis), que se iniciou no passado dia 1 e se prolonga até 7 de Setembro.

A prova (este ano criada) tem a sua realização prevista de dois em dois anos, de forma descentralizada e destina-se a todos os indivíduos que tenham nascido ou residam naquela autarquia alentejana. A 1.ª Avisíada é uma iniciativa da Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, colectividades e associações populares do concelho de Avis.

Basquetebol

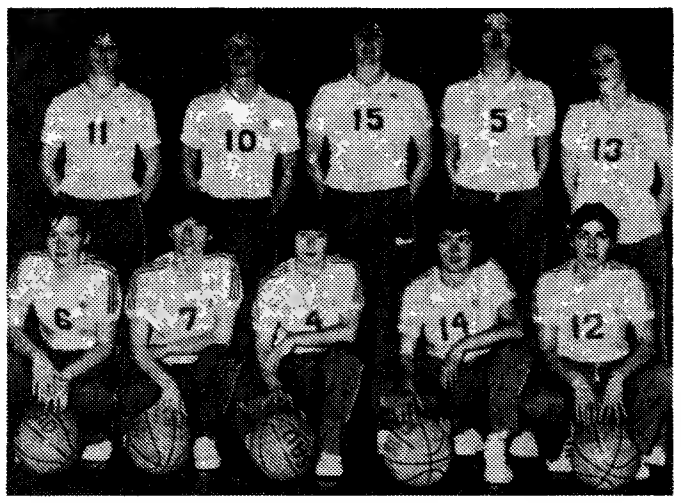
Benfica e Barreirense finalistas da "Taça"

Benfica e Barreirense estão apurados para a final da Taça de Portugal depois da dupla jornada do fim-de-semana (jogos respeitantes aos quartos-de-final e meias-finais) em que a turma benfiquista eliminou a Sanjoanense (96-70) e o Sangalhos (81-64), enquanto o Barreirense se impôs ao FC Porto (96-84) e ao Queluz (134-103).

Ainda não está determinado qual o local onde terá lugar o palco para a disputa do decisivo encontro, que se deverá realizar sábado próximo.

URSS vence «Europeu»

Ao derrotar na final, pela concludente marca de 120-89, a selecção da Checoslováquia, a equipa da União Soviética venceu sem qualquer surpresa o Campeonato da Europa que se realizou em Stuttgart com a participação de 12 países. A classificação final ficou assim ordenada: 1.º URSS (medalha de ouro); 2.º Checoslováquia (medalha de prata); 3.º Itália (medalha de bronze); 4.º Espanha; 5.º Alemanha Federal; 6.º França; 7.º Jugoslávia; 8.º Bulgária; 9.º Israel; 10.º Roménia; 11.º Polónia e 12.º Holanda.



Encestadoras de 1ª

Sport Algés e Dafundo: campeão nacional de basquetebol feminino, sucedendo ao CIF e ganhando o direito a representar o nosso desporto da bola ao cesto na próxima «Taça dos Campeões Europeus». Treinadas por Eliseu Beja, aí temos as triunfantes meninas de Algés (em foto de Bruno Peres, do nosso colega «Correio da Manhã». No 1.º plano e a contar da esquerda: Renata, João Marchã, Paula Shirley, Marina Esteves e Helena Aires. No 2.º plano pela mesma ordem: Teresa Barata, Lígia Santos, Isabel Pascoal, Suzana Coutinho e Paula Cunha.

As campeãs	Anos	Altura	Lugar
Paula Shirley	21	1,55	Base
Suzana	17	1,77	Poste
Renata Soeiro	20	1,67	Extremo
João Marchã	21	1,63	Base
Carla Esteves	16	1,65	Extremo
Ana Coutinho	19	2,69	Extremo
Lígia Santos	24	1,68	Extremo
Teresa Barata	21	1,68	Extremo
Helena Aires	19	1,62	Base
Paula Cunha	23	1,63	Extremo
Marina Esteves	18	1,63	Base
Isabel Pascoal	20	1,75	Poste
Laura Pelágio	18	1,66	Base
Ana Quadros	18	1,72	Poste

SPORT-SOCIETY

Tiro aos pratos: campeonato

O atirador José Castilho Farias, do Clube Português de Tiro ao Chumbo conquistou o título de campeão nacional absoluto de tiro aos pratos.

A competição decorreu em Castelo Branco com a participação de 82 atiradores, este ano patrocinada pelo Clube de Tiro e Caça Albicastrense.

Luís Pereira, de Loulé, foi o melhor atirador na categoria de juniores e Teresa de Lima, do CPTC, venceu a categoria de senhoras.

Em veteranos foi vencedor Celestino Bárbara, de Setúbal, seguido de Octávio Barata do Clube de Tiro e Caça de Castelo Branco, e de Joaquim Sousa, do CPTC.

Por equipas foi vencedora a equipa «azul» do Clube Português de Tiro ao Chumbo, de Lisboa, constituída por José Castilho Farias, João Rebelo e José Palhavã Pinto.

Na sua agenda

Halterofilismo: torneio olímpico

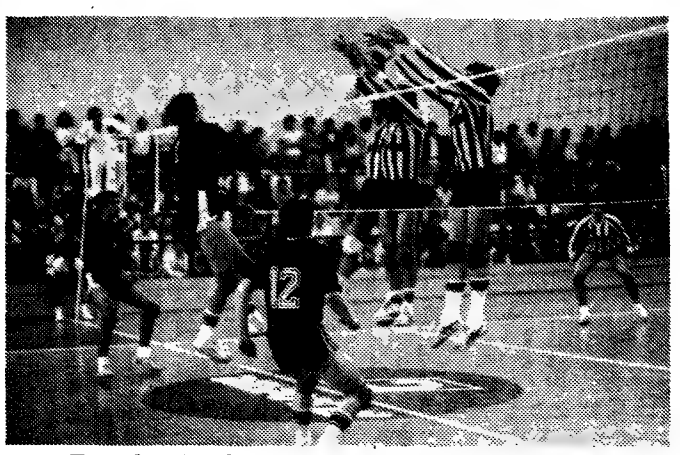
O Torneio Regional — Zona Centro — Olímpico de Halterofilismo, realizado, sábado, em Lisboa, registou os seguintes vencedores nas diferentas categorias e presos:

52 quilos — juvenis: Albino Carvalho, do Círculo de Ferro; juvenis: Paulo Sérgio, do Círculo de Ferro e seniores: Feliz Valério, do Círculo de Ferro; 67,5 quilos — juniores: Artur Costa, da EDP e seniores: Alberto Alves, do Sporting; 75 quilos — juvenis: Marco Cardos, da EDP e seniores: Carlos Teixeira, da EDP; 82,5 quilos — juvenis: Pedro Álvares, do Círculo de Ferro, juniores: Eduardo Nuno, do Ginásio Clube Português e seniores: António Pereira, do Ginásio Clube Português.

Por equipas, triunfou a ED com 900,739 pontos, seguida do Círculo de Ferro, com 895,968.

Cobiça brasileira

A notícia vem nas edições de hoje do nosso prezado colega «Gazeta dos Desportos»: o Vasco da Gama pretende contratar o benfiquista Carlos Manuel, enquanto o Fluminense convida o ainda recente sportinguista António Oliveira para continuar a carreira no clube do Rio de Janeiro.



Espinho-Académica de S. Mamede: confirmada a supremacia dos «tigres da Costa Verde».

Espinho: rei no voleibol

Depois de terem eliminado o Esmoriz e o CDUL, as equipas do Sp. Espinho e da Académica de S. Mamede disputaram a final da Taça de Portugal (masculina) no pavilhão da Casa do Povo de Fiães. O Sp. de Espinho conseguiu a proeza de alcançar o duplo, visto que, depois de vencer o Campeonato Nacional, conquistou a Taça de Portugal, derrotando a Ac. S. Mamede, por 3-1 (15/9; 16/14; 9/15; 15/11), tendo demorado cada «set» respectivamente, 18, 24, 23 e 34 minutos.

Sob a arbitragem de António Moreira e Manuel Tavares, alinharam:

SP. ESPINHO — Fernando Tomás, Carlos Queirós, Filipe Vitó, Vítor Coelho, Carlos Filipe, Fernando Castro, António Cálix, João Maduro, António Pinto, Paulo Lemos e José Pinto.

AC. S. MAMEDE — Hélder Teixeira, António Augusto, André Lima, José Sousa, João Jesus, José Pinto, Paulo Augusto, José Eduardo, Rui Faria, Paulo Ferreira e Carlos André.

Para a próxima época, o Sp. Espinho estará na Taça dos Campeões e a Ac. S. Mamede na Taça das Taças.

«Taça» feminina

A Federação Portuguesa de Voleibol atribuiu aos Leões Futebol Clube de Tavira a organização da final da Taça de Portugal (senhoras). É a 1.ª vez que se realiza uma final de voleibol no Algarve, marcada para o próximo dia 22, no pavilhão gimnodesportivo da Escola Preparatória de Tavira. Em oposição vão estar Sporting e Boavista.

Campeões

Concluiram-se os campeonatros nacionais masculinos de juniores e juvenis, cujas finais se efectuaran no pavilhão do Estádio Uiversitário da Cidade Invicta. FC Porto e Leixões, em cada uma das categorias alcançaram os respectivos títulos sem terem sofrido qualquer derrota nesta fase decisiva. Eis os resultados. Em juniores — FC Porto-Nacional, 3-0; CDUL-Sp. Espinho, 1-3; Nacional-CDUL, 2-3; Sp. Espinho-FC Porto, 2-3; Nacional-Sp. Espinho, 2-3; FC Porto-CDUL, 3-1. Classificação: 1.º FC Porto, 3-0 (9/3), 6 pontos; 2.º Sp. Espinho, 2-1 (8/6), 5; 3.º CDUL, 1-2 (5/8), 4; 4.º Nacional, 0-3 (4/9), 3.

Juvenis — S. J. Brito-Leixões, 0-3; Sp. Espinho-FC Porto, 3-2; Leixões-Sp. Espinho, 3-1; FC Porto-S. J. Brito, 3-0; Leixões-FC Porto, 3-0; S. J. Brito-Sp. Espinho, 0-3. Classificação: 1.º Leixões, 3-0 (9/1), 6 pontos; 2.º Sp. Espinho, 2-1 (7/6), 5; 3.º FC Porto, 1-2 (5/6) 4; 4.º S. J. Brito, 0-3 (0/9), 3.

Modalidades

Tenistas fracassam

João Cunha e Silva e Pedro Cordeiro, adversos à relva dos «courts» do Country Ground Club (de Nottingham) não puderam impedir a eliminação (5-0) de Portugal frente à Inglaterra no Grupo B da Taça Davis em ténis. Os ingleses Stephen Shaw e Jeremy Bates, habituados à superfície tradicional dos «courts» britânicos (relva), conseguiram uma vitória expressiva por 5-0, na 2.ª eleminatória da zona europeia da Taça Davis. Cunha e Silva, que esteve em bom apuro de forma na 1.ª eliminatória (perante o Luxemburgo) perdeu agora frente a Shaw (6-3, 6-1, 6-1) e a Bates (6-4, 6-4), enquanto Pedro Cordeiro cedeu ante Bates (6-4, 6-2, 6-0) e Shaw (6-4, 6-4). Os portugueses que não ganharam um púnico «set», ficaram irremediavelmente afastados da fase seguinte da prova na partida de pares que foi ganha pelos ingleses por 6-3, 6-4 e 6-2.

Xadrez: campeonato aberto

O novo empate consentido pelo grande mestre internacional inglês Raymond Keene, agora frente ao português José Morgado, constituiu o factor mais relevante da segunda sessão do Sétimo Campeonato Aberto de Xadrez de Portugal, disputado em Lisboa. Na mesma sessão outras duas surpresas: os empates dos portugueses Jorge Godinho e Rui Damaso, respectivamente, com os mestres internacionais David Goodman (inglês) e Marinas Kuijf (holandês).

De salientar também a vitória natural do mestre internacional espanhol Manuel Rivas sobre o português Jorge Alexandre.

Bridge: torneio internacional

O VI Torneio Internacional de Brige da Madeira realiza-se de 1 a 6 de Novembro, na cidade turística da Matur, concelho de Machico.

Para participarem na prova estão já confirmadas as presenças de 150 jogadores noruegueses, 100 suecos e equipas da Islândia, Espanha e Portugal.

À VENDA O N.º 8

foot

o futebol em exclusivo numa revista totalmente a cores

Distribuição Interpress

Novos Reis Sóis

Olhares sobre o olhar

Pág. 20

OLHARES SOBRE O OLHAR

Philipp Otto RUNGE, *Die Hülsenbeckschen Kinder*, 1805, Hamburger Kunsthalle.

Com **La part de l'oeil** (1), assistimos ao nascimento de uma nova revista anual que constitui pela sua apresentação, seus textos, ideias, imagens e mundo, um acontecimento a anotar cuidadosamente na nossa agenda intelectual. **A parte do olho** (no sentido de **o que diz respeito ao olhar),** porque o olho continua a ser irremediavelmente o ponto de partida do dizer e do fazer, e porque, ao mesmo tempo, do seu olhar não regressa, sempre, senão uma parte. O olho como sinal da partilha, da clivagem do sujeito, e olho que se mantém no direito de reivindicar a sua parte, a que lhe **pertence.**

Este primeiro número compõe-se de três secções: artes plásticas e psicanálise; estética; documentos. Grandes nomes e (muito) bons autores participam — mas os primeiros não correspondem sempre aos segundos, como veremos.

Chaké Matossian

Luc Richir, no editorial e na introdução, leva-nos ao coração da problemática já explicitada, de certo modo, pelo título da obra. Trata-se de trabalhar a estrutura especular tal como Lacan a pôs em evidência, de mergulhar no abismo do **Eu** aberto por Descartes, em que o sujeito, sempre na impossibilidade de realizar o desejo de **se** ver, não pode senão suportar-se, projectar-se no ecrã (lacaniano), «suporte em que o sujeito projecta, antes de qualquer outra figura, o próprio modo de aparecimento de um mundo, instituindo a representação enquanto tal. O sujeito não poderia estar na origem da representação: ele decorre dela» (1, pág. 11).

O projecto de obra consiste portanto em aceder ao olhar no momento em que desmaiamos na vertigem do abismo.

Drama da visão que Murielle Gagnebin, na primeira parte, pretende analisar através da função de «camuflagem», caracterizando a arte destes últimos dez anos, «o trabalho do negativo agindo na obra». Ela releva, assim, de uma estética da dissimulação como a que há em Kiefer, Hantai, Buraglio, Cy Twombly, Roland Barthes, Alain Clément, Joel Kermarrec, e que se opõe à arte do palimpsesto de Montaigne ou Joyce. Enquanto estes últimos exibem uma alegre intertextualidade, os outros agem mediante camuflagem. E é ao pretender explicar esse agir característico da arte contemporânea que M. Gagnebin cai na mais sombria das banalidades, na mais chã dicotomia (sub Mélanie Klein). Com efeito, a autora, ao retomar figuras míticas (Édipo contra Narciso, Ariane contra Ulisses) quer mostrar-nos que, se toda a pintura procede do luto de um crime imaginário, é-nos necessário distinguir a obra como resultado da sublimação, daquela que emana directamente do pulsional, da obra como descarga. Porque, simplesmente, o que está por detrás do trabalho do artista, o que o leva a criar, é... — agarrem-se bem — a mãe (!!!), que desempenha o papel de público interior: «Tudo se passa, portanto, como se a presença maternal fosse preponderante nestes artistas» (1, pág. 68). Mas de facto, o que vai distinguir a arte da sublimação da arte da descarga, que a primeira releva da relação com os pais enquanto a segunda produz «sintomas arcaicos» (Winnicot) — digamos, também, uma posição pré-edipiana.

Cito (porque a miséria do imaginário da autora atinge o cúmulo no próprio seio da sua vaziez): «Se a causa eficiente da obra de arte é a sublimação (processo, ele próprio, transitório), a sua causa formal é a bissexualidade ou, se preferirmos, a integração harmoniosa dos pais combinados, esse público interior indispensável, como se viu, à gestação da obra, mas ele próprio provisório em relação ao público terminal da obra» (1, pág. 70). Na outra vertente os artistas contemporâneos citados pelo autor, mostram com a sua obra-descarga, esse arcaísmo que não é mais do que a recordação de um não-acontecimento: «os artistas de que falámos proporiam assim uma pintura que tiraria a sua existência do que um dia se passou sem por isso ter tido lugar, uma pintura emanando de uma recordação sem recordação, uma pintura que viveria de uma fundamental ausência de ser infinitamente indelével visto nunca ter sido, embora tendo-se produzido e, revelando assim ao Eu uma falha insidiosamente actuante (1, pág. 70). Se o autor não nos diz nada da noção de estilo tal como a definiu Merleau-Monty na **Phénoménologie de la perception** (a recordação de uma experiência antiga, até que não subsista mais do que uma forma típica; ou ainda, a lembrança de um mundo dessubstancializado que só se manifesta como angústia, etc.), não poderíamos deixar de ver na passagem citada, a distinção feita por Freud entre a verdade histórica e a verdade material. Antes pensamos, como Sarah Kofman, que um dos bens da arte moderna consiste na nova leitura que ele nos oferece da arte representativa e que, consequentemente, o arcaico já não se encontra mais na arte **«destes últimos dez anos»** do que na de Jerónimo Bosch, mas que ele subentende a criação. **«A arte moderna também faz entrar a pintura do passado num silêncio definitivo, e dá simplesmente lugar a um imenso jogo de formas possíveis. A arte dita «representativa»** já não pode ser pensada como a simples repetição de um modelo pré-existente mas somente como um duplo originário que faz vacilar toda a segurança, a da identidade do «objecto» como a do sujeito, vindo duplicar todo o «real» da sua insólita e fascinante «presença» (2, p. 33). É deste mesmo arcaísmo que emana o magnífico texto de Françoise Delcarte, consagrado aos retratos de crianças do pintor Philippe Otto Runge. Muito longe de reduzir essa presença do arcaico com uma análise quase médica e higienista, como o fez Gagnelin, o autor chega aqui à criação da imagem através do texto, à criação da criação. Talvez nos lembremos dos seus poemas e juventude (um exemplar de Sables existe na Biblioteca Nacional) de onde já surgia a força viva de uma perturbadora disposição das palavras. F. Delcarte atinge agora a **Poiesis** originária, uma espécie de filosofia pré-socrática onde a teoria se une ao fluxo ritmado da linguagem e provoca em nós através da leitura espasmódica a que somos convidados, séries de imanges (3). Como se o imaginário falasse ao imaginário trocando do simbólico. Este texto, soltando todo o peso do silêncio atrás de cada palavra, indica pois a essência **Unheimlich** da obra. Ele próprio é Unheimlich porque volta atrás, repete, opera numa «mimesis» marcada pelo ritmo cromático da língua, o que teríamos ver perdido da infância, mas que,

no entanto, assastamos em mós connosco. Ele fala ainda da existência dessa criança-monstro, com a sua cabeça demasiado grande, e os olhos estranhamente fixos, as suas dobras de carne como que cheias de rendas, e todo este mundo que lhe pertence estar determinando assim um «trajecto sobre o medo, algo em nós de uma criança ancestral tomaria-nos pela mão, faria por nós os primeiros passos, e deixar-nos-ia essa espécie de força desmunida que não adere mais do que a formas e a fantasmas surgidos da matéria» (1, p. 32).

A matéria como um quadro preto é que Eliane Escoubas (de que Deleuze fez o elogio) apreende, interrogando a bola de Soulages (preto sobre preto). Revestir -induzir vêm ambos os **inducere** ladino. No seu brilhante percurso, Escoubas leva-nos da origem da palavra à origem da obra. Será primeiro necessário revestir a tela de negro para lhe induzir, a partir das camadas, massa e relevo, tons. Projecto goetheano da cor que só pode nascer do sombrio. O revestir-induzir assinala a redundância como a própria essência da pintura. Do negro surgirá a luz; o negro é fosforescente, portador de luz: «o negro é, de qualquer modo, a forma **a priori** de todas as cores. As cores, tal como a matéria elaboram-se nas tensões do sombrio, no induzido «negro sobre negro». (1, p. 115). O negro sobre negro dá a aparência da luz, a pintura como um «parecer», como a apresentação do ritmo do visível, «o ritmo da grande génese do mundo sob o olhar».

Trata-se pois de **capturar** o mundo a partir de um resto (o arcaico) que escapa e que temos que prócurar, afastar. É a isso que nos convida Emídio Rosa de Oliveira nas páginas onde desenvolve — nietzscheanamente — a emergência particular do **Código fotográfico.** O fotógrado-caçador, um pouco fetichista, um pouco paranóico, espreita, de olho colado ao visor, esse resto de que só apanhará os indícios que verá semeados por todo o lado na sua trajectória visual. Um resto que seria o do crime, mas que manteria uma relação essencial com a vida. Ele seria a própria vida, o vivo, um momento biológico, assustador, animal. O animal a caçar, a apanhar na ratoeira da lei, a surpreender, a seduzir. O fotógrafo-caçador repetirá a cada **declic** este primeiro crime, indicará o cogito como sempre ja marcado pela repetição, pelo esquecimento da morte e transporta no poder da máquina, no do olhar, à falta de não poder capturar o real, o fotógrafo-caçador transforma-o em restos.

Com a fotogradia todo o real se torna RESTO , escreve E. Oliveira. **Só se pode pois restituir o real e só se pode restituí-lo a partir do** resto.

Inacabamento no qual ainda insiste Michel Thevoz no seu estudo da tapisserie interrompida por Jacky Garnier, espaço de restituição que ainda é o espaço distorcido designado pelo filósofo Marc Richir, espaço do sonho onde se origina interminavelmente a pintura fenomenológica de um Maurice Wyckaert.

---

(1) **La part de l'Oeil**, n. 1, **Presses de l'Académie Royale des Beaux-Artes de Bruxelle**, 1985.
(2) **S. Kofman, Mélancolie de l'art, Galilée**, 1985.

Não é o destino que interessa, mas o caminho — **Félix Guattari**

Sinais dos Tempos

Rockando

É assim o quotidiano dos jovens médios na Noruega: durante as horas produtivas têm as suas vidas de «soldados» ou «freiras» nas respectivas fábricas, lojas, repartições, agências, escolas, oficinas. À noite a chatice vai toda ao ar. Como? Enchendo todo o lugar onde se possa dançar e beber — sejam os «rock and roll clubs» ou os «discos». «Eu rocko desde os 13 anos — isso mantém-me saudável. Não há agora uma boa noite de rockanço que faça o meu emprego parecer aborrecido», repete a revista adolescente «Mizz» de um rapaz que trabalha numa fábrica de sapatos.

Espaço de liberdade, a noite é onde os jovens assumem a expressividade própria, e as linhas seguidas são bem diversificadas, como o são os lugares que lhes estão vocacionados. De um lado os revivalistas, e essa parece ser uma tendência acentuadamente norueguesa: eles são os «mods», os «rockers», os «teddy boys», mas também são muitos os «punks», os «skinheads», os partidários do «funky» e do «disco». Depois, aqui e ali, encontra-se de tudo: o músico amador de «folk» que ainda é «hippy», os delirantes dos Siouxsie and the Banshes, os apaixonados do «jazz», os nostálgicos do «rock and roll», todos mais ou menos se definindo consoante a música de que gostam. Eles não querem levar nada a sério e avisam que nada se lhes pode cruzar no caminho — «eu nunca pararei». É por isso que não gostam dos domingos, sem nada para fazer, que detestam a chuva, os patrões ou os professores, e que torcem o nariz quando se lhes pergunta as idades.

Snifando

Um maluquinho das estatísticas americano, de seu nome Tom Parker, editou agora um livro com os resultados dos mais variados inquéritos que resolveu levar a efeito entre os seus. A preocupação foi saber a quantidade de números mensurável **por dia.** É assim que nesse «In One Day» ficamos a saber que se fazem 52 milhões de quilómetros de «jogging» em 24 horas, que no mesmo intervalo de tempo 10 americanos têm uma «overdose» de vitaminas e três pessoas mudam de sexo, que se fabricam 5 novas armas nucleares e se vendem 65 500 calculadoras de bolso, que são quatro os que apanham malária, ou que se snifam 150 quilos de cocaína numa jornada, consumo **mais** da moda.

Curtindo

Em meio de Junho, com o Verão a fazer-se sentir mais próximo, podemos já prever que se vai acentuar esta tendência. O ano passado ouviram-se os primeiros ecos da nova **saída:** alguns jovens portugueses andam a descobrir que, não se tendo cheta, a melhor maneira de passar uma boa temporada nas praias do Algarve é fazer precisamente o que o tresloucado magazine francês «Zoulou» sugeria em Julho do outro ano: acompanhar muito atenciosamente, ciceronizar, assistir e o mais que valer as turistas solitárias de meia idade que sempre por aí aparecem.

À ideia maior vigor deu o exemplo do «Caniço» de «Chuva na Areia», e não serão poucos os que se motivarão agora a arriscar a sua sorte: o mais belos mês de férias de toda uma vida. Curtes?

Moralizando

A última «Actuel» conta este caso bem exemplar. Um puto chamado Peter Leppik, de 15 anos, conseguiu com o seu microcomputador violar o sistema informático central de um banco norte-americano. A Polícia foi buscá-lo, mas vendo que não havia nada de pior bastaram-se por um sermão e confiscaram-lhe as disquetes. Ficou-lhes, como vieram depois a demonstrar, a perplexidade pelo génio do jovem feiticeiro dos computadores.

Mais tarde, tendo prendido um tal de Patton, programador por profissão, acusado de haver violado um miúdo de treze anos, pensaram poder encontrar alguma prova contra ele no seu material de trabalho, sem saberem, porém, como interpretar aqueles programas. Vai daí lembram-se de Leppik, que em três quartos de horas soube contornar o código e introduzir-se no centro do programa, peripécia de que o malandrete já tinha experiência.

De perigo potencial o adolescente tornou-se herói, de espião bancário em colaborador da Polícia. Afinal ainda há rapaziada boa, moral da história.

REIS SÓIS

Queridos amigos, eis-me regressado, pela sexta vez em onze anos, a este extremo ocidental da velha Europa — e desta vez um pouco mais cedo, no ano, do que é meu hábito, por razões da minha vida profissional. Confesso que estive tentado por férias na Turquia ou em Marrocos, terras igualmente muito acessíveis para o marco, mas a minha agência de viagens propôs-me um irresistível programa português, mais barato ainda, por incrível que pareça, que o de há dois anos. Aqui estou de novo portanto, como a encarnação de uma nostalgia, um pouco ofuscado por este vosso novo Junho em que tanto chove como faz sol, e sentindo-me um personagem do «Ninguém duas vezes».

Hans Pffung

Estou livre, por um mês, dos programas e dos computadores que ocupam a maior fatia do meu tempo útil, livre para, como tenho feito das outras vezes, olhar, aqui, à minha volta e escrever, com a calma de quem se entrega a um «hobby», as minhas impressões sobre o vosso país, destinadas ao velho semanário da minha região — uma espécie de nova gazeta renana, mas inteiramente desideologizada como hoje convém — a que estou preso como a uma recordação de infância.

Admito porém — e é até uma das razões por que vos escrevo — que estou desconcertado e **en détresse** (N.T.: em francês no original) pelo que me tem sido dado a ver desde que aterrei no vosso aeroporto urbano (N.T.: Hans Pffung refere-se sem dúvida ao facto de o aeroporto da Portela ficar no meio da cidade).

No dia da assinatura do vosso tratado de adesão à CEE, a televisão do pequeno hotel onde estou instalado esteve ligada todo o dia, e eu pude ver o cortejo dos primeiros-ministros — entre os quais o meu! — em torno do vosso, que centripetamente se colocava no meio da cena, brilhando como um sol no seu sistema planetário.

Considerei que talvez fosse natural a pompa com que vestiram a velha torre e o velho mosteiro, roubados ao merecido silêncio a que pertencem. No entanto, devo confessar-vos, como europeu, que em meu entender o passado pertence ao passado, e os seus espíritos e lugares não devem por nós ser violados sob qualquer pretexto. Estranhei, sim, que um tratado de adesão fosse um acto tão passível de personalização, tão fazível na primeira pessoa do singular como foi feito. Como se alguém pudesse apropriar-se por completo de um gesto simbólico que, mau ou bom, compromete e obriga, de facto, o conjunto das comunidades que constituem uma nação tal como a entendemos hoje: livre de «destinos» e de quaisquer vontades pessoais que, como em tempo de guerra, a «conduzissem» para onde quer que seja. Estamos em finais de século e, doa a quem doer, mesmo ao mais adoecido estadista, as nações europeias aprenderam à sua custa a livrar-se desses discursos iluminados que transformavam os poderosos em reis sóis. Os estadistas modernos, por mais mass-mediáticos que sejam, aprenderam — também à sua custa — a não dramatizar, não tornar publicamente empolgantes as aventuras do seu próprio ego — talvez para que a própria função de Estado não corresse o risco de cair no irrisório, na constante cerimónia pessoal que, visando delirar e alucinar a História, acaba por a transformar numa série de números de circo a que já ninguém liga.

No dia seguinte, porém, a televisão estava de novo ligada no meu hotel, à hora do jantar. E o mesmo actor (perdoem-me o abuso: no meu país habituámo-nos a tratar os políticos como actores, e a compará-los do ponto de vista das respectivas performances televisivas, quer sejam Reagan ou Mitterrand) voltou a dramatizar o seu ego, desta vez falando de aliados que o tinham traído, e garantindo a quem o escutava que ele faria, ele aconteceria.

Tenho para mim que um dos maiores progressos da vida moderna consiste em o Estado e quem o representa ocupar um lugar cada vez mais discreto e menos impositivo na vida de cada um de nós. Que seria dos nossos vinhos, das nossas flores e dos nossos livros se, nas auto-intituladas democracias parlamentares em que vivemos, cada membro importante do Estado, cada chefe de partido, cada representante de facção, viesse, às horas das refeições, obrigar-nos dia após dia a escutá-lo, como dantes se escutavam as santas leituras nos refeitórios conventuais?

Lembro-me de uma festa regional a que assisti há poucos anos na Baviera: bebia-se e dançava-se, mas chegou o momento em que um líder político, de visita aos festejos, ia falar. Então parou tudo: não se vendeu nem mais uma cerveja, a música calou-se e até o carrossel fechou. E o discurso do visitante tornou-se insuportável mesmo antes de começar, não pelo que ele eventualmente dissesse, mas porque, para o dizer, obrigava tudo à inexistência. Nada há de pior nos políticos do que isto.

Dir-me-ão que se pode desligar a televisão. É um facto. Podemos sempre deitar fora os sapatos que nos magoam os pés, mas continuamos a precisar de andar calçados... Porventura, iremos ao armário buscar outros sapatos para os pés doridos. Mas vocês, onde têm os outros canais para onde liguem quando um vos cansa?

Desculpar-me-ão por este acesso de febre. Venho de férias e sou apenas um entre milhares de estrangeiros com que vocês se cruzam nas vossas ruas durante o Verão. A política não me incomoda, também a pratico.

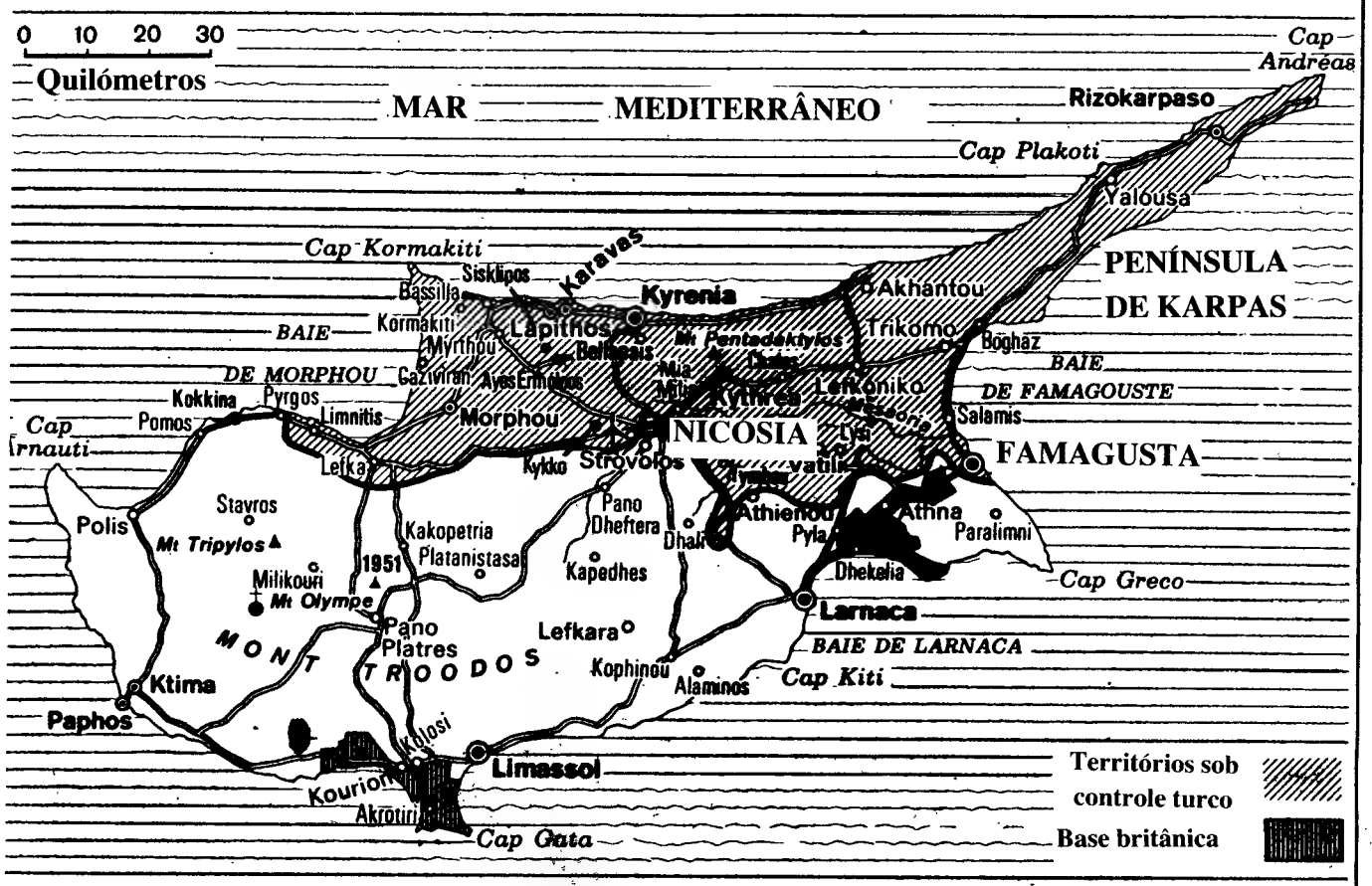
Mas, justamente por causa desse vento europeu que, de súbito, lambe as vossas pedras, sinto-me mais no direito de, como europeu, vos falar de coração aberto destas coisas.

Ganhámos todos, com o andar do tempo e com as misérias materiais e morais que sofremos na História deste século, o direito de deixar de viver à sombra dos homens providenciais, dos cordeiros de qualquer deus que prometem tirar o pecado do mundo e dos pais tiranos que desejariam perpetuar o império da autoridade. Quando um estadista regressa à primeira pessoa do singular para falar do futuro de cada um de nós, a política escapa-se de novo do espaço partilhado, onde todos temos direito à palavra divergente, e volta a ser o lugar desses velhos exercícios de identificação com o chefe, que sempre julgamos desaparecidos e sempre nos voltam a entrar em casa ao primeiro momento de distracção.

Chipre: uma ilha, duas realidades

O acaso é por vezes benevolente. Entre o momento em que entramos no gabinete do presidente da República de Chipre, Spyros Kyprianu e aquele em que saímos do de Rauf Denktash, chefe do «Estado» turco autoproclamado do norte da ilha, decorreram menos de três horas e meia! Que visão sobre o imbróglio da ilha mediterrânica que dura há trinta anos.

São oito e meia e anuncia-se um desses dias tórridos que são o segredo da terra de Afrodite, logo que se sai do mau Inverno. Antes de sermos acolhido por Kyprianu, atravessamos um salão onde está exposta uma maqueta do palácio presidencial tal como ficou depois do golpe de Estado da Guarda Nacional Grega, no dia 15 de Julho de 1974, contra o falecido presidente Monsenhor Makarius.



Jean-Pierre Clerc

E o modelo reduzido da desgraça presente: o acontecimento desencadeara, com efeito, a tempestade, a invasão pelas tropas turcas de todo o norte do país, hoje constituído em entidade separada. Paredes esventradas, tetos caídos depois do incêndio ateado pelos revoltosos furiosos por terem deixado fugir o prelado, cuja morte haviam anunciado um pouco precipitadamente. Causa espanto que o edifício tenha estado pronto para o regresso deste, menos de cinco anos depois...

Depois da conversa com o presidente da República do Chipre, é a galopada até ao único ponto de passagem, através da famosa «linha verde» junto às velhas muralhas de Nicósia, o controlo dos polícias gregos (é preciso ter uma autorização especial, porque, no Sul, não gostam dessas incursões do estrangeiro em «território ocupado»): seguem-se alguns minutos de marcha, entre o arame farpado, os sacos de areia.

O «passeio» passa diante do Ledra Palace, um antigo grande hotel que serve hoje de QG aos contingentes de «capacetes azuis» das Nações Unidas que vigiam a capital. Uma bandeirola que se vê de longe **Acabem com o racismo antiturco na Bulgária** (1) anuncia a mudança de sector.

Os polícias de Lefkosha (a meia-Nicósia dos «outros») estão sossegados, encantados **a priori** com todas as visitas que mostrem um reconhecimento, por mais pequeno, da existência institucional do «seu» Chipre. Alertado, um dirigente do «bureau» de informações da «República do Norte» conduz-nos à residência oficial de Denktash.

As duas residências distam 5 quilómetros uma da outra. Mas aqui, em Lefkosha, já é muito mais oriente. Denktash tem uma hora de atraso. Está a dar uma entrevista a um jornalista egípcio — e o Egipto conta muito para esta «República do Norte», até agora ignorada pelo mundo inteiro, à excepção de Ankara.

A Sul, no jardim de Kyprianu vê-se uma esplêndida estátua de bronze de Monsenhor Makarius, muito «pastor antigo», apoiado ao seu bordão. Por trás do «fauteuil» do dono da casa, o visitante é acolhido por um cromo que representa Ataturk. Numa estante, de modo muito visível, uma fotografia do general Evren, presidente da Turquia.

Os líderes das duas comunidades têm o mesmo sentido da hospitalidade: este café... turco que ambos oferecem ao visitante. Denktash é tão grande que o seu adversário parece franzino. O turco é tonitruante, como alguém que fala em situação de força; o grego é um pouco apagado. O sucessor de Monsenhor Makarius é bastante solene: gosta de seguir o fio do seu próprio discurso, como alguém que tem a razão do seu lado: o outro mostra-se muito atento às perguntas que lhe são feitas, procurando aperceber-se das intenções escondidas — depois, de repente, salta e dilacera o inimigo.

Para nós, a prioridade das prioridades é a retirada das tropas turcas. A esta afirmação lapidar de Kyprianu, logo Denktash responde: **A primeira certeza, para nós, é que os gregos devem aceitar a garantia que as forças turcas nos fornecem. Isto não é negociável.** Poderá imaginar-se uma mais soberba introdução a um diálogo de surdos?

Para o presidente cipriota, com efeito — como todos os defensores de uma linha de grande firmeza, que hoje, no Sul, o apoiam — o único problema crucial da ilha é a **invasão estrangeira,** a de Ankara em 1974. Não teria havido, no entanto, algumas «dificuldades» entre as duas comunidades, grega e turca, nos vinte anos que precederam a **operação Átila** (2)? Este ponto nem sequer será mencionado pelo presidente Kyprianu. E, a Norte, porquê essa absoluta insistência sobre a «garantia» turca, antes militar? **O meu povo assim o quer,** responde Denktash, **porque isso responde às nossas necessidades de segurança. A afirmação grega segundo a qual Ankara teria imposto aqui a sua força é uma idiotice. Para nós, os turcos não são estrangeiros. De qualquer modo, sobre a «questão de Chipre» nós é que mandamos. Ankara só nos apoia.**

O direito, os factos

Kyprianu chama em seu auxílio o direito internacional, tal como as Nações Unidas (como foi muitas vezes enunciado pelo seu Conselho de Segurança ou pela sua Assembleia Geral) com efeito, como aceitaria uma comunidade internacional civilizada, uma solução imposta pela força, um **fait accompli,** como se diz em Nicósia, em francês?

Denktash, esse refere-se ao **realismo** das outras nações: **Nós somos um dos dois povos que estabeleceram o Estado cipriota em 1960. Ora, durante onze anos, de 1963 a 1974, vivemos no nosso país como num campo de prisioneiros.** Aqui Denktash mostra o mapa dos quarenta enclaves (que representam, segundo os nossos cálculos, 10% do território) nos quais os seus compatriotas se juntaram, fortificaram e organizaram, depois dos graves incidentes do Natal de 1963. E prossegue: **Em 1975 (isto é, depois da intervenção militar turca de 1974) resolvemos criar o nosso próprio Estado para que o mundo compreendesse bem que não há aqui uma maioria grega e uma minoria turca, mas dois parceiros iguais!** (3).

Os dois interlocutores nem mesmo estão de acordo sobre as razões do fracasso do seu encontro ao mais alto nível, em Janeiro passado em Nova Iorque, sob a égide do secretário-geral das Nações Unidas. Depois de cinco meses de negociações **indirectas,** Perez de Cuellar pudera pôr no papel «um esboço de esboço» de projecto de regimento. Denktash aceitou-o. Kyprianu, por sua vez, fora aos Estados Unidos num ambiente de optimismo do lado grego, como há muito não se via. Ora, nada! Que se passou?

Fomos a Nova Iorque a fim de ter com a outra parte um diálogo construtivo, tomar decisões políticas que servissem de base aos grupos de trabalho a constituir. Não fomos lá para tirar o retrato, explica Kyprianu.

A solução a favor de um Estado federal corresponde ao compromisso possível, diz Kiprianu

Para Denktash, pelo contrário, tudo estava embrulhado, amarrado: **Estávamos todos de acordo numa fórmula de Estado federal que comportasse duas zonas, uma grega e uma turca, consideradas iguais. Haveria um governo de transição para que os gregos deixassem de se dizer, e só eles, «governo de Chipre». Nesta base, devia decidir-se, nessa reunião a alto nível, um calendário de evacuação das tropas turcas. Aceitámos ficar com um pouco menos de 30% do território, número mágico para eles (actualmente são 37%). Restava concordarmos sobre três datas, e também sobre a criação de grupos de trabalho, e depois assinar. Ora, Kyprianu, disse: «Assinar um acordo? Que acordo? Não há acordo nenhum!»**

Pouco mais ou menos

Na realidade, o secretário-geral das Nações Unidas estava à espera de negociações, visto que tinha reservado para tal, três dias do seu tempo. Mas claro que as negociações não podiam partir do zero, como talvez a atitude da parte grega o tenha sugerido. Aparentemnte nada desolado, Denktash aproveitou para bater com a porta, e anunciou novas medidas de consolidação da sua «República turca»: o voto de uma Constituição no dia 5 de Maio, e eleições, presidenciais e legislativas, em Junho.

Quanto a Kyprianu, no seu regresso a Nicósia, teve de enfrentar a irritação e mesmo a censura do Parlamento (direita e PC). **Mas antes da minha partida para Nova Iorque todos os partidos eram contra a assinatura!,** lamenta-se o presidente, que só vê na atitude dos seus adversários um **oportunismo** político **prejudicial ao país.**

Nenhum dos dois líderes, grego e turco, fez no entanto, declarações irreparáveis que fechariam a porta a novas iniciativas do secretário-geral das Nações Unidas. Estas, no entanto, continuam.

Nos meios diplomáticos de Nicósia julga-se saber que está praticamente terminada uma nova redacção do texto de Nova Iorque. Aprová-la-á desta vez a parte turca? Denktash mostra-se vago a tal respeito. No dia 15 de Novembro de 1983 ele declarara a **independência** da sua «República». E procurara febrilmente reconhecimentos internacionais — que, à excepção da Turquia, lhe faltaram. Ao mesmo tempo anunciava publicamente que o seu único objectivo era colocar-se em melhor posição para negociar uma fórmula de Estado federal com o Sul. Em que acreditar?

Ao contrário, talvez de Kyprianu — que sabe que o tempo trabalha contra a República cipriota —, Denktash não tem pressa: as tropas de Ancara estão ali e não estão dispostas a partir facilmente.

Kyprianu é muito claro num ponto que nos provoca algumas dúvidas. **Sim, continuamos firmemente a favor de um Estado federal. Não é uma solução ideal; é um compromisso realista.** Mas Denktash não quer naturalmente acreditar na boa-fé do outro. Prefere dizer mais uma vez, que o seu adversário ainda está interessado na fórmula de união com a mãe pátria grega **(Enosis),** pela qual lutou de 1955 a 1959, contra o colonizador britânico, com grande prejuízo da minoria turca. Resposta de Kyprianu: **O Enosis está abandonado, e não há perigo de ele regressar um dia em força.**

No monólogo paralelo que leva a efeito com o seu adversário-parceiro, Denktash assegura que, na realidade, o governo de Nicósia **não sente necessidade de solucionar o problema de Chipre,** tal como Andreas Papandreou, primeiro-ministro socialista da Grécia, partidário da intransigência.

Não seria também a atitude de oposição grega a Kyprianu, que reclama eleições antecipadas a Sul, achando que o chefe do Estado falhou na sua missão recusando assinar o projecto de Perez de Cuellar, em Janeiro, em Nova Iorque? O presidente responde, numa alusão transparente ao seu adversário conservador, Cléridès: **Eu sei que alguns querem hoje dar a impressão de que eles estão dispostos a consentir em mais sacrifícios. Mas, num assunto, como este não é certo que o líder de um partido esteja de acordo com os pontos de vista dos seus eleitores. Se perguntarmos aos nossos concidadãos se eles são pela retirada das tropas turcas de Chipre, as pessoas respondem evidentemente que sim.**

Será aventuroso pensar que Kyprianu criou assim, pelo menos, um «scoop»: o tema da sua próxima campanha eleitoral?

(1) Nos últimos meses surgiu uma grave tensão entre Ancara e a Bulgária. Sófia é acusada de ter deixado cometer violências contra cidadãos de origem turca. Segundo a Imprensa de Istambul teria havido algumas centenas de mortos.

(2) Nome dado pelos cipriotas gregos à intervenção militar de Ancara, no Verão de 1974. Os turcos, esses, chamaram «Operação de paz» a essa mesma intervenção. Ela mobilizou 40 000 homens.

(3) Os gregos representam uns 80% e os turcos 20% da população da ilha.

Ciências ditas humanas

LUCE IRIGARAY COMENTA A DIFERENÇA DOS SEXOS

Em «Parler n'est jamais neutre», seu último livro, Luce Irigaray mostra como o discurso dos sábios, dos poetas, dos filósofos e afinal de toda a gente é marcado pelos seus próprios corpos.

Entrevista de Roger Pol-Droit

Luce Irigaray podia mandar imprimir cartões de visita impressionantes: chefe de investigação no CNRS, psicanalista, doutora em filosofia. Ela podia ter o ar de uma senhora que publicou onze livros em doze anos, que está traduzida em dez línguas, que faz conferências e organiza seminários nas universidades estrangeiras. Assim, de 21 de Maio a 5 de Junho estava em Bolonha, na Faculdade de Letras e Filosofia, antes de ir a Parma, Florença, etc., ao mesmo tempo que surgia a tradução italiana de **l'Éthique de la différence sexuelle.** Facto curioso, actualmente não lhe foi confiado em França nenhum posto de ensino.

Em suma, podíamos esperar encontrar uma pessoa com ares de estrela da intelligentsia. Pois bem, de modo algum. Quando encontramos Luce Irigaray, fina, viva, risonha, temos a impressão de se tratar de uma criança subtil e maliciosa, aparentada com o povo trocista dos elfos, dos duendes e de outras figuras fantásticas e não com a tribo das grandes intelectuais que tomam poses e desejam algo de parecido com o poder.

Não se percebe nada. Como é que este corpo frágil de mulher pode produzir ao mesmo tempo uma crítica decisiva das teorias de Freud, uma leitura «sexuada» da filosofia ocidental de Platão a Heidegger, trabalhos científicos e uma discussão da neutralidade da ciência, das análises rigorosas que dizem respeito a um novo pensamento da diferença, e páginas cuja beleza e cuja força lembram Rilke ou Nietzsche?

Como se reúnem todas estas investigações? O estudo do discurso dos esquizofrénicos, as lutas das mulheres, a interpretação psicanalítica dos filósofos, o chamamento a novos valores... devem ter um elo que ilumine a coerência de uma atitude que ao primeiro olhar parece repartido e até contraditório. Foi o que perguntámos a Luce Irigaray, tomando por guia o seu último trabalho, «Parler n'est jamais neutre».

Reunindo catorze estudos redigidos entre 1966 e 1982 e quatro inéditos, este livro põe em causa a geração das mensagens, o seu enraizamento no corpo sexuado dos seres que falam, e os seus poderes: **Uma palavra vale bem um produto químico. Mas tem as suas toxinas... Um discurso pode envenenar, cercar, apertar, prender ou libertar, curar, alimentar, fecundar. Raramente é neutro.**

O hirto e o vivo

A especulação apoia-se aqui em inquéritos. Vários capítulos de psicolinguística resumem as investigações experimentais conduzidas pelo autor nos últimos vinte anos, sobre o discurso de indivíduos «perturbados» ou «normais». Eles tendem a provar que nenhum de nós utiliza a língua identicamente, como um simples código comum a todos, um conjunto de utensílios neutros de que nos serviríamos — talvez mais ou menos bem — para comunicar de um modo uniforme. Com as palavras aparentemente mais anódinas, cada um de nós poria em jogo, sem se dar conta disso, a estrutura da sua relação com a língua, com os outros, com o mundo. Como mostrá-lo? Deslocando a atenção dos «enunciados» para a «enunciação». Eis o que merece ser explicado.

Como definir o que diferencia os «enunciados» da «enunciação»?

Muito esquematicamente trata-se de distinguir o que já foi pronunciado, escrito, registado... do que se diz aqui e agora.

Os enunciados designam as mensagens já produzidas, acabadas, como mortas, se se puser à parte o sentido que guardam nas suas formas acabadas.

A enunciação, essa, designa a palavra a produzir-se, o seu engendramento vivo, actual, ainda não estabilizado. Os linguístas trabalham geralmente em enunciados, ou em esquemas ideais supostamente falados por toda a gente (ou por todo o falante de uma dada língua). Tentar aproximar uma gramática da enunciação, é tentar mostrar como a palavra, o sentido, a comunicação se engendram, se actualisam através do psíquismo de um indivíduo, da sua história, das suas relações com o mundo e com «o outro».

Estudei pois a produção de corpos limitados. Escutei-os, registei-os, interpretei-os para mostrar empiricamente como os diferentes tipos de enunciação existem, como a matéria, a situação, os temas, as suas relações, produzem morfologias diferentes.

Resta, apesar de tudo, um problema. Diz que a enunciação é criadora e não hirta. Ora os exemplos que examina mostram, pelo contrário, que os sujeitos — sejam estéricos, obsessivos ou esquizofrénicos — repetem tipos de enunciados reveladores de uma posição fixa perante o discurso, como se houvesse um modelo subjacente da sua enunciação. Então?

Muitos de nós repetem enunciados já formados, programados. Mas é precisamente o que define uma patologia, individual ou social. O nosso psíquismo é comparável a um solo para a cultura das mensagens. Ele produziria continuamente se o cultivássemos, para não cessar de criar. Se não cria novas formas, se não se manifesta de um modo inédito, este psíquismo está doente, cadavérico, fossilizado.

O mistério da linguagem

Aí se situa o principal interesse da psicanálise: o seu dispositivo de palavra constitui uma situação experimental única da enunciação, que permite escutar e libertar o psíquismo de alguém através de uma nova forma do discurso.

As aberturas possíveis do seu discurso estão, de resto, inscritas nas formas das suas mensagens e não no seu conteúdo explícito. O paciente não sabe nem pode saber o que diz. Daí a necessidade de outro para o ajudar a situar-se, a identificar-se.

A encenação especial da psicanálise — a que são consagrados vários capítulos — permite confrontar o sujeito com a palavra. Como se, no divã, o paciente encontrasse progressivamente o próprio mistério da linguagem, esse paradoxo do discurso em que, aquilo que ele diz, submetido às regras do léxico e da sintaxe, infringe aquilo que ele quer dizer, sem fim. Como se falar consistisse em caminhar para o horizonte do próprio desejo, através da rede das palavras e a ordem da língua.

Este caminho será o mesmo para os homens e para as mulheres?

— Não. A escuta rigorosa de vários discursos levou-me a descobrir que a linguagem é sexuada. Só uma parte desse inquérito, que continua foi publicado em Parler n'est jamais neutre.

As mulheres não têm com o outro e com o mundo a mesma relação dos homens, e não a traduzem da mesma maneira no discurso. Não se trata de alguns acrescentes ou supressões de palavras, mas de uma diferente geração das mensagens.

Esta evidência é recusada por aqueles e por aquelas que são herdeiros de Freud e que o professam, quando Freud se tornou analista ao escutar a singularidade aberrante dos trajectos da linguagem no corpo dos seus pacientes. A linguagem dita histórica cria circuitos somáticos, à falta de se poder dizer em palavras: Esta descoberta é exposta nos Estudos sobre a histeria, **mas Fred parece esquecê-la depois da** Ciência dos sonhos. **Ele ouve as suas primeiras pacientes, instrui-se. Não ouve, por exemplo, Dora, e impõe-lhe esquemas masculinos. Ela deixa-o com razão, não pode dizer nada. Ele fecha-lhe a boca de várias maneiras. A análise de Dora não é mais do que «o caso Freud!»**

Baseada numa patologia sexual, a psicanálise recusa hoje a separação de sexos nos parceiros da cena analítica. Ela consagra a neutralização do sexuado que convém ao imperialismo de um discurso monocrático e na época da técnica, que é a sua realização.

— Não ignora que essa afirmação de uma linguagem sexuada encontra fortes resistências...

— Eu sei. Mas por que não são elas interpretadas à luz da psicanálise, considerada capaz de interpretar e de suprimir os refluxos sociais, morais? Eis o que me parece espantoso.

Essas resistências trazem consigo aberrações, principalmente científicas, que seriam divertidas se não mostrassem a angústia do nosso tempo. Assim, admite-se que o cérebro é sexuado mas não a linguagem. Falaríamos pois independentemente do nosso cérebro? Com que parte de nós? De que serviria o nosso cérebro sem a palavras? Que dimensão de nós pode ser assexuada? Deveremos, poderemos falar aceitando que a sexualidade se traduza em formas verbais, simbólicas, plásticas? Os que negam ou anulam a «sexuação» do discurso, não serão cúmplices da repressão da sexualidade?

— A libertação sexual destes últimos vinte anos, produziu, apesar de alguns efeitos positivos, muitos enganos, simples aparências e impasses. Crê que seja possível outra libertação?

— A experiência mostrou que a linguagem por vezes mecânica da pornografia não interessa toda a gente nem todo o tempo. Numerosos, sobretudo numerosas são os que estão prontos a «voltar a casa» sem ter conseguido expandir a sua sexualidade, enviados para uma nova época de repressão.

Ora parece que o nosso mundo já não pode dar-se ao luxo dessa repressão. Ele necessita da diferença sexual para se regenerar, para produzir uma nova cultura e não só para reproduzir.

A libertação da sexualidade não significa pois simplesmente a reivindicação da igualdade dos sexos. Socialmente positiva ela arrica-se a produzir multidões monossexuadas, neutralizadas, que são um dos perigos da nossa época. É preferível uma diferença não hierarquizada, que permite criar livremente formas imaginárias, simbólicas, artísticas, diferentes segundo os sexos e, na sua diferença, fecundas.

Um homem mascarado

Luci Irigaray vai até ao fim. Se «falar nunca é neutro», o discurso científico também não o é. O tema da ciência, que não diz «eu», nem «tu», nem «nós» — que parece sem sexo — seria, de certo modo, um homem mascarado, esquecido daquilo que a sua investigação «objectiva» deve ao seu imaginário sexual. Não se tratava de cair em qualquer subjectivismo estéril, mas de dar o pensamento científico consciente do solo onde este se criou. Também aqui isto tem as suas dificuldades.

Admitindo que a neutralidade científica tenha, sem o ver, a marca do masculino, que ciência continua possível?

— Estranha pergunta! Parece-lhe impossível uma ciência no feminino? Uma ciência consciente do sujeito que a produz, já não seria uma ciência? Ou então seria uma ciência sem império do subjectivo ou do objectivo, consciente da ferramenta-linguagem de que se serve? Essa ciência sexuada poderia preocupar-se em criar novas formas de verdade, mas também de beleza e de sabedoria. Isto acontece sempre no princípio de uma época da história e é-nos necessária para habitar o nosso mundo, em vez de nos limiarmos a explorá-lo eficazmente.

A ciência não se pode dissociar de uma ética. Contra a dispersão e a desintegração que nos ameaçam no termo de uma certa história da ciência e da técnica, os nossos corpos sexuados são, sem dúvida, o único elo de ligação em nós e entre nós, sem constituição de poderes cegos e polémicos que se arriscam a destruir inconsideradamente toda a vida.

Estas palavras não transigem com os factos, são científicas e eticamente realistas.

Sempre se pode pensar o contrário. De qualquer maneira esta mulher que fez sozinha o seu caminho, que não se submete a nada nem a ninguém, que constrói obstinadamente uma obra de envergadura no riso e no sofrimento, merece, na verdade, a nossa admiração.

---

* *Parler n'est jamais neutre*, de Luce Irigaray. Ed. de *Minuit*, col. *Critique*.

DOSSIER PARA ADULTOS COM SÉRIAS RESERVAS

O AMOR

Apanhei-os à mesa de uma cervejaria. Tinha já acabado a dose de ameijoas e as imperiais estavam no fundo. Propus-lhes o trabalho e eles logo concordaram, curiosos, marcando-o para a noite. Mais curioso, porém, estava eu, já que qualquer coisa estava a começar a acontecer no momento em que encontrei o o Zé e a Lurdes, dois jovens entre muitos da geração dos vinte anos — Alberoni chamou-lhe de «estado nascente». De facto estavam em pleno processo de aproximação, encantados um com o outro.

Percebi que uma entrevista com os dois a propósito da sexualidade e da afectividade jovem ficaria com uma carga muito especial, pois iriam projectar em mim e no que me diriam a rede com que se enleavam. Não sei o que se passou depois, não os vi até sair isto, mas suspeito que as coisas se possam ter acelerado precisamente pelo que descobriram, não a mim, apenas elemento despoletador, mas um ao outro. Foi na verdade a entrevista mais mágiça que já fiz e, ao contrário do que se poderá pensar devido ao delicado tema, a mais fácil. Duas horas de auto-análise e de dedução, que eu apanhei não na perspectiva de aqui apresentar dois exemplos representativos do extracto da juventude que tem acima de vinte anos, mas tão-só dois exemplos, valorizados como quaisquer outros.

Li-lhes no início um texto, publicado nas páginas do «DL», que se referia a um dos últimos inquéritos que entre nós se fizeram sobre as práticas sexuais dos jovens, ao qual responderam alunos do Instituto Superior de Economia, e a conversa, perfeitamente informal mas trabalhada aqui, começou por se desenrolar a partir dessa referência. É o que se segue.

Rui Eduardo Paes

Lurdes, uma relação tua com alguém é apenas o elo de uma busca que depois se solucionará, encontrando a pessoa que pensarias ideal, ou ela vale por si mesma, tal como valeu a anterior, tal como poderá valer a que vem depois?

Lurdes — Não pode haver uma regra que condicione a ligação entre duas pessoas. Eu não vou à partida para uma relação com ideias preconcebidas, tento chegar às situações e ver como elas se desenrolam. Ir com a ideia de querer isto ou querer aquilo é errado, é marcar as coisas não precisando elas de serem marcadas. Uma relação só pode valer por si mesma, se ela falhar isso é natural, pode surgir outra.

Nunca faço à partida uma ideia do que vai acontecer, deixo sempre a coisa seguir, pouco me interessa se demore muito, se demore pouco, deixo-me apenas ir. Numa relação interessa-me vivê-la, tão-somente, e de modo algum troco uma ligação natural por um casamento segundo é entendido pelos padrões estabelecidos. O casamento é condicionante, prende mais as pessoas do que num outro tipo de ligação e vai marcar a atitude que se pode tomar no caso de aparecer uma outra pessoa entretanto.

Zé — Toda a relação amorosa traz consigo uma ambição: não ser gratuita. Esse é que é o seu grande projecto e o seu tempo de duração: partir para uma união não provocada pela gratuitidade. A duração dela, sendo assim, seria o tempo que tu levarias a provar que a vontade de fazeres qualquer coisa com alguém, de construires uma realidade com essa pessoa, tem um certo sentido, porque não sendo assim só terá a força de um capricho.

Estórias, heróis, encantos

Esse processo de se mostrar à outra pessoa tem um nome, sedução, e será certamente ele que dá um sentido à relação, não é?

Zé — Há várias maneiras de nos apresentarmos a outrem, de lhe dizer quem somos, quando se começa a desenhar a possibilidade de uma relação amorosa. Essa apresentação digamos que é o lado oficioso do encontro. Aí, ou a pessoa mostra os seus heróis, os trunfos que guarda, e conta as viagens que fez, as coisas mais ou menos extraordinárias que lhe aconteceram, as peripécias que tem na vida, como que fazendo uma sessão de esclarecimento em que se impinge todas as qualidades e mitos que se têm, ou então pode não fazer nada disso e, à medida que o tempo vai passando, à medida que ambos vão vivendo as mesmas coisas, a pessoa vai-se revelando naturalmente por meio das reacções que tem em relação a essas coisas.

Eu tinha, há tempos atrás, a tendência de mostar todos os meus heróis, de me tornar num contador de estórias semifantásticas que ou me tinham como protagonista ou de que era eu o privilegiado.

O que acontecia então: esquecia-me da preocupação de saber quem era realmente a pessoa de quem então estava a gostar — apaixonava-me não por ela mas pelo que podia representar, pela sua personagem.

A sedução é um jogo de cumplicidade, sabemos que nos estão a envolver com uma artimanha e aderimos às regras desse jogo, um jogo de passado em que tu mostras o que tens como teu, mas igualmente lançado para a frente, já que através dele estás a tentar algo de novo. Sedução não é propriamente ires ao teu baú dos encantos mas sim libertares-te e arriscares-te a experimentares o que antes não tinhas feito. Nesta perspectiva ela é um constante maravilhar, diria mesmo que um estado.

A sedução é então um jogo em que tu começas a seduzir logo que deixas uma aberta à influência do outro, alimentando a situação. Quando a vida em comum se torna aborrecida, aí já sabes: é a sedução que acaba.

Conhecer e acontecer

Nas vossas vivências pessoais e nas vossas ligações amorosas qual o lugar que dão à sexualidade?

Lurdes — O sexo tem muita importância em qualquer relação minha com uma pessoa, é através de um encontro físico que eu posso, inclusive, entender melhor e mais profundamente o meu companheiro.

Quanto a mim, a relação física pode ser como pode não ser o reflexo do sentimento que existe. Mas quando não tem a condição de um reflexo entendo-a mais como uma descarga de energias ou a procura de mais qualquer coisa, a curiosidade de perceber como é que o outro funciona e como é que eu própria funciono. Nascer o desejo sexual do sentimento ou o sentimento do desejo sexual depende em muito dos casos. Pela minha parte não consigo fazer amor com alguém quando não existe um outro tipo de relação com essa pessoa, preciso de acrescentar sempre qualquer coisa mais.

Mas já me aconteceu precisamente o contrário: uma vez apareceu primeiro a parte física e só depois é que fui reconhecendo o rapaz. Senti-me perdida, ainda hoje não sei como é que tudo se passou. O facto de ter sabido logo como ele era, cómo funcionava, fez-me muita impressão, não sei se por tal nunca me ter acontecido antes mas principalmente porque aquilo não teve nada a ver com a minha maneira de ser: tenho imensa curiosidade em saber quem são, como são as pessoas, mesmo que não venha a fazer amor ou a fazer vida com elas. Para mim, e a todos os níveis da relação, interessa-me antes do mais conhecer e só depois, eventualmente, acontecer.

Um corpo que quer, um corpo que responde

Zé — Como todo o meio de expressão, o corpo não precisa

AOS VINTE ANOS EM 1985

de ter o consentimento de uma relação afectiva para que essa mesma expressão se possa dar. O corpo vale por si mesmo, de modo algum precisa de ser autorizado pelo projecto amoroso de duas pessoas.

Todos os dias, cada vez que eu passo na rua sou seduzido por gente que traz estampada no rosto a sua vida, ou o momento que acabou de viver, ou qualquer coisa que mal se retém e que quer vir para fora. Nesse momento eu sou o alvo de algo que está ansioso por explodir, e isso acontece-me de 5 em 5 metros.

Nesse espaço de 5 metros em que sou seduzido eu faço tudo, e há uma estória que não tem de ser linda ou deixar de o ser: é um corpo que quer, um corpo que responde, mas que tem apenas 5 metros para o fazer e depois passa e aí eis que aparece outro.

Há um apelo fortíssimo daquilo que te seduz, e de tal modo que pode existir a ambição da posse.

Já me aconteceu muitas vezes começar uma relação a partir de uma ligação sexual, mas de duas diferentes maneiras: numa tive o sexo e depois ultrapassei isso para assumir a relação noutras formas, na outra não quis aceitar a posição de amante anónimo e assumi a prepotência de um laço amoroso perfeitamente desastroso porque tinha havido primeiro a relação sexual e eu tomei isso como um comprometimento. Um absurdo.

Hoje já não vejo o acto sexual como o contrato pelo qual não me vou desligar de alguém. Estamos em trânsito e uma relação sexual surge-me estando eu em determinada situação e estendo um outro em determinada situação. Sem projecto algum.

Uma conversa e uma fila de coca

Uma relação sexual não tendo por motivos nem o sentimento de amor nem o desejo físico é difícil, por exemplo quando ela acontece entre amigos, decorrendo da sua própria amizade?

Lurdes — Já me aconteceu ter relações com um amigo meu, e isso pareceu-me perfeitamente natural. Havia um encontro de modos de ser e de estar, um encontro de personalidades e com essa aproximação uma grande necessidade surgiu simultaneamente aos dois. Estávamos quase que em sintonia e tudo se passou de uma maneira muito lúcida, muito calma, não trazendo consequências negativas nenhumas para a nossa amizade, que continuou de uma forma absolutamente salutar, normal.

Zé — Também a mim isso me aconteceu e igualmente de maneira natural. Foi como que a continuação de uma conversa, com toda a naturalidade dessa passagem sem sobressaltos. Fizemos amor como se conversássemos, tão-só isso.

Coisa engraçada: é o mesmo tipo de relação que eu tenho com a droga. Não sendo um fim em si mesma, ela só tem sentido quando há uma conversa animada entre gente e então aparece uma fila de coca, que se cheira e volta-se a pegar o assunto que se estava a falar no sítio onde se tinha deixado antes da fila aparecer. Não, o acto sexual entre amigos não é, para mim, nunca um desvio, uma cedência, uma anulação, ele é possível precisamente porque não há uma relação tirânica, uma relação de autoridade em que tu estás a tentar convencer alguém a fazer uma coisa que te apetece imenso mas essa pessoa não sabe se lhe apetece o mesmo.

E isto, que é fundamental: não é possível haver sedução entre amigos — a decisão de irem para a cama um com o outro só pode acontecer mutuamente e em simultâneo, sem que tenhas que arvorar o teu desejo como um porta-estandarte.

Repressivo, tortuoso, opressivo

O orgasmo, ainda vos interessa, ainda vos diz alguma coisa?

Zé — O que eu acho divertido no orgasmo é que é uma óptima arma de persuasão. Ele é a defesa estóica do vigor enquanto ponto de honra, ele é a demonstração do poderio, exactamente como se estivesses a mostrar um álbum de fotografias ou a contar uma peripécia tua.

No entanto, comigo a coisa nunca é furiosa, tenho um pouco a tendência doentia de dar, de ser cuidadoso e carinhoso, de servir a outra pessoa. Não vou propriamente à procura do orgasmo mas sei que mais cedo ou mais tarde vou lá chegar...

Lurdes — Eu senti sempre da parte dos meus companheiros a preocupação de que possa atingir o orgasmo, e essa preocupação é na verdade muito de homem, uma afirmação de masculinidade e de poder, ainda que admita que possa vir de um desejo de comunicação. De qualquer modo, como tudo o que é excessivo acho que tem um lado doentio, realmente. Estou um bocado cansada disso.

Zé — Sim, o orgasmo tem por vezes um papel opressivo, primeiro por ser ambicionado logo de início, por ser entendido como o alvo, e é ao mesmo tempo repressivo e tortuoso pois leva a criar, quando uma das pessoas não funciona, uma certa propensão para o martírio. Isso sucedeu-me num caso: tentei, percebi que não dava e aí vivi o tempo todo com essa ideia, saber que não iria conseguir o orgasmo da outra parte. Mas por acaso a relação até nem ficou entristecida e acabou por trazer à baila uma outra coisa: durante a procura, de saber como é que ia ser ou não ia ser, eu como que mudei de sexo, assumi aquilo que pensei pretensiosamente ser o comportamento sexual de uma mulher perante outra mulher. Hoje essa menina tem as suas relações homossexuais com outra rapariga simpática.

Ou seja, como o orgasmo se revelou impraticável fundou-se outro tipo de ligação, sem auge ou desenlace, um encontro de duas linguagens, de dois modos de expressão, que teve um grande interesse mas que foi proporcionado por um impedimento — por isso que a ausência opressiva do orgasmo não tivesse sido uma libertação. Enfim, a importância do orgasmo é semelhante à de todas as coisas que são tão esmagadoramente boas quanto más — ele pode ser tanto uma prática de união como de podér, colocando o corpo do outro à mercê, controlado.

Lurdes — A mim incomoda-me, a premeditação obsessiva de uma relação sexual. É, o orgasmo pode ser repressivo, mas pode também não ser, tudo depende das pessoas.

Gente bonita

Passemos então ao campo das questões que continuam quase tabu e que parecem influenciar ainda e sempre os comportamentos da maior parte dos jovens, como o demonstram os inquéritos vários sobre sexualidade juvenil que se fizeram ultimamente. A homossexualidade e a bissexualidade, por exemplo. O que me querem dizer sobre isso?

Lurdes — Nunca tive experiências homossexuais, mas é uma eventualidade que eu não excluo: tem a ver com a maneira de ser das pessoas, com o sítio em que estão, o caminho que seguem, o que tiveram ou querem ter, o momento, enfim, dependendo de imensas coisas. Eu nunca vou para as coisas com as ideias já feitas, disse-te isso há pouco, de maneira que não excluo nada, não faço a mínima ideia do que possa vir a acontecer.

Zé — Quando disse que na rua sou constantemente seduzido, eu não excluía os homens, nada dentro de mim me faz olhar só para as mulheres. Eu não gosto de mulheres ou de homens, gosto é de gente bonita, disse-me certa vez um amigo bissexual e é isso que também se passa um pouco comigo mesmo: por vezes sucede-me ser seduzido por homens que são muito bonitos e têm bom porte.

Mas há nisto qualquer coisa que está completamente fora das fronteiras, das tabelas do sexo, há uma terra de ninguém onde as pessoas são atraentes, não cabe lá toda a gente nem em todo o tempo. Pode acontecer por exemplo que o meu vizinho, que é vulgaríssimo, apareça um dia sensual, sedutor e é a terra de ninguém que está à minha volta.

Ora, isto ultrapassa toda a questão de admitir ou não uma relação homossexual, de me considerar ou não bissexual. Enfim, acho naturalíssimo, não preciso de arranjar adjectivos. É-me indiferente que as relações que tenha sejam heterossexuais ou homossexuais, são apenas casos que acontecem, assim como nascer o sol: o que dizes tu do dia que nasce? Para mim, é um bocado esse tipo de evidência. Se sou seduzido e muito bem seduzido e me deixar seduzir não vou para uma relação com qualquer preconceito, independentemente do sexo da pessoa.

Na periferia desta questão, digam-me: têm ainda em vocês todo o valor os arquétipos feminino e masculino?

Lurdes — Eu já não vivo completamente o modelo feminino, mas vêm sempre ao de cima certas coisas que nos foram marteladas desde pequenos, reprimindo-nos todas as outras tendências possíveis. Assim, e naquelas pequeninas coisas que só nós damos por isso surge precisamente aquilo que queriam que nós fôssemos, embora já não haja a mesma preocupação de fazer de mulher. Acho que somos muito mais naturais agora.

Zé — As regras sociais dispõem os sexos em compartimentos muito definidos e fazem de mim, como homem, a continuação do modelo estabelecido. Se tu tens uma relação «marginal», homossexual, vais ter uma data de gente a perguntar: e a honra, a virilidade? Enfim, as regras sociais são um bocado as outras pessoas que as fazem e elas estão sempre a puxar-me para o papel simbólico que eu devo ter como homem e que é milenar.

Seis = dois

Lurdes, e sobre as experiências sexuais em grupo, sobre o poder gostar-se, sei lá, de duas pessoas simultaneamente...

Lurdes — Nunca tive uma experiência de sexo em grupo, em relação a isso a minha posição é a mesma que em relação à homossexualidade: admito que a possa vir a ter, a ideia não me intimida. Quanto a uma ligação amorosa com duas pessoas já a vivi e não aguentei muito tempo — é uma relação insustentável, vi-me a meio de duas forças, de duas presenças muito fortes. Não dava.

Zé — O sexo em grupo é algo que se passa rigorosa e exclusivamente entre as pessoas presentes, e por isso mesmo não creio que se trata de qualquer aposta transgressiva. Já me aconteceu, eu conhecia todas as pessoas e tudo surgiu como um jogo de travesti, de despojamento, de libertação e de sedução que a princípio foi um pouco caricato, e foi-se em frente. Aproveito, já agora, para propor a coisa aos leitores do «Sete Ponto Sete».

Nessa ocasião, inclusive pessoas que nunca tinham tido relações homossexuais experimentaram-nas. Não havia a mínima ideia de que o que se estava a fazer poderia ser condenado por alguém: pura e simplesmente não existiam os terceiros. Éramos seis mas éramos dois, tão natural quanto isso, não houve qualquer arrependimento e hoje falamo-nos muito bem, gostamos todos uns dos outros e por sinal na altura até alguns deles não me gramavam. Agora gramam.

Fist fuck

O sexo oral, a penetração anal, têm um lugar importante nas vossas práticas sexuais? Faço-lhes lembrar que por exemplo os estudantes do Instituto Superior de Economia, num dos inquéritos que referi, os refutaram em maioria...

Zé — Os estudantes do Instituto Superior de Economia são uns mentirosos...

Lurdes — O sexo oral, a penetração anal, tudo isso tem lugar numa relação sexual: tudo o que é possível é natural.

Zé — Sim, é como o «fist fuck» do Mapplethorpe. Sabes, uma série de fotografias dele em que um tipo vai metendo a mão pelo ânus do outro. Não, acho que o homem não deve ser um mártir, ele deve é adorar. Aquilo de meter um dedo, depois dois, depois a mão e por fim o braço é extraordinário. O homem deve ter a cara do Cristo das chagas mas deve adorar. Tudo o que se proporciona é bom, é natural. O que é aborrecido é quando tu queres fazer qualquer coisa que o outro te proíbe de fazer. Eu já tive problemas desses de ficar sem saber o que fazer por a outra pessoa limitar as suas fronteiras. Mas eu se calhar também o faria se me quisessem enfiar a... se me fizessem o «fist fuck» e eu não estaria para isso.

Lurdes — O padrão de que a sexualidade é acima de tudo reprodutiva deixou vestígios, por isso que toda a variante ao coito vulgar seja condenada por muita gente. Depois há os preconceitos em relação ao «sujo» — isso vem desde criança: não mexas aí, que porcaria.

Zé — Quando o Garaudy esteve cá ele disse uma frase interessante: que o que distingue o homem dos animais é a sua capacidade de desobedecer. É isso que nos permite desviarmo-nos das regras e um dia a menina com vocação de freira pode dizer: olha, vamos tentar o amor desta maneira.

O corpo é imenso

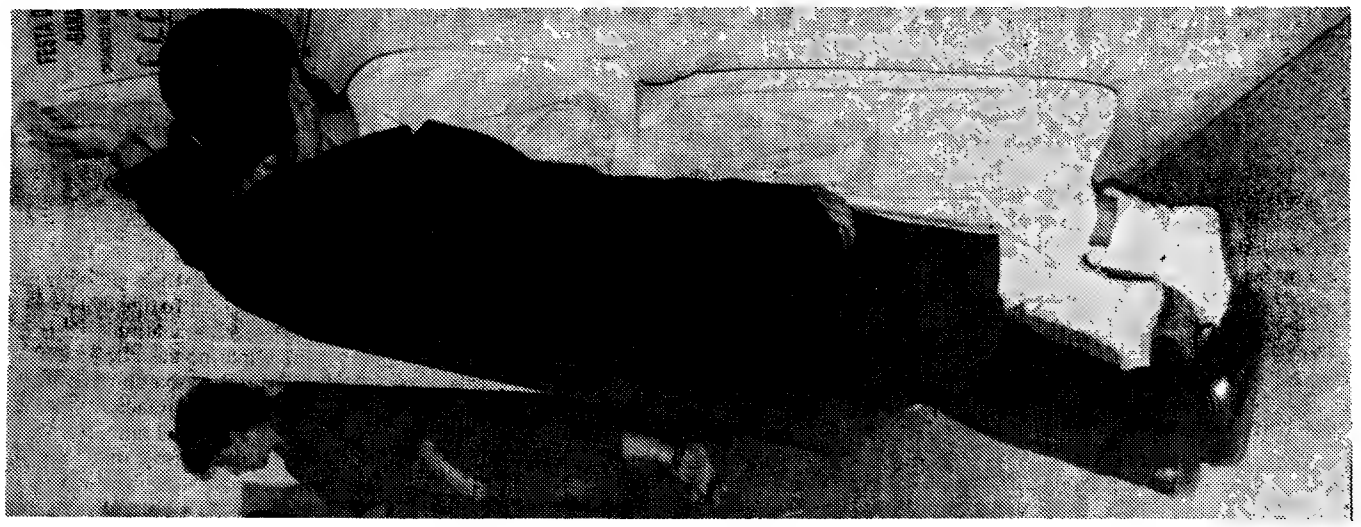
Vocês não acham que o que está a suceder é uma substituição da sexualidade genital por uma outra que implica todo o corpo, sendo as chamadas «variantes» o que até acaba por interessar mais, num tal contexto?

Lurdes — O corpo é imenso, mas determinaram-nos lugares apropriados para esta ou aquela função — ora, como toda a determinação, isso não é natural. O corpo está cheio de outros lugares, igualmente importantíssimos.

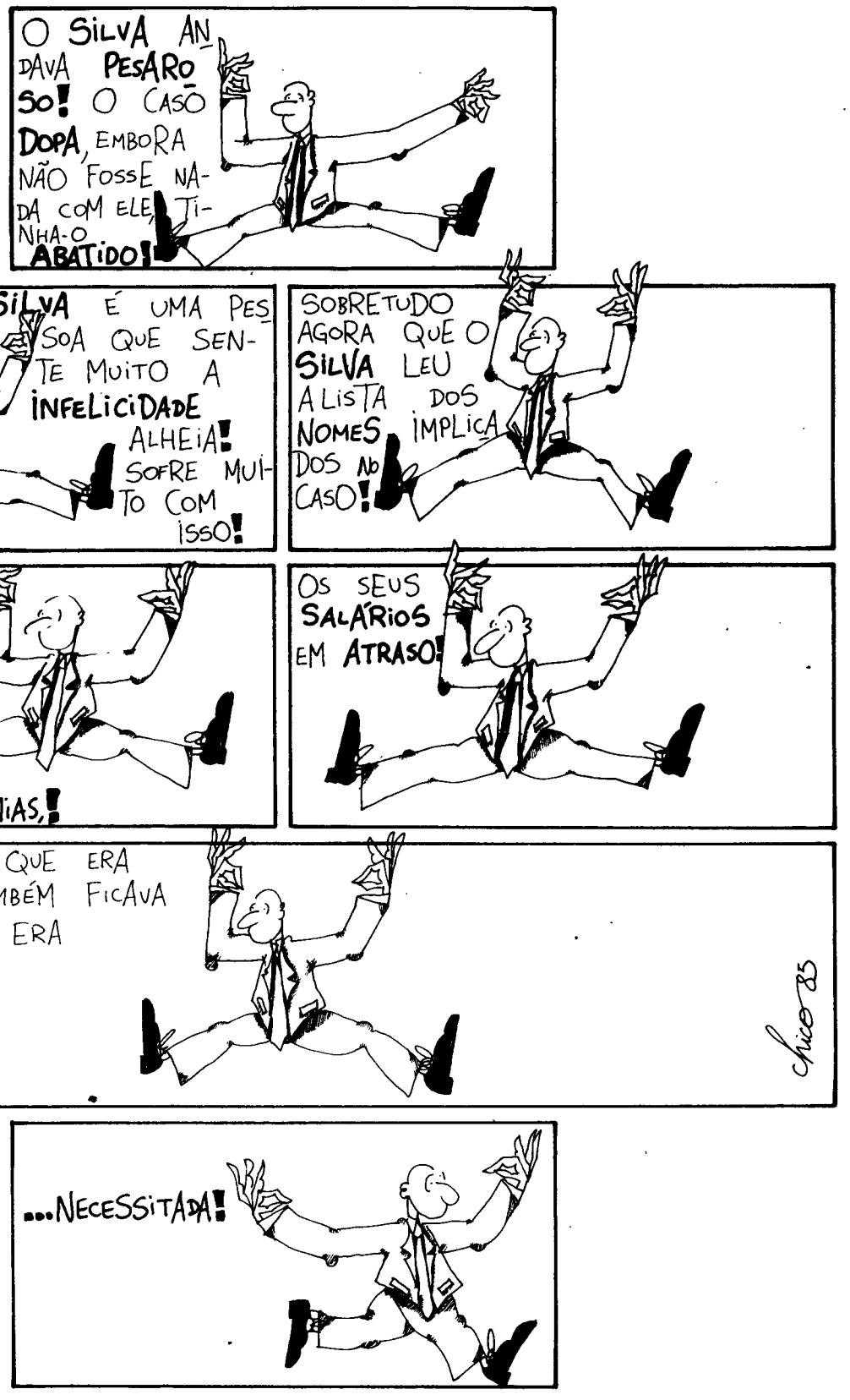
Zé — No princípio do século era uma mulher depravada aquela que mostrava o tornozelo. Hoje o corpo já não tem segredos, ele está aí, pleno, todo o corpo é posto em questão, todo o corpo é usado, já não há os lugares centrados, é o corpo inteiro que faz a harmonia.

Eu tenho o costume de experimentar sempre muito, dá-me a claustrofobia e fico aborrecido, começo a andar de um lado para o outro no quarto. De modo que experimento muito e em muitos lados: umas vezes as coisas correm bem e outras mal e então levo uma chapada, noutras ocasiões experimentam em mim e eu ou acho engraçado ou fico aterrorizado e fujo a sete pés.

Acho a exploração do corpo pelo corpo muito bem vinda, até porque há a curiosidade: querer saber se determinada coisa dói ou não dói, se é azul ou verde, se é dura ou mole — a tentação de fazer do corpo uma matéria moldável. Sou um partidário da descentralização, gosto de procurar a chave de um prazer que seja mais subtil, mais cheio de artifícios. Mas, claro, também gosto do amor arfante, directo... E que tal se fôssemos agora beber umas imperiais?



doces crónicas



Demis Roussos: 39 anos difíceis

Demis Roussos, o cantor grego que passou o seu 39.º aniversário como refém do avião da TWA desviado, foi libertado sexta-feira à noite em Beirute, revelou ontem em Atenas uma fonte governamental.

A fonte, falando na condição de não ser identificada, disse que o embaixador da Grécia em Argel, não encontrou o cantor no avião quando ali foram libertados 50 passageiros.

«O embaixador Frangoulis foi informado pelo chefe dos assaltantes que Roussos foi libertado sexta-feira à noite quando o avião estava no solo no aeroporto de Beirute, disse a fonte.

Constantinos Rousso, irmão do cantor, disse à Associeted Press que este voara aparentemente para Paris com uma companheira de viagem não identificada.

Rousso, famoso pelas suas baladas, reside em Monte Carlo, mas possui outra casa nos arredores de Paris.

Mengele ainda atemoriza

Técnicos alemães-federais, israelitas e norte-americanos chegaram sábado a São Paulo para participarem na última fase das investigações para determinar se o criminoso de guerra nazi Josef Megele morreu no Brasil em 1979.

Os peritos estrangeiros visitaram o Instituto de Medicina Legal de São Paulo, onde decorrem os trabalhos para determinar se o cadáver exumado do cemitério de Embu a semana passada é o de Mengele, conhecido por o «anjo da morte».

Os dados já recolhidos indicam que o cadáver corresponde a um homem, branco, de 1,75 metros de altura e mais de 60 anos, características que em princípio correspondem às de Mengele.

Resta reconstruir o crâneo e comparar os dados obtidos pelo estudo do cadáver com os que dispõe os peritos estrangeiros, designadamente radiografias e fichas médicas de Mengele.

Um dos fémures recolhidos no cemitério de Embu, por exemplo, apresentava uma deformação que presumem os investigadores brasileiros, poderá corresponder a uma fractura sofrida por Mengele num acidente.

O responsável da Polícia brasileira pelas investigações, Romeu Tumba, declarou que a presença dos peritos estrangeiros é importante para que no futuro não haja dúvidas sobre os trabalhos realizados em São Paulo.

Sexta-feira os técnicos determinaram que os documentos encontrados pela Polícia brasileira na casa do casal austríaco Bosser são de Mengele, confirmando que o «anjo da morte» esteve no Brasil nos anos 60-70.

Mengele é responsável pela morte de 400 mil pessoas no campo de concentração nazi de Auschwitz.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, «Diário de Lisboa»/SetePonto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Filatelia

Vendo melhor oferta selos estrangeiros carimbados. Espanha-Inglaterra-França-Bélgica-Suíça-Itália-Argentina-Holanda-Alemanha-Brasil.
Contactar tel. 664 508 das 9H às 12H.

Motorizada — compra-se

Compro motorizada com mudanças à mão, barata, não importando que esteja em mau estado de conservação. Apartado 1867 — 1018 LISBOA CODEX.

Fiat 127 — 900 C (branco)

Com excelente aspecto e sem qualquer problema. Tem 48 600 km e é de Nov.º 81. Vendo por Esc. 400 000$00. Contactar telfs. — 659913 (até às 18H) e 9813061 (Fim-de-semana).

Autocolantes

Pretendo trocar autocolantes de qualquer espécie sobre qualquer assunto e Pelos de todo o Mundo.
Luís Miguel Cardoso — R. Paulo Reis Gil, 9-4.º Esq — 2745 QUELUZ

Casa — Férias

Mês de Julho, aluga-se casa em Moinho de Caixas, local muito sossegado, situado a 3 km da Praia do Meco e a 7 km de Sesimbra. Telf. 2292260.

Olá de novo!!

Nós chamamo-nos Orlando Serra e Tiago Felgar, pertencemos a um grupo chamado «ZF» (Zebra Force), que são os melhores cá do sítio. Os pertencentes a este grupo são: Paulo «Dercos»; Gordo «Biomanam»; Brutalidade «Rochuchudo»; Paulo Alexandre «Esmatákué»; João Fininho; Orlando «Bonzão»; Tiago «Bonzão»; Joca «Rodinhas». Tchau!
Zebra Force Tiago, Zebra Force Orlando ZF, ZF, ZF Zebra Force.

Renault 9

Vendo Renault 9 com 16 000 km de 83. T. 363773 de Lisboa.

Máquina de escrever

Escritor (não de ficção) precisa máquina de escrever, preferência portátil. Se não utiliza a sua, venda-ma, barata. J. Campos. Telef. 2470336.

Carabina 22

Vende-se carabina BSA, calibre 22, completamente nova. Contactar telefone 2687798, depois das 19 horas.

Revista Manchete

Vende avulso várias colecções ou separados. Preço reduzido. Telefonar manhã ou à noite. Telef. 607415.

Baby-sitting

Aux. de educadora de infância, oferece-se para baby-siter. Telefone 604567.

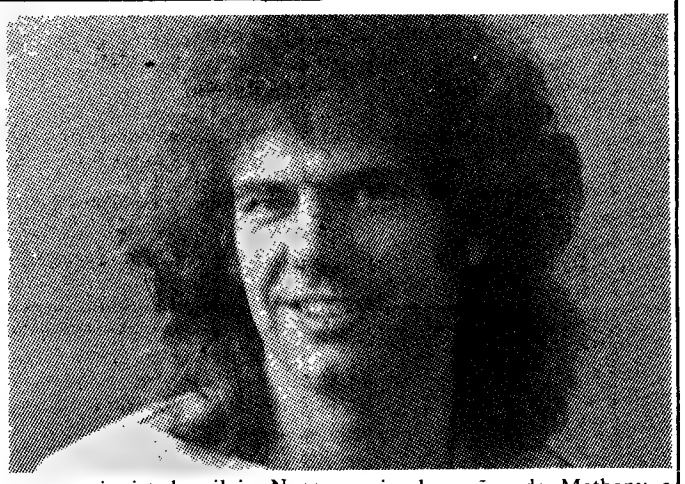
Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

A boa música ambiente

"First Circle", de Pat Metheny

Rui Eduardo Paes



«First Circle», do agrupamento actual de Pat Metheny, vem-nos trazer uma questão que é sem dúvida mais problemática do que tendemos a considerar: a atitude que tomamos na audição de uma dada música.

Pode-se **ouvir** das mais diversas maneiras. A experiência faça-a mesmo o amigo leitor: se ouvir o disco colocando-se na posição com que ouviria por exemplo um Coltrane, descontando nesta comparação quaisquer juízos qualitativos proporcionais, ele só poderá cair mal. Esta é uma música fluida, que de modo algum se pode, ou se deve mesmo, reter; uma música que discorre com leveza e efemeridade, correndo pela superfície. Deste trabalho se pode até dizer ser agradavelmente superficial, conceptual sem dúvida mas com uma refrescante perspectiva ligeira, acrescentando a esta, inclusive, outras dimensões.

Mas se o ouvir consciencializando-se do lugar que é o seu, o de uma música encenadora de ambiências, «First Circle» é então a melhor das tentativas do género: de apreensão auditiva instante e consumo imediato, este LP de composições de Metheny e de Lyle Mays, o teclista da banda, demonstra que a música com vocação mais comercial pode também ter uma qualidade original.

Se não é, na verdade, do que mais gosto, estando mesmo longe das minhas preferências, posso no entanto afirmar que é dos discos do guitarrista, incluindo também os «de fundo» e que bastante apreciei (caso de «80/81»), que considero mais conseguidos e mais tocantes.

Uma presença influente parece ser aqui a do hispânico Pedro Aznar, que veio substituir o percussionista brasileiro Nana Vasconcelos, homem de irrequieta e constante busca que muito marcou a produção mais recente de Metheny mas que agora preferiu encontrar-se com algo de diferente. Aznar é, para além do fundo percussivo e da sombra guitarrística de Pat Metheny, a voz que caracteriza várias destas faixas. Um senão: a sua dispensável colagem ao estilo e ao registo tímbrico de Milton Nascimento, o que dilui o efeito global obtido, desvalorizando-lhe as virtudes que poderia ter. Na realidade, nunca pude compreender e aceitar as imitações ou repetições estilísticas, que não fazem mais que despersonalizar a música, mesmo que pelo reconhecimento possam trazer algumas receitas.

Paul Wertico, o baterista, e que até está a obter algum sucesso nos States, fazendo eco disso mesmo uma das últimas «Down Beat», parece-me muito esquemático e com um fraseado sem chama; Steve Rodby, no contrabaixo, ficou um pouco retido em segundos planos e apenas uma função estruturante — ou seja, o fundamental do que em «First Circle» se ouve veio das mãos de Metheny e Mays, demonstrando serem os hábeis instrumentistas que efectivamente são. Os sintetizadores de Lyle Mays são dos mais interessantes que se podem descobrir presentemente, com uma elegância e sobriedade de «approach» a que não tenho encontrado igual, e Pat Metheny parece-me estar a conceber da forma mais positiva a prática das mais recentes novidades tecnológicas no campo da guitarra, casos da utilização de um Synclavier conjuntamente com o seu instrumento («Forward March») ou da guitarra sintetizada («End of the Game»).

Se «Praise» fica de imediato no ouvido pela sua grande sugestibilidade melódica, extremamente afirmativa, uma outra composição lhe é em tudo o contrário, «If I Could», que vive de nunca tomar forma definitiva, de nunca se assumir, de não caminhar para qualquer desenlace plausível: é a música da contenção e da subtileza, da beleza aquietada e meditativa. 6 minutos e 54 segundos muito especiais.

(FICHA: «First Circle», Pat Metheny Group, ECM, 1984)

Henrique Santana e Ivone Silva num dos quadros mais curtidos

Revista volta ao bom caminho

"Não batam mais no Zézinho! já ultrapassou os 100 dias

«Não batam mais no Zezinho!», a revista do «Maria Vitória», ultrapassou já 100 dias de representações, um facto que vinha rareando, nos últimos anos, nas salas de espectáculos do Parque Mayer.

O êxito de «Não batam mais no Zezinho!» pode, no entanto, explicar-se, primeiro pela aposta dos empresários Ausenda Bastos e Hélder Freire Costa numa nova parceria de autores: os já consagrados nestas andanças Henrique Santana e Francisco Nicholson (mas pela primeira vez juntos) a que se ligou o estreante Mário Zambujal.

Com efeito, Santana, Nicholson e Zambujal souberam construir um texto novo, diferente e actual, mas onde está sempre presente o bom sabor da autêntica revista «à portuguesa», a que João Vasconcelos, Fernando Correia Martins e Nuno Nazareth Fernandes deram uma nova dimensão musical.

Por outro lado, pode dizer-se que muito raramente público e crítica estão em sintonia em relação a um espectáculo, mas neste caso particular não foi isso que sucedeu.

O público tem acorrido, num momento em que se pensava que a crise da revista era já irreversível e a crítica acolheu o espectáculo do «Mária Vitória» com grande entusiasmo.

O nosso crítico Carlos Porto escreveu no «DL»: «Que grande revista é a revista do Maria Vitória.» Com ele concordou Alcides Vieira, que não hesitou em afirmar que «Não batam mais no Zezinho!» é considerado um dos maiores êxitos no género. Tito Lívio afirmou que «o Maria Vitória tem uma revista para lavar e durar, enquanto Fernando Midões escreveu sobre a revista em causa que «soltou-se o espírito, a demagogia e o reaccionarismo foram mandados às malvas».

Dos melhores intérpretes da revista servem o trabalho da nova parceria, a provar que o género está afinal bem vivo e que, sempre que se saiba respeitar o gosto do público, permanece como seu espectáculo favorito.

Eugénio Salvador, Ivone Silva e Henrique Santana, excelentemente secundados por Linda Silva, Marina Mota e Carlos Cunha, constituem a base do elenco que conta ainda com a participação dos jovens Nuno Emanuel, Carlos Ivo, Maria Cabral, Fernando Mendes, Leonor Edviges, Marília Barroso, Alice Gomes, Raquel Almeida e Soraya Arrais e do corpo de baile. De destacar também a coreografia de José Luís Ardiz, a cenografia de Moniz Ribeiro e os figurinos de Helena Reis.

Uma parceria feliz: Santana, Nicholson e Zambujal

TEMA PALAVRA AO LEITOR

Carta aberta a Luísa Basto

Venho eu desde algum tempo acompanhando todo o seu trabalho discográfico, conseguindo quase por milagre encontrar os seus discos.

Verificando o seu percurso desde o «Avante» e «De pé ó companheiro», e nessa altura pouco mais fez, assisto ao vivo à interpretação do seu primeiro Álbum «Caminho e canto» o que achei extraordinário.

Sucedem-se «António Aleixo», «25 canções» «Luísa Basto ao vivo na S.F.U.A.P.», «Manuel da Fonseca», entre vários singles.

Que se passa Luísa Basto para que o seu trabalho e o de quem o compõe não seja divulgado?...

Como pode este País dar-se ao luxo de não disfrutar do belo prazer de ouvir talvez a melhor voz feminina portuguesa?...

Como podem estes governos ter uma política cultural de tal forma que os seus funcionários em postos-chave da rádio, da T.V. e da Imprensa se recusam a divulgar um trabalho que você e seu companheiro «João Fernando», talvez dos melhores compositores de música ligeira portuguesa neste momento, tão bem têm feito?...

Que crime cometeram vocês para que a cegueira partidária os não tragam ao grande público?...

Tive o prazer de assistir ao vosso espectáculo de lançamento do disco: «Luísa Basto e João Fernando Cantam Manuel da Fonseca.» Mais uma vez verifiquei perante uma casa com cerca de oitocentas pessoas a grandeza da sua voz, a importância do vosso trabalho colectivo e a certeza do vosso valor cultural.

Dei por mim com lágrimas nos olhos e perguntei-me: Será que o mal só vem da política cultural deste governo?...

Será que alguma mediocridade se uniu mais uma vez para combater a qualidade?...

Ou será que a factura do vosso combate pela Liberdade é assim tão difícil de pagar?...

Devo ser das poucas pessoas que têm o vosso trabalho completo, e tenho a certeza que mais tarde ou mais cedo ele será divulgado e apreciado. Reconheço no entanto que o povo português, ele próprio tão habituado a esperar por tantas coisas, não deveria esperar mais para ouvir a sua voz.

Esta carta aberta vai ser dirigida ao «D.L.» porque tem sido dos raros jornais que de vez em quando falam de si. No entanto segue uma cópia para a sua morada para que em si fique a certeza que eu oiço a vossa voz e não calarei a garganta enquanto a verdade não se verificar.

Com a esperança de ouvir mais trabalhos vossos.

Com grande admiração

Raul Crespo

R. Luís de Queirós, n.º 15 — 4.º Esq.

Cruz de Pau-Amora-Seixal

Procurar as razões

Carlos Porto

CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL, de Robert David MacDonald. Tradução, Adaptação e Encenação: Hermínia Tojal e Sande Freire. **Cenografia:** João Quintão. **Figurinos:** Augustus. **Interpretação:** Hermínia Tojal, Lucinda Loureiro e Miguel Rodeia. **Teatro de Todos os Tempos. Estreia:** Teatro Maria Matos, **2.5.1985.**

O espectáculo a que me vou referir passou já à história, melhor seria dizer, passou pela história, na qual não ficou a não ser como exemplo do que não se deve fazer em teatro. A sua própria insignificância remeter-me-ia para um merecido silêncio se não houvesse necessidade de a registar neste arquivo, que é também de casos perdidos, e de sobre ela reflectir mesmo que reflectir sobre teatro em Portugal seja, como tem sido, tempo perdido.

«Conferência de Alto Nível» é uma peça inglesa que parece ter obtido em Londres um grande sucesso, o que se poderá explicitar pela presença de Glenda Jackson. A peça põe em confronto duas personagens históricas que nunca se encontraram (o que não teria importância para o caso), Clara Petacci e Eva Braun, amantes de Mussolini e de Hitler, respectivamente. Parece ter sido intenção do autor fazer passar para aquelas mulheres os modos de ser, conflitos, disparidades que aqueles ditadores potencializavam. Existe uma terceira personagem, membro da Juventude Hitleriana pela qual deveriam passar as pulsões sexuais das duas personagens femininas. Calcula-se que esta peça proporia um discurso antinazi através de uma visão de aspectos sadomasoquistas das relações entre as duas personagens e dos seus duplos.

Embora à primeira vista este tema pudesse ter alguma validade dramática, o resultado, a julgar pelo que se viu no palco do Maria Matos, foi pouco menos que medíocre: a peça de R.D. MacDonald é um equívoco em que as personagens surgem atrozmente convencionais, os diálogos são falsamente conflituais, as situações se monotonizam, o que evidenciou a escassez de imaginação do autor para transformar o projecto numa obra dramática minimamente interessante.

As aparentemente parcas potencialidades do texto foram malbaratadas por um trabalho de encenação que agravou essas banalidades pretensiosas e, ainda por cima, as sobrecarregou com um espaço cénico de notável mau gosto e com uma direcção de actores que procurou um tom melodramático duma total incoerência. Se o mau gosto do cenário poderia ser ainda produtivo a maneira como se destruiu o seu principal signo — a cruz suástica — através da sua proliferação prova a incapacidade de leitura dos seus responsáveis (cenógrafo e encenadores).

Bem, e como se entendeu, um desastre. Desastres em teatro são admissíveis e, em princípio, não temos que nos surpreender com eles. Acontece, no entanto, que este espectáculo exigiu um determinado investimento: 800 contos do Ministério da Cultura. Ora, conhecendo-se o passado do grupo que produziu o espectáculo, passado que é exactamente uma sucessão de desastres, felizmente em pequeno número, como foi possível que o Ministério da Cultura subsidiasse este espectáculo? Como foi possível, ainda por cima, que esse subsídio fosse atribuído a um grupo que não dava garantias de um trabalho eficaz já que nem sequer um encenador conseguiu arranjar? Isto, enquanto outros grupos e outros projectos não eram subsidiados ou recebiam subsídios menores. E para esta reflexão que convido o leitor. Quanto àqueles que dispensam o dinheiro do Estado para isto, não vale a pena pensar mais neles. Esperemos que venha finalmente uma varridela a sério para que o teatro português conheça melhores dias, no que à matéria de política de subsídios se refere.

Valerá o ouro o seu preço?

Continuação da pág. 3

que encerra no seu seio as desejadas palhetas.

Para além dos mineiros só atingem este beco abissal o madeirame das escoras, o ar comprimido e a água das picaretas assim como o dinamite. Depois de cada explosão, uma vez passadas quatro horas, começam a extração e a evacuação do minério. Tudo é trazido para a superfície incluindo o pó que foi meticulosamente recuperado, porque, ao que parece, contem grande quantidade de ouro. A proporção total não é, no entanto, enorme. A média é de 8 gramas por tonelada de material.

Lingotes

Quase todos os anos são trazidos para a superfície perto de 10 milhões de toneladas de quartzo, antes de serem tratadas principalmente por meio de uma solução à base de cianeto, que permite separar o ouro do carbono. Depois é a vez do urânio ser extraído. Um trabalho de recuperação que necessita de importantes instalações industriais, antes de o metal em fusão tocar nas paredes do moinho de lingotes. Lingotes que os de lá de baixo nunca verão. Eles contentam-se, se assim se pode dizer, a lutar contra a matéria.

«É excitante, sublinha o director-geral da mina, M.R.G. Williams, **batermo-nos contra a natureza.»** Pode ser, mas que provação batalhar durante oito horas, coberto de suor e de água, sempre à mercê de uma derrocada, o acidente mais frequente. As minhas de ouro da África do Sul, porque muito profundas são por vezes as mais assassinas do mundo. As vítimas são os trabalhadores vindos dos **homelands**, que, depois de terem assinado um contrato, descobrem, passadas algumas semanas, um universo de que não faziam a mínima ideia. O **fanakalo**, uma espécie de esperanto rudimentar das minas, composto a partir de seis línguas, servelhes de meio de comunicação.

Quarenta e dois mil mineiros negros trabalham em Vaal Reefs, e trinta mil deles no fundo. Os seus salários variam em função das suas classificações. Mas, para aquele que luta contra a matéria, a média é de 600 a 700 rands por mês, mais um máximo de 200 rands quando a rentabilidade é boa. Terminado o seu dia entram nos hotéis, abarracamentos por vezes sórdidos para celibatários.

Em Vaal Reefs os dirigentes do **Anglo American** mostraram-nos o poço número 9. Um conjunto moderno, novo, a prova de que a sociedade sabe recompensar o preço do suor.

Seis mil homens habitam ali. Uma fábrica de dormir e de comer onde já se está mais à vontade. As cantinas estão sempre abertas. Uma cozinha gigantesca funciona permanetemente, entornando toneladas de alimentos para canalizações para dentro de carrinhos que são empurrados até ao refeitório. Aí é distribuida numa travessa de plástico a fim de reconstituir a força de trabalho dessa mão-de-obra que faz a fortuna da África do Sul.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO-GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «UM SEMI-REBOQUE» — PROC.º 307/85

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «UM SEMI-REBOQUE».
2. Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 17 de Julho de 1985, procedendo-se à abertura às 10H00 do dia imediato, 18 de Julho de 1985.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando-Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 90 000$00.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que, na 2.ª secção do 3.º Juízo do Tribunal Judicial de Sintra, nos autos de Acção Sumária registados sob o n.º 1058/84, que Custódio Pedroso Ferreira move contra Maria de Lurdes Gonçalves Filipe, com última residência conhecida na Rua Ferreira de Castro-Vila das Rosas-Várzea de Sintra, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando a ré para, no prazo de 10 dias, findo dos éditos, contestar a Acção pela qual o Autor pretende que a Ré seja condenada a pagar-lhe a importância de 76 053$90 proveniente de obras efectuadas numa moradia da ré.

SINTRA, 15 de Maio de 1985

O JUIZ DE DIREITO

a) António de Almeida Coelho da Cunha

A Escriturária

a) Maria Paula de Sousa Faria Fernandes

"D.L." 17/6/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 27 de Junho de 1985, pelas 14 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp-5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Interexport — Comércio Geral Importações e Exportação, SARL com sede na Av.ª Fontes Pereira de Melo, 35-12-A E Aviz Lisboa, no processo executivo n.º 3826/84, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse do escritório sito na Av.ª Fontes Pereira de Melo, 35-12.º/A e C e o respectivo rechelo a que se atribui o valor total presumível de 5 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 11 de Junho de 1985

O JUÍZ DE DIREITO,
Ilegível

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
Ilegível

DL. 17/6/85 – 2.ª Pub

Uma das obras gráficas que Manolo Valdas tem exposta no Porto

Exposições

● **Manolo Valdes** continua com a sua obra gráfica exposta na Galeria Roma e Pavia, no Porto, em dois horários: das 1430 às 20 horas e depois do jantar, das 21.30 às 23.30 horas.

● É importante preservar a estética da construção da casa alentejana e a organização do espaço que ocupa. Como a fotografia consegue manter viva a memória que o tempo tende a fazer desaparecer, **António Simões** fotografou portas, janelas e aldrabas do Baixo Alentejo, que até meio do próximo mês estão expostas em Vila Nova de Milfontes, no «pub» Manga Rosa. Porque «no presente, através de poras e janelas olhamos o passado...».

● Até ao dia 20 ainda pode ser vista na galeria de arte do Casino da Póvoa de Varzim a exposição «**Artistas estrangeiros de colecção particular**» que inclui obras de 34 autores. A lista integra grandes nomes da Arte Moderna, como Picasso, Poliakoff, Lanskoy, Gillian Ayres, Vasarely, Portinari e Jiri-Kolar entre outras. Algumas das peças são mostradas pela primeira vez em público e, a par dels, apresentam-se também artistas mais novos mas igualmente interessantes, como Bernard Metzger, Robert Schad e Barrio. A mostra encontra-se aberta ao público das 17 às 24 horas.

● Inugurada no passadosábado, a exposição de pintura de **Alda Nobre** pode ser vista diariamente na galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes, na Barata Salgueiro, entre as 14 e as 20 horas.

● Em Ovar, na Cooperativa Cultural «Sem Margem» mantém-se aberta ao público a exposição de artesanato em barro de **Arlindo Terra Fagundes,** das 16.30 às 18.30 horas e das 21.30 às 23 horas. O artista frequentou a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e tirou um curso de realização de cinema em França. Trabalhou em regime de colaboração para a RTP, tendo feito «Quatro Filmezinhos». Desde 1976 que se dedica à cerâmica.

Música

● Ainda dentro do âmbito das festas da cidade promovidas pela Câmara Municipal de Lisboa, realiza-se esta noite, pelas 21 horas, no Teatro Municipal de São Luiz, um concerto pela **Orquetra de Câmara de Lisboa,** sob a direcção do maestro e pianista Ilan Rogoff.

● No Jamaica, ao Cais do Sodré, continuam animadas as noites lisboetas, entre as 22 e as 24 horas. Hoje, o «copo» servido è **Jazz.**

● Na Rua Luciano Cordeiro, no n.º 24-A, está a decorrer uma Quinzena de Art'E Cultura Jovem. Iniciativa do âmbito político-cultural, a quinzena está aberta a todas as tendências artísticas dos jovens de hoje, e engloba especáculos que vão desde o teatro à música (rock e erudita), do vídeo à poesia e bailado. Assim, para hoje está prevista uma **conferência wagneriana** por Rui Zink, às 18.30 horas e mais tarde, já à noite, um espectáculo de rock com o grupo «**Xutos e Pontapés**», com início marcado para as 21.30 horas.

Cinema

● Na Cinemateca Portuguesa continua hoje o ciclo Jean-Luc Godard, com a prjecção d dois filmes (calma, nenhum delès é «aquele» de que o sr. Abecasis não gosta...). Assim, pelas 18.30 horas passa na tela o filme «Week-End» (Fim de Semana), de 1967. Mais tarde, às 21.30 horas é exibido «La Chinoise», realizado no mesmo ano.

● No Palácio Galveias, pelas 10.30 horas, os «putos» podem pedir aos pais que os levem a assistir à projecção audiovisual de «**O Leão e o Mosquito**», com narração do actor António Anjos. A entrada é gratuita.

DL CINEMAS

Uma cena do filme «Sexo Louco».
Realização de DINO RISI, com LAURA ANTONELLI e GIANCARLO GIANNINI.
Em exibição no Estúdio 444

Ⓟ

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2
BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Alfa 3
JERRY, TU ÉS LOUCO
de Jerry Lewis
(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h
5.ª semana

Alfa Club
TERRA SANGRENTA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 e 24 h

Apolo 70
— T. 763319
HOTEL NEW HAMPSHIRE
de Tony Richardson
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 e 24 h

Ávila
— T. 539930
O FIO DA NAVALHA
de John Byrum
(para maiores de 16 anos)
14.30, 17, 19.15 e 21.45 h

Avis
— T. 547163
INFIDELIDADES
(interd. men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio
— T. 795093
NEM GUERRA, NEM PAZ
de Woody Allen
(não acons. men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358
A SENHA DO GOZO
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil
— T. 530194
A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
JOVENS SEM RUMO
de James Foley
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A SOMBRA ASSASSINA
(não acons. men. 18 anos)
24 h

Cine Camões
— T. 324194
AVALANCHE
(n. acons. men. de 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
RUAS SELVAGENS
de Daniel Steinmann
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O GRANDE FILÃO
(n. ac. a men. de 18 anos)
24 h

Cinemateca
«WEEK-END»
às 18.30 h
LA CHINOISE
às 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
TUDO PODE ACONTECER QUANDO UM POLÍCIA E UM LADRÃO DECIDEM COLABORAR POR... 48 H
(para maiores de 12 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza
AMOR EM PERIGO
(para maiores de 12 anos)
15.30, 21.30 e 24 h

City Cine
— T. 549999
UM CADÁVER DE SOBREMESA
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Condes
— T. 322523
O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
O EXTERMINADOR 2
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
GENTE GIRA
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255
BREAKDANCE 2
15.30 e 18.30 h
Sáb., dom. e feriados, às 15.30, 18.30

Estúdio 444
— T. 768078
SEXO LOUCO
de Dino Risi
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21.30

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
NO REINO DE TARKA
(para maiores de 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Forum Picoas
— T. 541037

Auditório 1
ANA
de António Reis e Margarida Cordeiro
(para maiores de 12 anos)
19.30 h

Auditório 2
PANDORA
(para maiores de 17 anos)
19 e 22 h

Gemini
— T. 734009
JOVENS SEM RUMO
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2
JOGOS DE AMOR
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
A FÚRIA DO HERÓI
(para maiores de 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las-Vegas
— T. 631162

Sala 1
O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2
AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Montecarlo
— T. 681117
NA SENDA DO VÍCIO
(não ac. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
de B. W. L. Norton
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
RELAÇÕES ESCALDANTES
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olímpia
— T. 325309
INTRODUÇÕES ÍNTIMAS
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Pathé
— T. 821933
CLASSE
c/ Jacqueline Bisset
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O CASTELO DO PRAZER
(para maiores de 18 anos)
24 h

Politeama
— T. 326305
O GRANDE COMBATE
c/ Cheng Lung
(não acons. men. 13 anos)
às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Promotora
— T. 637180
FÚRIA CEGA
(int. a men. 13 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto
— T. 771378

Sala 1
O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.45 h
DO FUNDO DO CORAÇÃO
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2
JOGOS DE GUERRA
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.15 e 23.30 h

Sala 3
UM AMOR NA ALEMANHA
de Andrzej Wajda
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h

Sala 4
TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
OS DIABOS
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Quinteto
— T. 573407
2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
ENCONTRO COM O PERIGO
(int. a men. 13 anos)
24 h

Restelo
— T. 610375
O CAÇA-POLÍCIAS
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma
— T. 889192
O EXTERMINADOR
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
— T. 548560
FRANCESCA
(int. a men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
— T. 579144

Sala 1
BRAZIL
(para maiores de 16 anos)
15, 18 e 21.15 h

Sala 2
PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3
ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
ASAS DA LIBERDADE
de Alan Parker
(para maiores de 18 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
— T. 706666
TOP SECRET — ULTRA SECRETO
(para maiores de 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45

Vox
— T. 880808
A ÚLTIMA VALSA
(não acons. men. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Xenon
— T. 368480
RUAS SELVAGENS
de Daniel Steinmann
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?
(para todos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

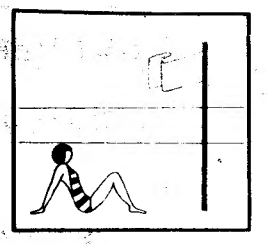
Linha de Sintra
AMADORA — Cinestúdio Lido — Passagem para a Índia, às 15.30 e 21.30 h (maiores de 12 anos).
AMADORA — Cine-Tetro Lido — «Viva a Música», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «Hotel New Hampshire», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Os Amigos de Alex», às 15.15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Espiões por Conta Própria», às 15 e 21.30 (maiores de 6 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «Fim-de-Semana em Oesterman», 21.30 (maiores de 12 anos)

Linha de Cascais
ALGÉS — Stadium — «Francesca, um Amor Impossível», às 21.30 (não acons. men. 18 anos)
CARCAVELOS — Atlântida — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ESTORIL — Casino — Jerry Tu És Louco
às 17 e 21.15
maiores de 6 anos

Outra Banda
ALMADA — Academia — Adão e Eva, às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos).
ALMADA — Incrível — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)

Porto
ÁGUIA DE OURO — «Esquadrão da Vingança», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 18 anos)
FOCO — «Os Amantes de Maria», às 14, 16.30 e 21.45 (maiores de 16 anos)
OLÍMPIA — «De Calcinhas Cor-de-Rosa», às 14.15, 16.30 e 21.00 (não acons. men. 18 anos)
PEDRO CEM — «A Amante do Tenente Francês», às 15, 18.30 e 21.30 (não acons. menores 13 anos)
SÃO JOÃO — «Christiane F.», às 15.30 e 21 (maiores de 18 anos)
TRINDADE — «História do Soldado», às 15.30, 18 e 21.45 h (maiores de 12 anos)

CUMPRA
os sinais das bandeiras



SE
sentir frio
saia da água
o mais depressa possível

Farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA: Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria**, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA: Internacional**, R. do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **CHELAS: Sacramento**, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **LAPA - SANTOS: Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

ALCÂNTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AMOREIRAS - ESTAÇÃO DA CARRIS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisdo Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Cabrita, P. Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 12 (T. 419697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777); **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 937740). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Permanente; **Solla**, loja D, lote 65 (T. 900724). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina,** Av. Victorino Nemésio, 14-A (T. 9214820) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384; **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. de São Roque da Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192.

DE DIA E TODA A NOITE

PEREIRÓ, R. da Preciosa, 35; **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola; **CARNEIRO BARBOSA**, R. da Firmeza, 99-A; **DA AREOSA**, R. D. Afonso Henriques, 1-5, Areosa; **ALMEIDA**, R. Castelo de Numão, 37.

TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — — Tel. 89 70 17

(De quarta a sábado, às 21.45).
«CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL».

Teatro Nacional D. Maria II

Praça D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

De terça a domingo às 18.30 e 20 h
Teatro na hora de ponta com a peça
«ELA NÃO SABIA SONHAR»
de Denise Chalem
encenação de Jacinto Ramos
com Fernanda Barasatti e São José Lapa

Sala Experimental

De 3.ª a sábado às 21.45

Sábados e domingos às 16.30
«A PAIXÃO DE MESTRE AFONSO DOMINGUES»
de António Patrício. Encenação de José Gil, com Mário Pereira, Lydia Teles, Lourdes Norberto e Carlos Duarte.

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).

«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).
«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 32 00

(De terça a sábado, às 21.30.)

«A NOITE DAS TRÍBADES», de Per Olov Enqvist. Encenação de Fernanda Lapa. Cenários e figurinos de Jasmim com Françoise Ariel, António Capeto, Alexandre Sousa e Margarida Carpinteiro.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).
«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

(De terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00).
«O BEIJO DA MULHER ARANHA».

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 14 (ao Bairro Alto) — Tel. 66 15 15/66 92 05

(De terça a sábado, às 21.00; domingos às 16.00.)

«RICARDO III», de Shakespeare.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira — Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).
«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).
«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.: César de Oliveira e Raul Solnado.

Teatro do Século

R. Século 41

De terça a sábado às 21.30

«ARTIMANHAS DE SCAPIN» de MOLIÉRE. Encenação de Rogério Carvalho. Cenografia de José Manuel Castanheira. Figurinos de Michel Ribó.

Teatro do Nosso Tempo

R. José Fontana — Tel. 57 40 37

(Às quintas, sextas e sábados, às 21.45).
«CANDIDATURA ZERO», interpretada por Adélia Loureiro, António Vasco, Elisa Lisboa e Maria José Pascoal.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 720818

(Quintas, sextas e sábados, às 21.15. Domingos, às 17)
«QUATRO PARA QUATRO»

(Sábados e Domingos, ás 15.00)
«HISTÓRIA DE UMA COZINHA»

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)

«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00
(Sábados e domingos, às 11.00)

«O CAMINHO DO COMBOIO». Criação colectiva de Celina Afonso, Eurico Pires e Victor Pi. Grupo **Fio d'Água.**

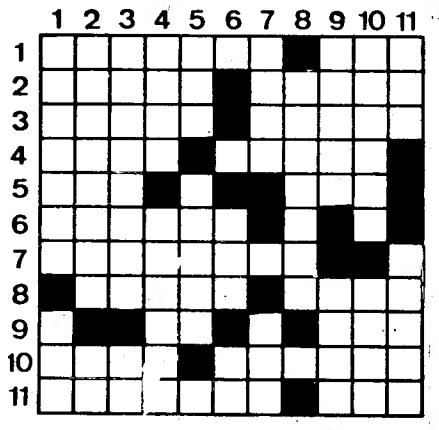
Ultimas sessões com este espectáculo para crianças.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 456

HORIZONTAIS:

1 Meio Almude. Cidade francesa do departamento de Vaucluse.
2 Desmonto. Fútil.
3 Cidade de França. Mete em atoleiro.
4 Hipopótamo da África Oriental. Ilha também chamada Cândia.
5 Antepassado. Rata (inv).
6 Ilha chilena da Polinésia.
7 Tornada um pouco doida.
8 Aldeia de Itália. Nome de qualquer guisado ou ensopado.
9 Prefixo de privação. Acreditei.
10 Aroma. Cidade da Inglaterra.
11 Desvairadas. Escudeiro.



VERTICAIS:

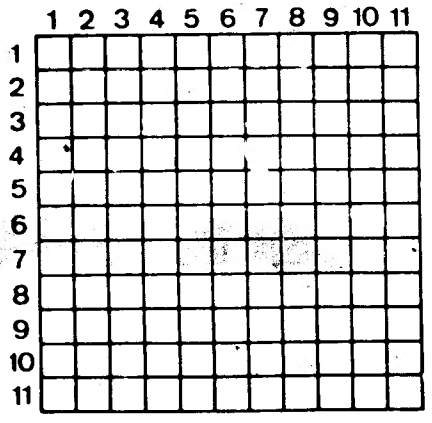
1 Cidade do Paraguai. Ecoa.
2 Autorizado. Vi.
3 Que têm nervos. Sufixo que designa estado.
4 Cerimónia praticada pelos chineses depois da morte dos pais. Inspiração.
5 Preposição e artigo (pl). Escultor francês autor de «O Beijo».
6 Artilharia antiaérea. Bário (s.q).
7 Vila e concelho do distrito de Aveiro. Em as.
8 Teimar.
9 Nitrogénio. Medida agrária dos romanos.
10 Descascara. Rebanho de gado miúdo.
11 Corda de rebocar. Intenso.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 296

HORIZONTAIS:

1 Pirilampo (em certas zonas da Baía, Brasil). Soleira da porta.
2 Um dos gases da atmosfera. Senhora.
3 Tempo do verbo ir. Cinge.
4 Pronome possessivo. Aniquilou.
5 Jogo de rapazes. Antiga unidade monetária da Alemanha.
6 Pular. Antiga capital da Birmânia.
7 Pega. Oceano.
8 Esteiros. Preposição latina que designa movimento. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
9 Queima. Rio de França.
10 Levas à toa. Alegria.
11 Pronome possessivo. Limpa metais.



VERTICAIS:

1 Variedade de chá. Crómio (s.q). Carta de jogar.
2 Que são do ar. Pequeno barco de recreio.
3 Espécie de preguiça da América tropical. Terminou.
4 Preposição e artigo (pl). Duas consoantes desiguais. Senhora.
5 Papá (inv). Pega.
6 Aplanas.
7 Arremessada.
8 Cidade de Portugal. Medida itinerária do Japão.
9 Ilha do Pequeno Belt. Nome de mulher.
10 Humilhados.
11 Olé. Maliciosos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 455

HORIZONTAIS:

1 PALAVRAS. ÁS.
2 Reima. Dândi.
3 Aro. Um. Or.
4 Nesta. Ba. Ri.
5 Ta! Adiar. Aa.
6 Oso. Mrs.
7 Fera. Ansa.
8 Helenes. V.º
9 Nelas. Api.
10 Alim. Gripal.
11 Oiã. Cremosa.

VERTICAIS:

1 PRANTOS. NÃO.
2 Aéreas. Heli.
3 Lios. Ofélia.
4 Am. Ta. Elam.
5 Valadares.
6 An. Gr.
7 ADUBAM. Eure.
8 Samarras. Im.
9 SN. Apó.
10 Adora. SOPAS.
11 Síria. Ávila.

PROVÉRBIO: Palavras não adubam sopas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 295

HORIZONTAIS:

1 Renas. Amiga.
2 Elias. Romãs.
3 Or. Crio.
4 Ossa. Res. Ta!
5 Só. In. Ais.
6 Tem. Cadelas.
7 Areal. Asi.
8 Rasca. Rer.
9 Asai. Pirata.
10 DD. Saa. Ar.
11 Caas. Síria.

VERTICAIS:

1 Recostaram.
2 El. Soeras.
3 Nios. Mesada.
4 Aarau. Ácida.
5 SS. Clã.
6 Cria. Ps.
7 Arrendarias.
8 Móis. Erai.
9 Imo. Alara.
10 Ga. Tias. Tai.
11 Assassinara.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Informação regional; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: Música portuguesa; **21.00**: Cozinha económica; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal; **00.00**: O dois do Quelhas; **02.00**: A arte de bem madrugar. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: Música de piano na era romântica; **16.00**: Música do século XX; **16.40**: «The Old Spagnoleta», de Farnaby; **16.45**: Trechos de óperas; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.35**: Música de todos os quadrantes; **18.00**: Poesia, de Fernando Pessoa; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Música de tecla; **19.00**: Música de Chopin; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.00**: Música de câmara; **20.40**: Antologia dos músicos portugueses; **21.05**: Os anos 80; **22.05**: O canto e os seus intérpretes; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Cabo da Boa Esperança; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Espaço Informação; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Passatempo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Alogicamente; **23.00**: Subterrâneos de veludo; **24.00**: Ondas luisianas; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Do dia para a noite; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entrecampos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.00 — «Tempo dos Mais Novos»
No espaço de hoje dos mais «putos», os adultos também podem ver mais um Conto de Andersen, «The Wild Swans», e um episódio do desenho animado retirado da banda desenhada «Yakari».

18.35 — «Notícias»
A primeira síntese noticiosa do dia, com informação desenvolvida das regiões.

18.55 — «Desportivamente»
Ora vamos lá ver o que se debate hoje desportivamente...

19.20 — Portugal Passado Presente»
A Nobre Vila de Olhão da Restauração: um deslumbramento para Raul Brandão, quando a visitou no já distante ano de 1922. Quanto tempo, deuses do céu! E hoje, como é? Eis o que Lagoa Henriques nos propõe no programa de hoje, a acompanhar com interesse e atenção.

19.50 — «Cartaz dos Espectáculos»
A lista do que você perde, leitor, se tem a desdita de viver fora de Lisboa e Porto...

20.00 — «Telejornal»
O País e o estrangeiro em acontecimentos noticiados com a habitual isenção, critério e bom gosto a que a RTP nos vem habituando desde o seu aparecimento.

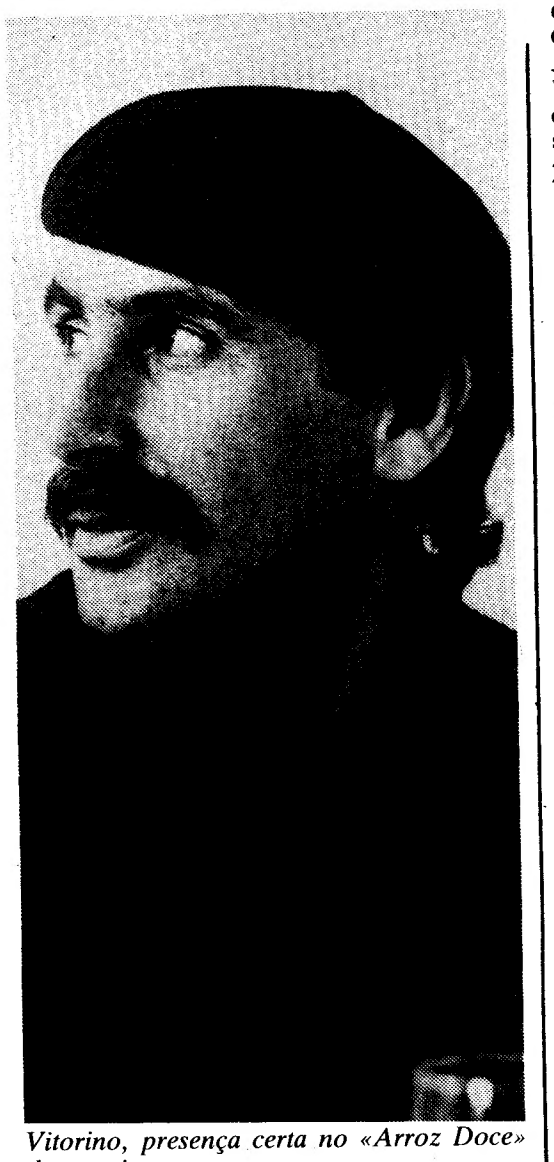
20.30 — «Boletim Meteorológico»
E os satélites meteorológicos, será que mentem? Não perca o tempo que irá fazer amanhã!

«Drama» em pílulas diárias: «A Sucessora»

20.35 — «A Sucessora»
José leva Marina à rua onde mora a afilhada de Juliana, mas não consegue encontrar a casa. Adélia encontra Luísa na igreja da Glória e pergunta o que é que ela está lá a fazer. Luísa responde que não tem que lhe dar nenhuma satisfação. Marina visita Roberto no trabalho e diz-lhe que, no momento, ele é o seu maior problema. Adélia pede a Isabel que vá ao jornal, para saber se Pedro Monte está lá, ou se está a fugir dela. Nesse meio tempo, Pedro Monte chega à confeitaria e encontra Adélia. Miguel chega a casa todo feliz, dizendo que foi intimado a candidatar-se a deputado e convida Guilhermina e Luísa para jantarem fora. Marina assusta-se ao acordar e ao ver o dr. Moretti e Roberto ao lado da sua cama.

21.15 — «Arroz Doce»
Em directo do Estúdio 1, Júlio Isidro enche(mal) o nosso serão televisivo. Hoje, vai falar-nos em diversos tons do «Ciúme», esse dom tão português, original como tudo o que aqui tem assento, pontuado pela presença de artistas como Vitorino, Tino Costa, um sexteto de cantores de ópera, Simone de Oliveira e Varela Silva, maestro Jorge Machado, Jim Diamond, Jorge Lima Barreto e a actriz Amélia Vieira. Isidro prometeu ainda a presença do autor de banda desenhada Vítor Mesquita: uma boa presença, sem dúvida.

Lagoa Henriques leva-nos novamente ao País profundo: «Portugal, Passado, Presente»



Vitorino, presença certa no «Arroz Doce» desta noite

23.20 — «Último Jornal»

RTP 2

19.30 — «Fausto»
Uma noite em cheio para os amantes de ópera. Dirigida por Erich Binder, a Orquestra da Ópera Nacional de Viena vai «apoiar» a interpretação da ópera «Fausto», de Charles Gounod, pela Ópera Nacional de Viena, em que participam ainda os respectivos coro e ballet. A encenação é de Ken Russel. Intérpretes: Francisco Araiza, Ruggero Raimondi, Georgio Zancánaro, Gabriele Benackova-Cap, Gabriel Sima e Alfred Sramek.

AMANHÃ

RTP-1
12.05 — «Espaço 12/13»
12.55 — «Vila Faia»
13.35 — «Ciclo Preparatório TV»
18.00 — «Tempo dos Mais Novos»
18.55 — «Século XX — O Mundo em Guerra»
20.35 — «A Sucessora»
21.10 — «O Corpo Humano»
21.45 — «Actual»
22.55 — «Tudo em Família»

RTP-2
19.30 — «Desenhos Animados»
19.55 — «Eurotreff Music 84»
20.30 — «O Mundo em Guerra — Portugal 1939-45»
21.00 — «Sessão das 9 — Passagem ou a Meio Caminho».

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU
Se quer parar de beber o problema é nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reunião dos
ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.as 4.as 6.as às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 21.15 «Arroz Doce»
RTP 2 — 19.30 «Fausto»
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

20.35 — «A Sucessora»

PORTE PAGO
Fundador **Joaquim Manso**

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUIZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 - 2 - 3 Publicidade: 36 67 40
Serviço da noite (depois das 21). Portaria: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
02.22 **3,50 m**	07.51 **1,20 m**
14.30 **3,70 m**	20.17 **1,10 m**

Dia 18

03.02 **3,50 m**	08.27 **1,20 m**
15.17 **3,70 m**	20.54 **1,10 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	13º
VIANA DO CASTELO	13º
VVILA REAL	14º
PORTO	15º
COIMBRA	16º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	16º
ÉVORA	15º
BEJA	14º
FARO	21º
SAGRES	18º
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	19º

Totoloto: 1º prémio para nove

Cada totalista receberá mais de 12 mil contos

Cada totalista do Totoloto desta semana receberá mais de doze mil contos, segundo previsão dos serviços de escrutínio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Isto, claro, na hipótese de serem nove. Porque ainda segundo os mesmos serviços, os finalistas poderão ser dez. Caso este palpite se confirme, então a cada um calhará pouco mais de onze mil contos.

As previsões do Totoloto desta semana, um «jackpot» de mais de 114 mil contos devido ao facto de não haver finalidades na anterior edição, apontam para entre 9 a 10 acertantes em todos os seis números do 1.º prémio (12 698 contos para cada um); entre 17 e 19 os apostadores com cinco números certos mais o «suplementar» (700 mil escudos para cada um); 2054 e 2260 os candidatos aos 3.º prémio que individualmente embolsarão 17 contos; entre 71 303 e 79 146 os apostadores com quatro números certos para o 4.º prémio, cabendo a cada um 700 escudos e 962 854/1 107 300 os que acertaram em três números e que, em princípio, não receberão nada porque o valor individual do prémio será de cerca de 70 escudos.

Recorde-se que no anterior «jackpto» do Totoloto apareceram três totalistas que entre si dividiram os 105 mil contos do 1.º prémio. No entanto, o maior prémio do Totoloto é o desta semana, no valor de 114 282 contos, a repartir em princípio por entre nove e dez totalistas.

Uma vez mais o último prémio (para os que acertaram em três números) não será distribuído.

"Não à central a carvão": ontem houve protestos

Representantes de mais de oito localidades da região de Leiria protestaram ontem contra a anunciada construção de uma central termoeléctrica a carvão que a EDP pretende instalar no concelho de Pombal.

Organizados no movimento «Não à Central de Carvão», os populares divulgaram, após reunião realizada na freguesia de Monte Redondo, um comunicado onde anunciam que vão apelar às Câmaras de Leiria, Pombal e Marinha Grande para que impeçam a instalação da central.

O movimento «Não à Central a Carvão» afirma-se consciente «dos efeitos perniciosos que tal instalação acarretará para a saúde dos habitantes e interesses económicos da região».

O movimento é integrado por elementos das populações de várias localidades, entre as quais as de Monte Real, Monte Redondo, Caniço, Louriçal, Mata Mourisca, Guia e Coimbrão.

CVP faz campanha em Vilar Formoso

A Cruz Vermelha Portuguesa de Vilar Formoso realiza no período de Verão uma campanha de assistência na fronteira destinada a emigrantes, estrangeiros ou passantes — disse domingo à ANOP José Andrade, presidente daquele organismo.

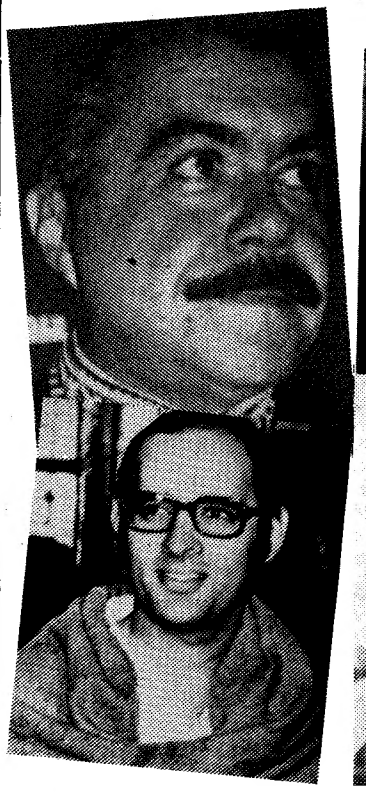
A campanha visa prestar assistência sanitária e medicamentosa junto dos transeuntes da fronteira no período compreendido entre 20 de Julho e 10 de Agosto.

José Andrade disse ser necessário realizar acções permanentes neste posto fronteiriçpoque congregue vários organismos de carácter assistencial e oficial.

Observou que em Vilar Formoso «acontece muitas vezes o insólito e o inesperado e muitas vezes não é possível acorrer às necessidades devido à inexistência de estruturas de base».

No período em que decorre a campanha, a realizar em coordenação com as autoridades da Cruz Vermelha espanhola, o posto da Cruz Vermelha em Vilar Formoso vai funcionar permanentemente.

DECLARAS



JOSÉ SARNEY, presidente brasileiro, declarou ontem que a dívida externa dos países latino-americanos «não pode ser paga com a fome e o desemprego dos povos». Sarney falava em Brasília na cerimónia inaugural do VII Congresso Interparlamentar Europeu-Latino-Americano, na presença de 300 delegados dos países membros das Comunidade Económica Europeia e das Nações da América-Latina governadas por regimes democráticos. Na sua intervenção, o presidente brasileiro advogou o alargamento do diálogo entre ambas as regiões de molde a fortalecer a cooperação e o intercâmbio comercial entre a Europa e a América Latina.

RAMALHO EANES esteve ontem na Feira Nacional da Agricultura, em Santarém. Convidado pela organização do certame, o Presidente da República cruzou-se na Feira com Freitas do Amaral, que ali se deslocou acompanhado por José Manuel Casqueiro. Eanes encontrava-se acompanhado pelo chefe da Casa Civil da Presidência, Caldeira Coelho, pelo chefe do gabinete, coronel José Pimentel, e outros colaboradores próximos. Por seu lado, Freitas do Amaral teve a acompanhá-lo, para além do secretário-geral da CAP, elementos do PSD de Santarém e do Cartaxo.

SALGADO ZENHA defendeu sábado em Lisboa que se o «PS não modificar a sua política de alianças está condenado a um gueto político nos próximos anos». Zenha, que falava no programa «Nem Mais Nem Menos» da Antena 1, defendeu, referindo-se às eleições presidenciais, que o «PS deve apoiar um candidato simultaneamente apoiado pelo general Ramalho Eanes». Sobre o PRD, Zenha adiantou que «nada obsta a que se abram alianças» com aquele partido — e «deve até admitir-se uma aliança a três partidos — PS, PRD e PSD», acrescentou. Salgado Zenha considerou ainda que «neste momento não há alternativa para a realização de eleições legislativas».

RAJIV GANDHI, primeiro-ministro indiano, declarou no final da sua visita aos Estados Unidos que as conversações que manteve com Ronald Reagan foram «muito cordiais e calorosas». Gandhi, que falava num jantar que lhe foi oferecido em Houston pelo vice-presidente norte-americano, George Bush, afirmou que as divergências entre a Índia e os Estados Unidos são solucionáveis. Rajiv Gandhi manifestou o seu apoio à efectivação de conversações sobre armas nucleares e a um programa de cooperação científica e tecnológica. O primeiro-ministro adiantou ainda que convidou Reagan a visitar a Índia e que o presidente dos EUA aceitou o convite.

JARUZELSKI, primeiro-ministro polaco, apelou aos membros do Partido Operário Unificado e da administração pública para que dêem o exemplo no consumo moderado de bebidas alcoólicas. Segundo Jaruzelski, o alcoolismo é uma praga social que está na origem, inclusivamente, da delinquência. Falando no encerramento do plenário do Comité Central do POUP, o dirigente polaco manifestou o empenho de lutar para que o partido e todos os seus membros tenham um comportamento digno e honrado. Jaruzelski citou como exemplo a União Soviética, onde, disse, as organizações e os responsáveis que não cumprem são abertamente criticados.

NINO VIEIRA, presidente da Guiné-Bissau, que parte hoje para Lisboa, visita oficialmente este mês a Coreia do Sul, a Tailândia e o Paquistão.

O Chefe de Estado guineense encontra-se amanhã com o Presidente Ramalho Eanes, seguindo depois para o Porto onde, na quarta-feira, terá uma reunião com empresários nortenhos.

De Portugal, Nino Veira seguirá para Paris e depois para a Tailândia, que visitará de 22 a 25, Coreia do Sul (de 25 a 28) e Paquistão, de 29 de Junho a 1 de Julho.

Congresso Internacional no Estoril

Qualidade é obstáculo à entrada na Europa

O presidente da Associação para a Qualidade afirmou que Portugal nunca chegará à Comunidade Europeia, se a qualidade dos produtos e serviços não vigorar no nosso país.

Almeida Júnior, falava a propósito da realização do 29.º Congresso da Organização Europeia para a Qualidade e o Controlo, que decorre até 21 de Junho, no Estoril. A sessão inaugural será hoje presidida pelo Presidente da República.

O objectivo número um do congresso é sensibilizar e informar os agentes económicos e consumidores relativamente às diversas variáveis que definem a qualidade, afirma Almeida Júnior.

No fundo, e para Portugal em particular, frisa Almeida Júnior, «o desafio que se apresenta face a um meio envolvente muito mais exigente é o de prepararmos as nossas empresas para responderem às suas congéneres europeias, por forma a queo o consumidor português não tome por bons produtos de má qualidade, só porque o rótulo é estrangeiro».

Os problemas que se vão discutir no congresso são de ordem técnica como de ordem humana, disse o presidente da Associação para a Qualidade, acrescentando que, sem técnica, não se consegue atingir os objectivos pretendidos, mas «os homens são os grandes vectores fundamentais da qualidade».

«Nem sempre o problema da qualidade é uma questão que se coloca ao nível dos materiais. É, também, e sobretudo — di-lo Almeida Júnior — um problema de transformação de mentalidades.

Daí — prosseguiu — o papel relevante que neste contexto ocupam a formação e a informação. Com elas poderemos avançar anos-luz».

O congresso internacional conta com 600 participantes e cem acompanhantes, de 35 países, e nele serão proferidas 105 comunicações.